

**MILTON PEREIRA DA LUZ**

**EDUCAÇÃO E GÊNERO: A RE-SIGNIFICAÇÃO DA  
MASCULINIDADE**



**UNIVERSIDADE CATÓLICA DOM BOSCO  
CAMPO GRANDE - MS  
2009**

**MILTON PEREIRA DA LUZ**

**EDUCAÇÃO E GÊNERO: A RE-SIGNIFICAÇÃO DA  
MASCULINIDADE**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação - Mestrado em Educação da Universidade Católica Dom Bosco como parte dos requisitos para obtenção do grau de Mestre em Educação.

**Área de Concentração:** Educação

**Orientador:** Dr. José Licínio Backes

**UNIVERSIDADE CATÓLICA DOM BOSCO**  
**Campo Grande - MS**  
**Maio - 2009**

### **Ficha catalográfica**

Luz, Milton Pereira da  
L979e Educação e gênero: a re-significação da masculinidade / Milton  
Pereira da Luz; orientação, José Licínio Backes. 2009.  
118 f.

Dissertação (mestrado) – Universidade Católica dom Bosco,  
Campo Grande, Mestrado em educação, 2009

1. Sociologia educacional 2. Sexo – Diferenças (Educação)  
3. Masculinidade e educação. I. Backes, José Licínio II. Título.

CDD – 370.19

# **EDUCAÇÃO E GÊNERO: A RE-SIGNIFICAÇÃO DA MASCULINIDADE**

**MILTON PEREIRA DA LUZ**

**ÁREA DE CONCENTRAÇÃO: EDUCAÇÃO**

## **BANCA EXAMINADORA:**

---

Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Maria das Graças Pinto (UFPEL)

---

Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Adir Casaro Nascimento (UCDB)

---

Prof. Dr. José Licínio Backes (UCDB)  
(Orientador)

**UNIVERSIDADE CATÓLICA DOM BOSCO  
UCDB**

*Uso a palavra para compor meus silêncios.  
Não gosto das palavras fatigadas de informação.  
Dou mais respeito às que vivem de barriga no chão  
Tipo água pedra sapo.  
Entendo bem o sotaque das águas.  
Dou respeito às coisas desimportantes  
E aos seres desimportantes.  
Prezo inseto mais que aviões.  
Prezo a velocidade  
das tartarugas mais que a dos mísseis.  
Tenho em mim esse atraso de nascença.  
E fui aparelhado  
Para gostar de passarinhos.  
Tenho abundância de ser feliz por isso.  
Meu quintal é maior que o mundo.  
Sou apanhador de desperdício:  
Amo os restos  
Como as boas moscas.  
Queria que minha voz tivesse um formato de canto.  
Porque eu não sou da informática:  
Eu sou da invencionática.  
Só uso a palavra para compor meus silêncios.*

Manoel de Barros

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço a Deus pelo dom da vida e por designar pessoas especiais que muito contribuíram para me fortalecer nos momentos de desânimo, me encorajando a prosseguir.

Aos homens do Bairro Nova Lima, que contribuíram com suas experiências de vida, de masculinidade re-significada.

Ao meu orientador, José Licínio Backes, pela paciência e dedicação.

À minha esposa e aos meus filhos, que souberam me incentivar e compreender minha ausência.

À FUNDECT - Fundação de Apoio ao Desenvolvimento do Ensino, Ciência e Tecnologia do Estado de Mato Grosso do Sul, pela concessão da bolsa de estudo, pois sem ela este trabalho não se realizaria.

Aos meus colegas de estudo, com quem convivi neste período e que compartilharam comigo: alegrias, tristezas, dúvidas, sonhos, esperanças e diferenças.

Luz, Milton Pereira da. *Educação e gênero: a re-significação da masculinidade*. Campo Grande. 2008, 118p. Dissertação (Mestrado) em Educação - Universidade Católica Dom Bosco.

## RESUMO

Todos os seres humanos carregam marcas herdadas ou construídas em suas relações que produzem e reproduzem suas diferenças. Essas marcas refletem no processo educativo e na construção da identidade de gênero. A dissertação, vinculada ao Programa de Pós-Graduação Mestrado em Educação - Área de concentração: Educação, Linha 03 - Diversidade Cultural e Educação Indígena, busca compreender as relações de gênero e a re-significação da masculinidade em situação de vulnerabilidade social. Os objetivos deste trabalho consistem em: a) refletir as relações de poder exercidas entre sujeitos masculinos e femininos frente à realidade de empobrecimento; b) descrever o conceito de masculinidade usado nas relações de gênero no bairro Nova Lima; c) identificar as possíveis mudanças na identidade masculina frente à vulnerabilidade social. A pesquisa foi realizada com moradores do bairro Nova Lima - Campo Grande/MS, do sexo masculino, participantes de programas de transferência de renda, que vivem e enfrentam a realidade de empobrecimento. A coleta de dados deu-se por meio de entrevistas semi-estruturadas e grupo focal. Observamos que as interações realizadas ao longo da história influenciam na constituição das identidades de homens e mulheres. Observamos, ainda, que os homens, frente à realidade de empobrecimento e vulnerabilidade social, colocam a identidade masculina “sob rasura”, buscando re-significar os conceitos trazidos, o que os leva a conflitos no seu relacionamento familiar e na relação com outros sujeitos masculinos e femininos.

Palavras-chave: Cultura. Gênero. Educação. Masculinidade.

Luz, Milton Pereira da. *Educação e gênero: a re-significação da masculinidade*. Campo Grande, 2008. 118p. Dissertação (Mestrado) em Educação - Universidade Católica Dom Bosco.

## ABSTRACT

All human beings carry marks inherited or built on their relations that produce or reproduce their differences. This marks are reflected in the educative process and on the gender identity construction. The dissertation, connected to the Post-Graduation Program and Master's Degree on Education – Area of Concentration: Education line 3 – Cultural Diversity and Native Education seeks to comprehend the gender relations and the resignification of the masculinity on situations of social vulnerability. The objectives of this work consist on: a) reflect the relations of power exercised between masculine and feminine individuals in face of a impoverishment reality; b) describe the concept of masculinity used on gender relations on the Nova Lima neighborhood; c) identify the possible changes on the masculine identity in face of social vulnerability. The research had been realized with residents of Nova Lima neighborhood – Campo Grande/MS, of the masculine gender, associated with the Revenue Transfer Program, that live and face the reality of impoverishment. The data collected had been given by semi structured interviews and focal groups. We observed that the interactions realized across the history influence on the constitution of the identity of men and women. We observed yet that the men, in face of the impoverishment reality and social vulnerability, put the masculine identity “under rasure”, trying to resignificate the concepts brought, taking them to conflicts in their family relations and on the relation with others male and female individuals.

Key- Words: Culture. Gender. Education. Masculinity.



## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	8
<b>CAPÍTULO 1 - REFLETINDO SOBRE AS RELAÇÕES DE GÊNERO</b> .....	17
1.1 Contextualizando as relações de gênero .....	17
1.2 Contextualização histórica e cultural do movimento feminista .....	19
1.3 O conceito de gênero.....	31
1.4 Relações de gênero e masculinidade.....	33
1.5 A re-significação da masculinidade .....	39
<b>CAPÍTULO 2 - EDUCAÇÃO E RELAÇÃO DE GÊNERO</b> .....	43
2.1 Educação: espaços para além da escola .....	43
2.2 Ambivalência e atravessamento.....	49
2.3 O desafio da masculinidade .....	52
<b>CAPÍTULO 3 - A RE-SIGNIFICAÇÃO DA MASCULINIDADE EM CONTEXTOS DE VULNERABILIDADE SOCIAL E OS DESAFIOS PARA A EDUCAÇÃO</b> .....	54
3.1 O caminho metodológico .....	55
3.1.1 Caracterizando os sujeitos da pesquisa e sua realidade .....	62
3.2 A paternidade e o cuidado.....	71
3.3 O trabalho.....	77
3.4 O medo.....	84
3.5 A violência .....	92
3.6 A esperança .....	101
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS, SEM FIM. ENFIM, PROVISÓRIAS</b> .....	108
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	112
<b>APÊNDICES</b> .....	115

## INTRODUÇÃO

Escrever sobre masculinidade me faz pensar, enquanto homem, na identidade que fui construindo ao longo dos meus trinta e oito anos. Sou o oitavo filho de uma família de nove irmãos, dos quais cinco são homens e quatro são mulheres. Deste grupo, sou o penúltimo, isto é, além de mim apenas mais uma criança. Meus pais vieram migrando da Bahia. Passamos pelo estado de São Paulo e fixamos residência em Mato Grosso do Sul, sempre trabalhando em fazenda, pois meus pais só possuíam a força do braço para sustentar economicamente sua família. Meu pai, sempre esteve ocupado com o seu trabalho no campo, lidando com peões, gados e cavalos; já minha mãe, também empregada da fazenda, ocupava-se com os cuidados da casa do patrão e com a alimentação dos peões. Dividia seu tempo entre nós (seus nove filhos) e seus afazeres de trabalhadora assalariada.

Com o passar do tempo, fomos crescendo, e a vida na fazenda foi trocada pela cidade em busca de estudos para os filhos. Olhando para esse contexto, percebo hoje que nunca se teve dúvida sobre qual dos dois - meu pai ou minha mãe - deveria abdicar do trabalho assalariado para se responsabilizar integralmente pelos filhos, talvez porque:

[...] o trabalho confere ao homem um status de independência que se limita ao âmbito financeiro. Uma de suas funções é dissolver o vínculo com a família, tornando-se sob o pretexto da independência, indivíduo comprometido com uma obsessão “produtiva” e com a reprodução dos valores da ordem capitalista (NOLASCO, 1995, p. 51).

Tomada a decisão, viemos para o município de Nova Andradina (MS), distante da capital do estado cerca de 350 km. Permanecemos distante de nosso pai muitos anos de nossas vidas, apenas recebíamos notícias dadas pela minha mãe, que dizia que ele

encontrava-se trabalhando em fazendas e que logo voltaria. As cartas eram de muitos lugares, pois o serviço do campo exigia de meu pai mudanças constantes.

As visitas aconteciam a cada seis meses ou uma vez por ano. Quando chegava, trazia histórias, conquistas, recursos adquiridos nesse longo período de afastamento. Essa situação proporcionou à família ouvir histórias, conhecer vários lugares o que resultou da ousadia de conviver com pessoas e situações diferentes. Minha mãe se virava como podia; sem conhecer ninguém, num lugar desconhecido, tornou se estrangeira<sup>1</sup>.

Com o passar do tempo, ela conseguiu ter um pequeno comércio, uma mercearia, que vendia secos e molhados. Os cuidados com a casa e com os irmãos menores ficaram para minhas irmãs (Luzinete, Cleonice e Elizabete), pois Lúcio e Maria Lúcia, irmãos mais velhos, já se haviam casado. A convivência era muito conflitante, cheia de brigas e brincadeiras, e o compromisso com a limpeza e com os serviços domésticos era organizados para que todos dele participassem. Após isso, todos jogavam futebol, brincavam de boneca, de casinha. E nesse ambiente fui crescendo, e a essas mulheres atribuo alguns conceitos adquiridos desde então.

O primeiro deles se refere ao modo de viver, o masculino e o feminino. Minhas irmãs agiam e pensavam diferente do que costumeiramente se pensa e age: na minha casa, o trabalho doméstico deveria ser realizado por todos. A divisão dos afazeres era determinada por minhas irmãs e assim não tínhamos como escolher ou opinar nas escolhas das atividades. Se alguém tentasse reivindicar, logo minha mãe aparecia e exigia o cumprimento dos serviços, de todos nós. Sendo assim, acho que havia uma divisão de atividades. Talvez não a divisão pelo sexo/gênero. A realidade de nossa família nos obrigava a cumprir coletivamente as tarefas.

Aprendi no lar, que não havia coisas de homem e de mulher. Todos tinham de aprender tudo: a lavar roupa, passar, cozinhar, brincar de casinha etc. Estávamos muito mais perto da cozinha do que na lavoura, na enxada, na frente do bar onde muitas masculinidades foram forjadas. E, por incrível que pareça, a pessoa que detinha o poder nesse ambiente era minha mãe, conhecida por Dona Tereza, a senhora dona do bar, que

---

<sup>1</sup> Estrangeira refere-se ao constante deslocamento, realizado para as diferentes fronteiras, proporcionando questionamentos e benefícios não imaginados. Significa não ter lugar fixo, ter que se locomover para buscar novas formas de vida, no caso, na tentativa de diminuir as dificuldades (BHABHA, 2005, p. 35).

aprendeu a negociar, comprar e vender com os viajantes. Era ela quem tomava as decisões tanto no bar, quanto em casa.

Todas essas mudanças tiveram grande impacto na legitimidade do modelo tradicional de divisão sexual do trabalho, que reserva ao homem o espaço da produção econômica e à mulher os cuidados da família. A nova posição assumida pelas mulheres nas práticas econômicas, políticas, educacionais colaboram para disseminação de valores igualitários nas relações de gênero (SORJ, 2005, p. 80).

Conviver com uma mulher, empreendedora, destemida, longe dos olhos manipuladores do marido, que vivia distante e, a cada seis meses ou um ano, vinha trazendo novidades de cada realidade vivida, forjou um jeito diferente de viver a masculinidade, exercitando valores igualitários nas relações de gênero. Os discursos do meu pai demonstravam que eram poucos os que poderiam sobreviver em lugares rodeados por histórias e mitos regionais. Meu pai falava da coragem e da força que um homem deveria ter, para ir para esses lugares distantes e perigosos, mas falava de saudade da família e da necessidade de uma mulher também ser forte para suportar esses fatos e resolver problemas. Todas essas identidades “estão localizadas no espaço e no tempo simbólico [...] suas ‘paisagens’ características, seu senso de ‘lugar’ de ‘casa/lar’, ou *heimat*, bem como suas localizações no tempo - nas tradições inventadas que ligam o passado e presente em mitos de origem que projetam o presente” (HALL, 2006, p. 71).

Essa realidade vivenciada pela minha família produziu em mim imagens e narrativas amplas e importantes na construção da identidade, já que se tratava de uma realidade multifacetada, repleta de encontros e desencontros, pois a ausência física de uma identidade masculina dominadora, impositiva, demonstrava sua determinação pela sobrevivência da família, porque, “para os homens, o trabalho não está associado à noção de escolha e sim de fatalidade” (NOLASCO, 1995, p. 54). Conseqüentemente os filhos se aproximaram muito mais da vida privada do que da vida pública. Isso significa que nos aproximamos muito mais do espaço que tradicionalmente era reconhecido como espaço da mulher, da vida doméstica, da maternidade dos afazeres leves e delicados em contradição com o espaço público, tradicionalmente reservado aos homens, o qual representava o esforço físico e mental, da liberdade das praças, bares e ruas onde os confrontos se mostram mais evidente.

Esse deslocamento constante entre o público e o privado, não nos revoltava, apenas vivíamos, sonhávamos e buscávamos responder plenamente com a simplicidade de criança, o que mostra que a divisão de trabalho por gênero não é natural e sim cultural, fruto da educação.

E assim, com meus afazeres domésticos, passei minha infância alegre, livre, cheio de brincadeiras. Uma infância marcada pelo jogo de bola no campinho de chão batido, coroinha das missas aos domingos, até que de repente me vi no seminário onde passei doze anos da minha vida, convivendo com outras masculinidades. Isso, de certa forma, foi o primeiro distanciamento do mundo infantil, pois não podia mais chorar, os horários rigorosos deveriam ser cumpridos em tempos determinados, longe da relação afetiva, de solidariedade.

No seminário, desconstruí meu conceito de masculinidade, em que os valores partilhados no mundo privado, como poder, serviço, conciliação, cuidado, persuasão, sempre foram elementos determinantes em minha vida. Marcas e dobras que se tornam visível na minha incansável busca, no meu encontro com a Igreja e no enorme comprometimento pelas minorias.

O homem forte, racional, que suporta sacrifícios, que era constantemente introjetado pelos ambientes do seminário, não conseguiu tirar de mim o medo e a sensação de solidão; ao contrário, fizeram com que, nas primeiras semanas, as lágrimas rolassem pelo rosto. Entretanto, a imagem de que “homem não chora”, deve ser “forte” é ainda reforçada pela instituição - Igreja - onde as imagens masculinas foram construídas na Idade Média, onde santos negavam o mundo, para dedicarem integralmente a Deus.

Acredito que nesse ambiente cheio de entre-lugares<sup>2</sup>, onde a contradição dicotômica entre mundo/céu, homem/deus, e vida/morte era muito mais constante do que a realidade social quase nunca tocada, aprendi que deveria ser centrado, único, racional. Pois o

[...] sujeito do iluminismo estava baseado numa concepção da pessoa humana como um indivíduo totalmente centrado, unificado, dotado das capacidades de razão, de consciência e de ação, cujo “centro” consistia num núcleo interior, que emergia pela primeira vez quando o sujeito

---

<sup>2</sup> Entre-Lugar, segundo Bhabha (2005) trata-se de um espaço de atravessamentos onde se possibilita o surgimento de novas posições, de novos sujeitos e novas realidades. Isto significa literalmente que constitui “abertura de um outro lugar cultural” (BHABHA, 2005, p. 62).

nascia e com ele se desenvolvia, ainda que permanecendo essencialmente o mesmo - contínuo ou “idêntico” a ele - ao longo da existência do indivíduo. O centro do eu era a identidade de uma pessoa (HALL, 2006, p. 10).

As revisões históricas da minha vida têm me levado a perceber que minha identidade masculina foi sujeitada a muitas influências, principalmente por estar minha família em constante mudança de cidade ou pelo ir e vir nas férias do seminário. As fronteiras eram vividas de forma simbólica e de forma material, à medida que se somavam as mudanças, nasciam novas esperanças e novo recomeço.

Fui convidado a deixar essa realidade aos vinte e quatro anos, no segundo ano da Faculdade de Filosofia, e fui viver minha vida de ex-seminarista. Vivi a sensação de incapacitado, excluído e comecei a me olhar como alguém diferente, estranho, que não tinha serventia.

Foram necessárias muitas re-significações, traduções, hibridações, diante do sujeito masculino que aprendera a ser. Numa luta entre o “eu e o mim”<sup>3</sup>, foram necessárias muitas negociações para que as identidades construídas encontrassem um porto para novas viagens, nesse novo homem que se dividia entre o trabalho assalariado para manter a faculdade e o trabalho que sustenta a alma - as atividades pastorais.

Em Campo Grande, residia com três irmãos, que, diante de nossas dificuldades, souberam me apoiar. Nossa casa tinha uma característica bastante peculiar, a porta estava sempre aberta, característica que se materializava na militância na pastoral da juventude. Vivi um período em que a Igreja tinha as pastorais voltadas para as comunidades eclesiais de base e uma teologia que anunciava uma opção pelos pobres.

Esses momentos foram marcantes em minha vida, quando tive dificuldades em exercer a identidade masculina, aprendida dentro desses doze anos com a realidade do mundo externo. Os sonhos e desejos vividos, os conflitos, negociações, traduções, resistência sempre foram causados por um imenso desejo de lutar pelos meus ideais. As

---

<sup>3</sup> Esta luta entre “eu e o mim” demonstra os confrontos internos. Sendo que o “eu e o mim” são distintos, porém são complementares. O “eu” é o que consigo expor, reflexões que consigo revelar. Por conseguir expor digo: “sou eu” é minha ideia. O “eu” parte das contingências históricas que o formata. O “mim” reflete as indagações, os pensamentos, os questionamentos que incomodam e provocam mudanças no eu. O “mim” é personalidade que não fala, mas grita. São os elementos que não consigo dizer, apenas sentir. Digo que são sentimentos, sensações, pensamentos que poluem as pessoas colocando sob rasura as formulações sedimentadas, exigindo novas atitudes e novos conceitos.

marcas que carrego comigo me possibilitaram viver situações um tanto que embaraçosas: uma delas, há quase quinze anos, quando conheci uma pessoa de olhos puxados, cabelos longos e negros, um sorriso encantador que, confesso, me fascinou, obrigando-me encher de coragem para conquistá-la.

A conquista deveria ser cuidadosa, meticulosamente calculada, para que desse certo. Precisava conhecê-la, conviver, e nada melhor que os espaços da Igreja, dos movimentos juvenis, ambiente alegre, com muitas identidades e possibilidades de encontros, até que tive a ideia de marcar reuniões na casa dos integrantes do grupo. Assim tive o primeiro contato com a família dela.

Com as marcas do seminário espalhadas em mim, pude ser comunicativo, espontâneo, carismático e servidor. Assim fiz amizade com muita rapidez com a dona da casa, Dona Célia. Como terena que é, receptiva, alegre, respondia positivamente a minha espontaneidade e ao meu desejo de conquistar. Montei uma estratégia: deixei que minha primeira construção de identidade masculina viesse à tona, colocava-me à disposição para ajudar nos trabalhos domésticos, sempre colaborei com elas e, literalmente, estava sempre na cozinha, o que causava estranheza para os demais homens da casa, que dificilmente ocupavam esse espaço dito por eles como feminino.

Em nenhum momento fui indagado, ficavam de “terenice”<sup>4</sup>, observavam minhas atitudes, e isso se passou durante todo o namoro até o casamento. Num instante de alegria para todos nós, a revelação do patriarca da família: - “agora sei que você é homem mesmo, pois o seu jeito de comportar ao chegar aqui, me fazia ter muitas dúvidas (coçando a cabeça).”

Ainda hoje me pergunto: Como ser homem e ser esposo de uma terena que dialoga comigo a partir de suas construções? Quais as contribuições que posso proporcionar? Tais questionamentos se transformaram em projeto e, a partir das vivências com essa família, observando as diferentes identidades masculinas que circundavam meu trabalho no bairro Nova Lima e minha vida particular, é que nasceu a ideia dessa dissertação.

---

<sup>4</sup> Termo utilizado pela professora mestre em educação e índia terena, Eliane Lima, para nomear atitudes específicas da etnia à qual pertence.

Decidi estudar como são vividas as masculinidades entre homens moradores do Bairro Nova Lima - Campo Grande/MS, como se dá a re-significação da masculinidade, frente às contingências históricas, sociais e culturais que circulam o ambiente de relacionamento humano. Essas pessoas vivem se encontrando como participantes de programas sociais marcados pela realidade de empobrecimento, isto é, sem condições econômicas e sociais. Tal realidade produz um sentimento de impotência, eles se sentem questionados, pois se veem desqualificados para prover o sustento de sua família e conseqüentemente não interagem com seus filhos, com outros homens, com sua esposa e outras mulheres. E isso, produz re-significações.

Assim esta pesquisa pretende proporcionar reflexões sobre a relação de gênero, principalmente sobre a masculinidade, que está em constante re-significação. Perceber que “as relações de gênero transformam-se e são mais dinâmicas do que as *caricatas descrições*<sup>5</sup> feitas pela pesquisadora italiana na década de setenta do século XX” (AUAD, 2006, p. 41).

Isso exige que a busca do saber seja mais ampla, porém rigorosa. Diante disso, optei pela pesquisa qualitativa, pois “a abordagem interessa apreender as percepções comuns e incomuns presentes na subjetividade das pessoas envolvidas na pesquisa” (MARQUES, 2006, p. 39).

Tendo a rigorosidade como princípio, fui observando nas entrevistas, nos sentimentos trazidos nas falas dos entrevistados, os elementos centrais nos processos de re-significação da masculinidade. E para compreender todo esse processo, esta dissertação foi organizada em três capítulos, porém articulada de tal forma que possibilita olhar a produção como corpo único, em simbiose. Sei que toda escrita desliza, mas busquei juntar os capítulos de modo que, ao ler estas páginas, perceba-se a articulação entre as partes.

No primeiro capítulo, por meio de uma abordagem histórica, poderemos compreender que as relações de gênero estão sempre em transformação e que estas relações, ao longo da história, foram afetadas por várias estruturas, como cultura, família,

---

<sup>5</sup> Vale ressaltar que as *caricatas descrições* (AUAD, 2006) são: meninos dinâmicos, barulhentos, agressivos, indisciplinados, desobedientes, negligentes, pouco aplicados, fortes e não choram. As meninas apáticas, tranquilas, dóceis, servis, disciplinadas, obedientes, metódicas, cuidadosas, perseverantes, choronas emotivas, frágeis. Auad (2006) ainda nos chama atenção para refletir que tais traços cristalizados rotineiramente aparecem como pano de fundo no cotidiano escolar. E estas práticas acabam reforçando imagens, e atitudes que hierarquicamente diferencia o masculino e feminino.



trabalho, religião e educação. Analisando os fatos desde os períodos clássicos até os períodos mais recentes, contribuimos na percepção de que é no “âmbito da cultura e da história que se definem as identidades sociais (todas elas e não apenas as identidades sexuais, mas também as identidades de raça, de nacionalidade, de classe etc.)” (LOURO, 2001, p. 12).

O segundo capítulo propõe uma reflexão sobre educação, levantando a questão sobre a articulação da escola no contexto social. Percebemos que tanto a escola quanto a vida no grupo social, na família, onde os homens as mulheres e as crianças vivem e sobrevivem, estão atravessados de significados, e estes estão sempre se articulando cada vez que se encontram. Nas entrevistas pude confirmar que, ao adentrar na escola, os saberes trazidos do contexto familiar passam por enormes re-significações. Da mesma forma, os saberes discutidos no ambiente escolar são re-significados. Isso me fez perceber que temos de pensar para “além”<sup>6</sup>, na perspectiva de decompor a forma limitada, de como os saberes trazidos do grupo familiar e do passado são discutidos no contexto escolar.

No terceiro capítulo, analisamos a coleta de dados obtidos por meio de entrevistas individuais e grupo focal. Num primeiro momento, especificamos os procedimentos metodológicos utilizados, como foi o contato com os sujeitos, as dificuldades e as angústias presentes. Depois analisamos algumas categorias, tais como: *cuidado*, uma atitude sempre divulgada como feminina; o *trabalho* ou, melhor, a falta de trabalho, que perturba a masculinidade; o *medo*, que os homens ainda têm dificuldade de assumir; a *violência*, como um efeito da vulnerabilidade; e, por fim, a *esperança*, que está ligada à satisfação das necessidades primárias. Em todas essas categorias, identificamos processos de re-significação da masculinidade. Vemos que a relação patriarcal construída ao longo da história “vitimiza” todos os envolvidos nas relações de gênero, e não só as mulheres, como por muito tempo se preconizou.

A pesquisa foi realizada no Bairro Nova Lima, com homens que participavam de programas – Bolsa Escola e Segurança Alimentar. Estes programas foram desenvolvidos pela Secretaria de Assistência Social tendo como referência a

---

<sup>6</sup> A expressão “além” refere-se a intervenção que estabelece uma fronteira: uma ponte onde o “*fazer-se presente*” começa porque capta algo do espírito de distanciamento que acompanha a re-locação do lar e do mundo - o estranhamento - que é a condição das iniciações extraterritoriais e interculturais” (BHABHA, 2005, p. 29).

vulnerabilidade das famílias assistidas. O encontro com estas pessoas foi facilitado pela convivência e proximidade do campo empírico, pois com isso pude visitar a casa de muitos destes entrevistados.

Nas considerações finais, retomo as principais questões desta pesquisa, os desafios que continuam e perguntas para as quais ainda não temos respostas, sinalizando para a realização de novas pesquisas. Entretanto pude perceber que o conceito de masculinidade está fragmentado, isto é, as referências tradicionais têm sofrido alterações e com isto múltiplas falas sobre a masculinidade. O porto que inspirava segurança sobre a definição do que é ser homem, já não consegue preencher os questionamentos e necessidades na atual sociedade. Isto tem levado a busca e a re-significação da identidade masculina.

# CAPITULO 1

## REFLETINDO SOBRE AS RELAÇÕES DE GÊNERO

### 1.1 Contextualizando as relações de gênero

Este capítulo destina-se a refletir sobre as relações de gênero em seus vários aspectos, uma vez que um gênero só pode existir na relação com o outro<sup>7</sup>. Enfatizaremos o caráter social, portanto, histórico, das diferenças sexuais. Com a preocupação de dialogar e oferecer reflexões sobre este tema, e reconhecendo a grande diversidade cultural em que nosso país está inserido, podemos nos perguntar como seria o Brasil sem todos os encontros de povos, de culturas, de mulheres e homens, diversos em sua concepção de masculinidade.

Essa situação pode ser observada em vários espaços e contextos sociais, evidenciada quando partimos para a periferia de uma cidade de mais de seiscentos mil habitantes, como é o caso de Campo Grande-MS. As desigualdades sociais, como em toda grande cidade, saltam aos olhos, e isso nos impulsiona cada vez mais a estudar e buscar compreender como se dá a relação humana, sobretudo a relação entre homens e mulheres.

Esta relação de homem e mulher, que hoje se compreende como relação de gênero, teve um grande debate, e inúmeras foram as reflexões ao longo da história, seja

---

<sup>7</sup> O outro que não sou eu. O outro diferente, aquele que me indaga e é desconhecido. O outro que é constituído do intraduzível, mas que se aproxima o suficiente para percepção das fronteiras. E isto nos provoca uma preocupação “com o outro, a qualquer outro, a seu rosto, a qualquer rosto, ao seu nome, a qualquer nome” (SKLIAR, 2005, p. 31).

legitimando as condições de vida entre homens e mulheres, que eram marcadas pelo patriarcado, seja questionando e subvertendo essas relações.

Basicamente pode-se falar de dois significados de gênero: o primeiro uso acredita que a identidade de gênero e os elementos que compõem homens e mulheres se constituem como fixos e, como tais, não sofrem variações, independente do papel social de gênero que a pessoa exerce. O segundo acredita que a identidade de gênero é afetada por uma variedade de estruturas sociais, incluindo etnicidade, trabalho, religião, família, cultura e educação.

Refletir sobre gênero, a partir da realidade de empobrecimento, nos leva a repensar as contradições e os desafios que o ambiente urbano nos remete. Destacando-se: as frentes de trabalho feminino que surgem em diversas áreas, a divisão do trabalho doméstico, o papel do homem diante dessa realidade imposta e, principalmente, a relação familiar e a condição masculina, pois a autocobrança se torna algo presente para o homem e para a mulher.

Isso porque, à medida que saem de casa para trabalhar, as mulheres subvertem o papel socialmente prescrito para elas no âmbito do privado. Elas acabam desencadeando muitas discussões. Algumas sobre a identidade masculina nos dias atuais, e outras revelam que as mulheres já não concordam com os padrões preestabelecidos, e lutam, e questionam o ficar em casa, não ter sua autonomia econômica, e não mais aceitam não ter seus prazeres satisfeitos (LOURO, 2004; NOLASCO, 1995; CONNELL, 1995).

Dar importância à constituição dos atributos sociais que caracterizam a masculinidade e a feminilidade significa aceitar que o gênero está em constante transformação, vinculado sempre a seu contexto histórico e cultural. Uma relação de gênero em torno de um conceito unívoco, determinado, pode aumentar as dificuldades de construir uma educação transformadora, evidenciando o confronto professor-aluno, aluno-aluna, etc. Entendemos que a relação de gênero é uma relação ambivalente (LOURO, 2004).

As relações de gênero vêm se constituindo, estabelecendo-se ao longo da construção histórica milenar e re-significando, a cada momento, o chamado “mundo dos homens” (BEZERRA DA SILVA, 2005). E este mundo dito dos homens é um mundo composto tanto por homens, quanto por mulheres, e elas, há alguns anos, já vêm

demonstrando e refletindo sobre suas insatisfações e assim questionam o papel dominador atribuído aos homens.

## **1.2 Contextualização histórica e cultural do movimento feminista**

Para entendermos a contextualização histórica do movimento feminista, temos de pensar que este movimento ocorreu de forma diferente nos diversos cantos do planeta, entretanto suas conquistas foram paulatinamente construídas a partir da interação e encontro de sociedades.

Na história das mulheres, podemos destacar as inúmeras modificações proporcionadas na história da humanidade, porém a visibilidade ocorreu a partir do século XVIII na Europa. Com o objetivo de mostrar que as relações de gênero não são naturais, mas construídas historicamente e culturalmente, optei por realizar um caminho reflexivo a partir das civilizações antigas, demonstrando encontros e desencontros, destacando a relação fronteiriça que há entre homens e mulheres. Os homens apoiados pelo Estado, pela religião, tiveram no patriarcado seu domínio, mas isso não significou o desaparecimento da ousadia feminina. Assim, podemos dizer que foi a história das relações entre homens e mulheres que produziu o movimento feminista.

Podemos perceber que, desde o período pré-histórico, a escolha pelo feminino era a partir das lutas entre homens por demarcação territorial, pois o mais forte detinha o respeito e admiração, podendo fazer escolhas e dominar o bando. Isso significava deter privilégios. Para o sexo feminino, ser a escolhida simbolizava fazer parte desse poderio, por mais que suas habilidades não fossem necessárias ao grupo, pois a “força” se sobrepunha às habilidades sensitivas, observadoras e de proteção carregadas pela mulher e nela identificadas.

Ao investigar gênero dando ênfase à relação social, Stearns (2007) nos revela os inúmeros intercâmbios, conflitos, mudanças no decorrer do tempo histórico, nas mais variadas culturas, e nos revela que, quando os seres humanos mudam suas atividades econômicas, também mudam as relações de gênero, não numa determinação do econômico sobre o gênero, ou gênero sobre o econômico, mas profundamente imbricados.

[...] A sociedade humana começou na base de pequenos grupos de pessoas, em bandos de caçadores e coletores. Com essa estrutura, as pessoas se espalhavam nas áreas mais habitáveis do mundo por volta de 12.000 a.e.c. Depois por volta de 10000 a.e.c. a agricultura foi introduzida no norte do Oriente Médio, mudando radicalmente a estrutura de vida nas regiões em que se estabeleceu [...]. A agricultura permitiu a geração de excedente com relação às necessidades imediatas. A partir desse excedente, um pequeno número de pessoas pôde se especializar em atividades não agrícolas, como o artesanato, religião e governo (STEARNS, 2007, p. 28).

O estudo da história tem nos levado a perceber que as características do feminino ou masculino foram frutos de influências. À medida que as atividades econômicas de caça e coleta para a agricultura se desenvolvem, e as civilizações agrícolas passam a ser mais complexas, segundo Stearns (2007), há um aumento da desigualdade entre homens e mulheres.

As dinâmicas de cada sociedade revelavam sua forma de articular a relação de gênero, isso porque o encontro com o diferente pressiona para que homens e mulheres busquem definir suas identidades, atitudes, funções. O encontro com o amplo e o variado, em suas mudanças sociais e econômicas, proporciona as definições do que homens e mulheres são e fazem. As relações de gênero influenciaram os modelos econômicos e os conflitos das sociedades. Devemos também destacar que, apesar das relações hegemônicas, sempre houve um grande número de indivíduos vivendo intensamente outras relações e insistiam em adotar padrões diferenciados.

[...] À medida que as civilizações se desenvolveram, a partir dos contatos e das limitações das trocas, os sistemas de gênero - as relações entre homens e mulheres, determinação de papéis e definições de atributos de cada sexo - foram tomando forma também [...]. À medida que os sistemas culturais, incluindo religiões politeístas, apontavam para a importância para as deusas, como geradoras de forças criativas associadas com fecundidade e, portanto, vitais para a agricultura a nova economia promovia a hierarquia de gênero. [...] (STEARNS, 2007, p. 31).

Diante do exposto, é importante conceituar gênero como uma profunda interação do masculino e feminino que se constitui histórica e culturalmente, fruto de relações de poder, e ressaltar que homens e mulheres vão se modificando, pois sofrem interferência de múltiplos fatores socioeconômicos globais. Entretanto, Nolasco (1995) enfatiza que, desde a infância, os homens são determinados a assumir valores *a priori* que

entram em conflito com as inúmeras relações a serem construídas, em que corpo, projetos, sentimentos, pensamentos e atitudes parecem modelados desde a infância. Isso significa um confronto entre as novas referências trazidas pela realidade externa e o mundo tradicional construído nas suas origens.

Stearns (2007) ainda demonstra que os contatos com o externo também propiciam ações e reações inesperadas, muitas vezes difíceis de prever. Algumas vezes, pela complexidade, podem promover condições melhores para as mulheres em relação aos homens, ou exatamente o contrário, haja vista que as relações costumam ser hierarquizadas e classificadas. No entanto, a identidade nunca é um dado *a priori*, nem um produto acabado, mas apenas e sempre o processo problemático de acesso a uma imagem da totalidade.

Segundo Woodward (2007), a identidade é marcada por meio de símbolos. A imagem é apenas um acessório da autoridade e da identidade, sendo que o acesso a esta só é possível na negação de qualquer ideia de originalidade. “Assim, a construção da identidade é tanto simbólica, quanto social. A luta para afirmar as diferentes identidades tem causas e consequências materiais” (WOODWARD, 2007, p. 10).

É precisamente a partir dessa extremidade do sentido e do ser, a partir dessa fronteira deslizante de alteridade dentro da identidade, que o outro deve ser visto, como uma negação necessária de uma identidade primordial, que introduz o sistema de diferenciação que permite a cultura ser significada como realidade linguística, simbólica e histórica.

[...] As questões da identidade cultural [...] têm provado ser tão inquietante e desconcertante para o povo caribenho justamente porque, entre nós, a identidade é irrevogavelmente uma questão histórica. Nossas sociedades são compostas não de um, mas de muitos povos. Suas origens não são únicas, mas diversas [...] (HALL, 2007, p. 30).

Refletir sobre gênero e suas representações, em busca de uma identidade do homem e da mulher em suas manifestações simbólicas, diante da realidade social à qual está inserida, significa que “a representação da diferença não deve ser lida apressadamente como o reflexo de traços culturais ou étnicos preestabelecidos, inscritos na lápide fixa da tradição” (BHABHA, 2005, p. 20). Entretanto que possa isso contribuir com o fortalecimento da cultura, em que a relação sempre se coloca com os diversos aspectos

pulsantes, como uma interação em constante transformação, sofrendo interferência econômica, social, cultural e étnica e das construções que se fizeram sobre os gêneros.

No período pós-clássico, focalizado entre 500aec - 1500ec, período de fortalecimento das sociedades antigas, passando a sociedade medieval pelo processo de transição e consolidação, os inúmeros contatos realizados favoreceram as construções de gênero, as formas como homens e mulheres definiam os papéis de gênero (STERNS, 2007), o que significou a expansão de costumes. Os costumes que cada sociedade tinha e mantinha, puderam ser reafirmados ou questionados a partir das novas ideias. Os mecanismos utilizados para constituir gênero nas comunidades clássicas em comparação com os novos grupos trazidos pelos contatos expansionistas foram marcados por muitos conflitos.

A mudança significou uma ruptura com os preceitos pregados, pois a participação ainda tímida das mulheres, quase sem expressão, abriu uma fissura que, no decorrer do tempo histórico, adquiriu importância. As grandes religiões absorveram em sua composição, fazendo com que a imagem de Deus se tornasse mais maternal e afetiva, sem tantas punições.

O contato com religiões desconhecidas podia ser um teste crucial para a questão de gênero, As grandes religiões - budismo, cristianismo e islamismo - insistiam na igualdade espiritual fundamental; as mulheres tinham almas da mesma forma que os homens. Assim, em princípio, elas podiam desafiar consideravelmente o patriarcado [...] a importância das novas interações, mas o tempo requerido para modificar hábitos de gênero já estabelecidos [...] (STEARNS, 2007, p. 45).

Essas novas influências não se deram sem conflitos e reações por parte dos homens, que dificultavam as transformações. As mudanças, quando ocorriam, eram complexas e, algumas vezes, limitadas. Na sociedade grega e romana, a noção de gênero causava certa ansiedade, confrontos e até mesmo gerando um patriarcado mais preponderante, uma masculinidade mais agressiva.

A sociedade grega, à medida que fazia contato com outros povos, teve uma influência menor do que outras sociedades, no que se refere ao direito feminino, pois as mulheres já possuíam alguns direitos, como o direito à propriedade e à proteção de acusações improcedentes feitas pelos maridos.



Podemos perceber isso nas descrições da viagem de Heródoto por volta de 484 a.C. que estudou Atenas. Ao mesmo tempo em que revela a violência ocorrida naquele período, como as relações sexuais e os rituais de núpcias, ele destaca comportamentos considerados estranhos, mas que sinalizam para conquistas femininas.

E os jovens concordaram, e daí em diante as mulheres passaram a guerrear e a caçar com seus maridos, “usando as mesmas vestimentas dos homens”. Várias questões relativas a gênero emergem desse relato de viagem. Em primeiro lugar, Heródoto com frequência considera os comportamentos das mulheres muito mais estranhos do que qualquer coisa que tenha encontrado, provavelmente uma decorrência natural de vir de uma organização fortemente patriarcal que tornava fácil rotular e exagerar a diferença[...] (STEARNS, 2007, p. 53).

Os gregos, contudo, com a convivência com mulheres mais liberais, ao ter contato com os outros povos, se viram na situação de admiração e também de crítica, pois o contraste refletia no cotidiano como discussão. Onde muitos defendiam a democracia e outros diziam que a falta de controle das mulheres pelos homens levaria aos caos.

Os romanos, por sua vez, submeteram a Grécia por volta de 271 a.C. Apropriaram-se do conhecimento dos gregos, de muitos costumes, absorvendo a filosofia, técnicas arquitetônicas, arte e etc. Entretanto, na questão de gênero, mantiveram a submissão feminina.

As relações de gênero nas sociedades antigas, em particular a grego-romana, proporcionaram reações ora ampliando as conquistas femininas, ora disseminando um sistema patriarcal mais rigoroso. As especificidades culturais fizeram com que “os contatos ajudassem a redefinir os papéis e *status* das mulheres” (STEARNS, 2007, p. 98) em grande parte do mundo afroeurasiano; entretanto a reprodução do patriarcado ficou mais acentuada, visto que se apoderaram das vantagens aparentes de tais modelos.

Nesse período de amplos contatos sociais, a transformação da idade antiga seguia um ritmo mais ou menos acelerado. E isso atingia não só um aspecto da vida social, econômica, mas todos os aspectos inclusive de gênero, o que logo foi percebido por todos, em particular pelos homens que detinham um determinado privilégio e domínio.

O modo de vida marcado por guerras, domínios culturais, unificação idealizada no Império Romano, fez com que inúmeros povos se encontrassem possibilitando novas

referências para a construção de gênero. As ações administrativas e políticas de poder acirravam as contradições internas de maneira a serem percebidas por todos. O Império Romano sujeitado ao enorme território e às migrações bárbaras entrou em decadência, como consequência dos novos hábitos trazidos dos diferentes povos que povoavam as antigas porções geográficas Romanas. A Europa do século III sentiu, então, as mudanças fundamentais na vida de homens e mulheres.

Iniciou-se, nesse período, uma intensa vida rural que fez com que a Europa tivesse um ritmo, aparentemente mais lento, que se consolidou no modo de produção feudal voltado para agricultura. Isso favoreceu o nascimento de pequenos grupos e reinos, facilitando um patriarcado mais sólido e dominador.

A convivência de homem e mulher importa do império romano muitas características, pois estava estruturada de tal maneira que influenciou as mais importantes sociedades.

Roma se manteve firmemente patriarcal, e, no geral, sua abordagem às mulheres foi mais dura do que nos estados helenísticos. Uma forte ênfase à família, retornando nos primeiros dias do Império, trouxe a reafirmação da autoridade masculina sobre, por exemplo, a questão do adultério [...] Os exemplos desse período na história do Mediterrâneo são complexos, mas sugerem uma fortemente uma imunidade a contaminação na questão de papéis de gênero, mesmo em meio a substancial diversidade cultural (STEARNS, 2007, p. 58).

Assim podemos perceber que a “relação de gênero” alicerçada no modo de vida romano, que tem no patriarcado a característica fundamental, influenciou muitos povos. Entretanto, à medida que os povos bárbaros iniciam suas migrações, as heranças comportamentais trazidas por muitos séculos de domínio Romano são colocadas em crise, revelando o surgimento de um novo modo de se relacionar na sociedade.

Com período da Idade Média e o surgimento de vários reinos, o comportamento social nas diversas sociedades, nos diferentes grupos hierárquicos e a vida de homem e mulher assumem dinâmicas próprias, tendo nas propriedades rurais especificidades exclusivas.

Havia um grande número de reinos e sociedades espalhadas pela Europa. Havia pouco contato com outras comunidades e um comércio em decadência, o poder estava nas

mãos do clero e dos senhores feudais. Esse sistema favoreceu a concentração do poder nas mãos dos homens. A mulher passou a ter uma vida mais doméstica, destinando-se ao cuidado com os filhos, à criação e ao cultivo de poucos produtos, desde que estes estivessem ao redor de suas casas. A indústria caseira também era uma responsabilidade feminina, porém a troca e a comercialização eram de responsabilidade masculina. Podemos perceber que, na convivência e na relação entre homens e mulheres neste período, “Os europeus tinham visões bem definidas sobre o que era certo ou errado com respeito ao gênero, e não se intimidavam em julgar os outros ou insistir em mudanças” (STEARNS, 2007, p. 93).

Essas visões bem definidas, devido à organização social, política, econômica e moral estarem nas mãos do clero, ou dos monarcas, ou ainda nas mãos dos senhores donos de terras, fizeram com que o feudalismo constituísse uma elite masculina e aristocrata. Havia uma dificuldade de promoção social, e isso facilitava a dependência da massa popular sem recursos aos mais ricos e poderosos.

A relação de gênero também seguia critérios semelhantes, pois os homens detinham o poder, e as mulheres deveriam obedecer sem ir contra os critérios determinados pela Igreja. A mulher, para a igreja neste período de Idade Média, simbolizava o distanciamento da vida religiosa e o “pecado”. Sendo assim, os valores atribuídos às mulheres eram ínfimos, as suas relações comunitárias eram imperceptíveis, proporcionando domínio e controle.

Observando esses períodos históricos, podíamos nos questionar sobre quando se iniciaram as relações de gênero. Onde a mulher e o homem ficaram mais próximos? Seria possível datar este momento? Segundo, Stearns (2007), a partir do momento em que homens e mulheres se encontraram e iniciaram as suas percepções da diferença sexual, iniciou-se a marcação da história de gênero.

Para a religião católica, isto pode ser evidenciado no momento da criação de Adão e Eva, que, segundo esse mito, foram criados à imagem e semelhança de Deus. Entretanto, politicamente, esse reconhecimento só ocorre no momento em que as mulheres evidenciaram suas lutas por meio do movimento feminista. Paralelamente, surgiram outros movimentos, grupos minoritários que ampliavam a reivindicação de direitos calcados nos

ideais de igualdade e liberdade, herdados da Revolução Francesa. A partir desse processo, a relação de gênero passou a ter tamanha importância que passou a ser mais investigada.

As interações entre o masculino e o feminino ao longo dos tempos são marcadas por diferenças, ambivalências, uma relação que se expressa através da história e da cultura em que ambos estão inseridos. Diante de sociedades tão distintas culturalmente, temos uma oportunidade ímpar de entender a cultura e perceber as mudanças e as muitas direções tomadas (STEARNS, 2007).

Para melhor compreendermos as construções e conceitos que atualmente temos de gênero, iremos contextualizar este tema percorrendo a história do Brasil, o período colonial, culminando com os movimentos feministas no Brasil.

O período colonial foi caracterizado fortemente pela monocultura e pela grande apropriação de terra nas mãos de poucos. O proprietário das terras era considerado o grande senhor, a cujo poder todas as coisas materiais e humanas, como escravos e família, estavam submetidas. Nesse sentido, o latifúndio colonial foi o grande incentivador do aparecimento e da manutenção da família patriarcal.

Nessa época, a relação homem e mulher pode ser caracterizada como de dependência e submissão. A esposa era considerada propriedade do marido, e os filhos homens eram priorizados em detrimento das filhas mulheres. Os homens eram os autênticos herdeiros das atividades agrícolas. As meninas tinham seu destino predeterminado para serem esposas fiéis e mães zelosas. Seus conhecimentos restringiam-se apenas à arte da renda, do bordado e da costura. Saber ler e escrever era privilégio de poucas pessoas.

A convivência social ocorria nas igrejas e em suas festas, lugar de encontros e namoros, momento esse privilegiado para demonstração do poder econômico e da escolha da futura esposa.

Com a vinda da Família Real para o Brasil, 1808, os grandes saraus e bailes, inicialmente restritos somente aos homens, passaram a dar acesso às mulheres. E assim, as mulheres passaram a frequentar aulas de danças e músicas. A alfabetização passou a ser um elemento importante na vida das pessoas. Entretanto o ensino para as mulheres era diferenciado, e o argumento utilizado fundamentava-se nas diferenças biológicas, isto é, argumentavam que as mulheres eram incapazes de dominar determinados conhecimentos.

A relação homem e mulher era marcada pelo domínio patriarcal, em que a mulher era destituída de direito, e o homem, que quisesse ser considerado como o tal, exercia todos os privilégios. Somente após o século XIX, no Brasil, é que vão surgir as primeiras organizações de mulheres lutando pelos direitos à instrução, ao trabalho e à participação na vida pública com as mesmas condições de igualdade do homem.

As atuais questões sobre gênero, bem como o conceito que foi utilizado a partir da década de 80 do século XX (pois gênero refere-se à relação entre os dois sexos, que são diferentes em seus mais variados contextos: social, político, afetivo e cultural), têm como referência a percepção de que gênero não é uma constituição simplesmente biológica, mas profundamente cultural. Percebemos que, na história, há diferentes relações de gênero. Essas relações marcam o relacionamento e o convívio humano:

Os historiadores apontaram a grande variedade de definições de feminilidade e masculinidade, e como se relacionavam com o funcionamento da sociedade não apenas à vida familiar, mas às instituições políticas e atividades econômicas. Eles examinaram como os padrões de gênero recomendados acabam influenciando o comportamento [...] (STEARNS, 2007, p. 16).

Para cada cultura, a concepção de gênero se diferencia, mas a supremacia masculina permanece na maioria delas. A relação homem e mulher historicamente construída prima pelo poder do “sexo forte” oprimindo o “sexo frágil”, e, na medida em que as sociedades se tornam mais complexas, a desigualdade entre homens e mulheres aumenta, mas, graças à luta das mulheres, essa desigualdade tem sido constantemente questionada.

Observar ser contínuo o processo de mudança é fundamental, mas valorizar determinados momentos é demarcar o território da mudança. Assim podemos afirmar que as mulheres pioneiras e os primeiros movimentos feministas chamados de “Primeira onda”, ocorridos no século XIX, tinham em sua pauta as contradições de sua época. Apresentaram um feminismo de reforma, pois, ao adentrar no mercado de trabalho como secretárias, enfermeiras, professoras e em indústrias, elas encontraram e enfrentavam condições precárias e conflitantes. Além da diferença de salários, as operárias ainda sofriam de assédio sexual. Muitas eram estupradas e até levadas à prostituição por seus superiores. Por isso o movimento feminista lutava e reivindicava instrução da classe operária e,

principalmente da mulher, pois viam nela o veículo de formação do novo homem e da nova mulher, e por consequência da nova sociedade, a sociedade democrática.

Já nos primeiros anos do século XX, o feminismo tornou-se não apenas forte como também muito respeitado. Cada vez mais mulheres reivindicavam a igualdade de direitos. E o voto era para elas o símbolo máximo dessa igualdade.

[...] o debate argumentando que as tarefas reprodutivas, os cuidados com a família haviam tomado muito tempo e as forças das mulheres. E que, para superar as condições da desvantagem em relação aos homens, principalmente como sujeitos atuantes dos espaços públicos, não era apenas necessário, ou melhor, suficiente o acesso das mulheres à educação formal, mas, principalmente assegurar-lhe liberdades para experimentarem para serem diferentes dos homens [...] (GONÇALVES, 2006, p. 28).

Isso se deve pelo fato de no séc.XIX, a participação social ter crescido e o movimento feminista ter organizado e realizado sua “primeira convenção dos direitos da mulher em Seneca Falls, Nova Iorque, em 1848” (GONÇALVES, 2006, p. 15).

Nos anos 60 do século XX, esse movimento tornou-se ainda mais ativo, sendo chamado de “Segunda onda”, que já questionava, junto a outros movimentos revolucionários, as relações de poder hierárquicas nos âmbitos públicos e privados, superando desafios, consolidando e fortalecendo a luta contra as discriminações machistas. O debate influenciou as militantes da década de 60 e 70, e fazia se sobrepôr à utopia da sociedade sem classes, da igualdade entre os sexos, retirando-se do espaço doméstico, atuando na base de poder, nas comunidades em que atuavam (PINTO, 2003; GONCALVES, 2006).

A partir desse processo, surgiu o que ficou conhecido como *terceira onda* que, após dez anos do auge das manifestações feministas, “não conseguiam encobrir uma sombra de decepção, que sombreia em livros e teses defendidas em livros” (GONÇALVES, 2006, p. 66). Além disso, havia uma previsão de que o fim do feminismo estava próximo, pelo conflito dualista entre mulheres e homens, e que a igualdade pretendida se baseava na reprodução de um modelo masculino, e ainda reconheciam que a sociedade produtiva tinha a competição e o sucesso econômico como referência, propunham impasses no movimento. Somava-se a isso, convicções religiosas, questões

culturais e a própria dinâmica do movimento feminista, revelando sua diversidade e acentuando as divisões.

[...] Além desses dilemas, as avaliações sobre os impasses sofridos pelo feminismo reconheciam o componente utópico do movimento revelado pelo insucesso de mudança da organização da sociedade com base na produtividade, na competição e no sucesso econômico por qualidade de vida, na realização pessoal e numa sociedade mais humana [...]. As próprias mulheres penetravam nos movimentos sociais, expressando suas inúmeras outras associações, e dessa forma se descobriram como diversidade dentro do próprio movimento feminista, que deixava de ser uma luta localizada (MATOS apud GONÇALVES, 2006, p. 68).

Segundo a autora, esses fatos constituíam o ‘encontro com as diferenças’, e essa característica iria permear todo o movimento feminista. Esses impasses repercutem até os dias atuais. Dessa forma, não há como desconsiderar as transformações sociais decorrentes das múltiplas intervenções promovidas pelo movimento feminista. Como também é impossível negar a história de opressão feminina ao longo dos últimos milênios em que vem imperando a cultura do patriarcado no seio da civilização ocidental (PINTO, 2003; GONÇALVES, 2006).

Embora haja grande diferença entre os pontos de vista dos diversos grupos, associar o movimento feminista com “ondas” nos leva a considerar as características dessas fases sempre com profunda relação à fase anterior, aproveitando alguns elementos, e reformulando outros num processo dinâmico de conquistas e avanços. O movimento feminista, em seu processo histórico de avaliação das relações ambivalentes entre homem e mulher, é fruto de vários anos de luta. O movimento feminista desconstruiu, na prática e na teoria, as tradicionais associações do feminino com a natureza, a emotividade e a irracionalidade, em oposição ao masculino em outro extremo, com imagem da fúria de uma sexualidade transbordante, perversa e incontrolável.

O descentramento das identidades que Hall (2006) destaca ao estudar a modernidade tardia proporcionou muitas mudanças que refletiam principalmente no surgimento do movimento feminista. As mulheres sensíveis aos novos tempos profundamente inseridas neste contexto em que as fronteiras se aproximam e desaparecem, reclamam e apontam atitudes altamente ambivalentes para além da realidade cristalizada, pois:

Criticaram, ainda, rígida separação das esferas sociais e sexuais, revelando que o lar não é o “ninho” aconchegante e tranquilo das folhinhas dos calendários ou das propagandas das revistas femininas, mas, tanto quanto o público, é lugar da competição acirrada, do exercício da violência de gênero e da ‘constipação simbólica’ [...] (RAGO, 2004, p. 35).

Isso provocou a necessidade de mudança nas relações de poder, ganhando força nas campanhas eleitorais, pois, sabendo que este assunto poderia gerar votos, e também já influenciados pelo debate tão acalorado, os candidatos associaram seu discurso a esta pauta, tendo inúmeros avanços no âmbito das políticas públicas.

Esse feminismo difuso não tem militante, nem organizações e muitas vezes, são defendidas por homens e mulheres que não se identificam como feministas [...] é discurso que transita nas mais diferentes arenas e aparece tanto quanto silencia o contador de anedotas sexista como quando o programa de um candidato à Presidência da República se preocupa com políticas públicas de proteção à mulher [...] (PINTO, 2003, p. 93).

Essa apropriação da temática para fins eleitoreiros proporcionou, entretanto, uma ação específica em que a mulher teve muitas prioridades. Um bom exemplo são os programas sociais dando prioridade às mulheres, programas específicos de saúde de atendimento à mulher, como também a criação de delegacias especializadas, campanhas de combate à violência e outras ações específicas.

A emergência da história das mulheres contribui para revelar a potencialidade e importância do caráter relacional de gênero. Resgatar essa história é fazer a reconstituição do processo e reafirmar que não é possível transformar nossa sociedade sem estar conectado ao fluxo histórico.

A discussão sobre o conceito de gênero possibilitou que homens e mulheres discutissem sobre suas diferenças num patamar diferente, pois as questões que estavam surgindo, exigiam que o confronto dicotômico do início do movimento feminista desse lugar a elementos mais abrangentes sem esquecer a historicidade. O conceito de gênero possibilitou esse caminho e por isso seu entendimento torna-se fundamental em nossa sociedade.



### 1.3 O conceito de gênero

A partir da década de oitenta do século XX, as feministas começaram a utilizar o termo “gênero” como maneira de referir-se à organização social das relações entre os sexos, e para denominar uma categoria de análise histórica. Assim gênero foi descrito como “um elemento constitutivo de relações sociais baseados nas diferenças de poder percebidas entre os sexos, e o gênero é a forma primeira de significar as relações de poder” (SCOTT, 1989, p. 15).

Ainda segundo Scott (1989), a história descreve esse processo de introdução da categoria gênero em segundo plano, como se essas posições normativas fossem produto de consensos, e não de um conflito na sociedade. Isso significava que cada ser humano nasce com um sexo geneticamente definido. Entretanto o gênero não faz parte de seu capital genético, e sim de sua bagagem sociocultural, política e histórica. O gênero enfocado como uma categoria sociológica traz novas possibilidades para se pensar a questão do homem e da mulher, articulando as relações sujeito e sociedade (SCOTT, 1989; BEZERRA DA SILVA, 2005; LOURO, 2004; CONNELL, 1995).

Ser homem ou ser mulher e, principalmente, agir de acordo com o que as pessoas na sociedade acreditam ser natural do homem e próprio da mulher, pouco ou nada têm a ver com essa natureza biológica e a fisiologia de cada corpo. A emergência de novas categorias sociais vem afetando a construção da identidade de gênero, baseando-se nas forças culturais e sociais.

[...] Ao longo dos últimos 20 anos, os modelos essencialistas de pensamento social têm sido desafiados por abordagens que apontam para o contexto histórico cultural no entendimento das questões da sexualidade. A partir de um novo enfoque - construtivismo social - a questão da sexualidade é percebida por meio dos significados culturais e das relações de poder que a constroem [...] (GARCIA, 2001, p. 37).

Dessa forma, o conceito de gênero não remete apenas às características biológicas e sexuais. O conceito de gênero articula o biológico e o sexual como parte do conjunto de elementos o qual deve ser levado em consideração na construção das identidades.

O que mais interessa na aplicação do conceito de gênero é como e de que forma as características biológicas e sexuais são representadas, em cada sociedade e em determinado momento histórico. Ou seja, o que social e historicamente se construiu sobre os sexos feminino e masculino, pois, na compreensão de gênero, as práticas sociais atuam sobre os corpos, e, em determinado momento, podemos perceber certas influências. Além disso, é no campo das interações sociais que as relações entre os sujeitos são estruturadas e conseqüentemente são marcadas pela relação social/histórica (SCOTT, 1989; LOURO, 2001; BEZERRA DA SILVA, 2005; GONÇALVES, 2006).

Assim, Scott (1989) destaca que gênero tem de ser redefinido e reestruturado em conjunto com uma visão de igualdade política e social que inclui não só o sexo, mas a classe e a raça. Diante dessa realidade, gênero é uma ferramenta para decodificar e compreender o sentido das relações complexas entre diversas formas de interação humana.

Louro (2004) também enfatiza que as relações de gênero não são naturais, mas construídas historicamente, isto é, “as relações entre homens e mulheres, os discursos e as representações dessas relações estão em constantes mudanças” (LOURO, 2004, p. 35).

Gênero é fruto de um processo, e seus atributos socialmente construídos variam no tempo e em conformidade com as diversidades culturais inerentes a cada contexto. Consta-se, entretanto, que tais atributos são de tal forma introjetados, que tendem a ser percebidos como parte da natureza de cada um, dando sustentação a toda ordem de relações interpessoais, quer no âmbito da política, da religião, do trabalho, quer nos relacionamentos sociais, parentais e afetivos (LOURO, 2004). Isso significa que qualquer atitude, seja ela considerada feminina ou masculina, é uma repercussão da realidade vivida no coletivo.

O conceito de gênero nos possibilita a compreensão particular de como homens e mulheres se desenvolvem num relacionamento social como pessoas que articulam novas respostas para o seu universo, pois os padrões de homem (racional, insensível) e de mulher (sensível, delicada) estão sendo desconstruídos (LOURO, 2004; CONNELL, 1995; NOLASCO, 1995).

Gênero ainda possui um caráter relacional e outro transversal. O primeiro implica considerar as diversas relações em que estão envolvidos homens e mulheres, que não podem ser compreendidos isoladamente, pois não estão soltos no espaço. O mundo

social é formado por homens e mulheres em relação mútua. O segundo aspecto é a necessidade de levar em conta as condições concretas da existência de homens e mulheres (SCOTT, 1989; CONNELL, 1995). Em outras palavras, não é possível desprezar, por exemplo, as diferenças de classe, raça e etnia, pois são questões que transversalizam a questão de gênero e que não podem ser esquecidas quando se busca a compreensão da condição de homens e mulheres no mundo.

Isso significa que essas referências marcam e deixam claras distinções sociais, podendo mulheres e homens sofrer caracterizações que dificultam suas conquistas. Para exemplificar tal realidade, pensemos na conquista de emprego de secretária em que duas mulheres disputam o cargo, e uma delas tem condições econômicas desfavoráveis não podendo investir em sua qualificação ou mesmo em sua apresentação. Isso mostra que classe, etnia e raça influenciam na localização de homens e mulheres no contexto social.

As experiências com o Grupo de Homens no bairro Nova Lima vem confirmando que as identidades de gênero socialmente construídas se refletem no processo de enfrentamento da pobreza. Isso vem mostrando que gênero, como categoria de análise das questões sociais, é um instrumento fundamental na compreensão das identidades adotadas no decorrer de suas vidas.

O processo que redundou na formulação sistemática do conceito de gênero, enquanto uma categoria de análise sócio-histórica, é ora descrito sumariamente, porque focalizaremos a questão de gênero sob o viés das masculinidades.

#### **1.4 Relações de gênero e masculinidade**

A palavra masculinidade surge no século XVIII para explicitar critérios de diferenciação entre o sexo masculino e feminino. A diferenciação ocorre justamente no auge da revolução industrial, período de consolidação do capitalismo industrial, que encontra no sexo um mecanismo para diferenciar salários de homens e mulheres, serviços e espaços, proporcionando lucros ainda maiores. Esta diferenciação acaba ficando estreitamente ligada ao movimento feminista e toma força a partir da conceituação de gênero.

Mas é o século XX que inaugura um novo momento histórico, com mudanças rápidas e radicais nos mais diversos aspectos da vida humana. Nestes tempos de assombrosos avanços tecnológicos, políticas globalizadoras, guerras intermináveis e imensas e crescentes desigualdades sociais, ocorre questionar, justamente, quais os efeitos dessas mudanças no âmbito das relações humanas e, particularmente, entre os gêneros.

A concentração mundial das riquezas atingiu tão alto grau, que gerou uma instabilidade social considerável. Aquele que é necessariamente assalariado passa por situação ainda mais cruel. Como não encontra trabalho digno, faz “bicos”, e a falta de oportunidades, associada à necessidade de sustentar seus familiares, acaba por abrir um caminho para as drogas e a violência.

O Neoliberalismo, sistema global que tende a prevalecer entre as nações e no qual a lógica do mercado passa a estruturar as relações sociais e políticas, é pautado em um individualismo competitivo e desagregador. Isso provoca a hipertrofia da liberdade individual e a desvalorização do princípio de igualdade, em prejuízo da cidadania social (SAFFIOTI, 2004; BEZERRA DA SILVA, 2005).

As transformações ocorridas no modo como homens e mulheres passaram a se relacionar nas últimas décadas são inegáveis. Modelos tradicionalmente impostos são confrontados com uma nova realidade que exige uma nova forma de ser no mundo, tanto para homens, como para mulheres.

Segundo Saffioti (2004), essa estrutura de poder tem forçado homens e mulheres ao sexismo. Vejamos:

As mulheres são ‘amputadas’, sobretudo no desenvolvimento da razão e no exercício de poder. Elas são socializadas para desenvolver comportamentos mais dóceis, cordatos e apaziguadores. Os homens, ao contrário, são estimulados a desenvolver condutas agressivas, perigosas, que revelam força e coragem (SAFFIOTI, 2004, p. 35).

O sexismo por sua vez reforça atitudes unívocas que vem exigindo do homem força e coragem e da mulher, atitudes dóceis e apaziguadores. Entretanto homens e mulheres estão vivendo um tempo em que se defronta com rápidas e drásticas transformações no contexto social. Isso se constitui um fenômeno que influencia as relações de gênero e repercute em toda a família.

Diante dessa realidade, os estereótipos do “macho provedor” e dominador estão sendo questionados fazendo com que os homens sejam tomados por um profundo sentimento de impotência, isto é, um sentimento de fracasso, de falta de referência e abandono. Os homens, neste novo momento, se sentem incapacitados para resolver seus problemas, pois esse novo contexto de transformação constante exige outros mecanismos e modos de resolvê-los. Há homens que verbalizam preferir morrer a encontrar-se em situação de impotência, pois neste caso - do homem forte - nem mesmo chorar lhe é permitido (SAFFIOTI, 2004; NOLASCO, 1995).

Todo este processo cria um debate em torno da identidade masculina a que se somam os movimentos como o feminismo e o gay. As reflexões apontam para uma crise da masculinidade do homem contemporâneo. O homem estaria sendo colocado em “xeque” porque estaria perdendo a noção de sua própria identidade, pois até então a identidade era vista como unívoca, delimitada pelas fronteiras biológicas. Sendo assim, os homens passam a buscar uma melhor descrição de si, em grupos heterossexuais, antissexistas, “homens que querem viver ‘outras’ relações com as mulheres”. Este fato conjuraria certo mal-estar como diria Bauman (2008), pois as respostas não são satisfatórias, e o Eu construído por muitos anos e consolidado pelo sujeito moderno, já não responde às novas indagações.

Todas as sociedades produzem estranhos. Mas cada espécie de sociedade produz sua própria espécie de estranhos e os produz de sua própria maneira, inimitável. Se os estranhos são pessoas que não se encaixam no mapa cognitivo, moral ou estético do mundo - num desses mapas, em dois ou em todos três; se eles, portanto, por sua simples presença, deixam turvo o que deve ser transparente, confuso o que deve ser uma coerente receita para ação, e impedem a satisfação de ser totalmente satisfatória; se eles poluem a alegria com angústia, ou mesmo tempo que fazem atraente o fruto proibido; se, em outras palavras, eles obscurecem e tornam tênues as linhas de fronteiras que devem ser claramente vistas, se, tendo feito tudo isso, geram a incerteza, que por sua vez dá origem ao mal estar de se sentir perdido (BAUMAN, 2008, p. 27).

A discussão em torno da diferença entre os sexos demonstra uma das características da crise da masculinidade, havendo experiências mais dolorosas e menos toleráveis. Compreendemos, assim, que a masculinidade hegemônica já não atende às demandas da vida cotidiana. Por outro lado, os homens deparam-se também com a

dificuldade de estabelecer parâmetros e valores que possam compor uma nova identidade masculina.

O conhecimento sobre a participação do homem na vida familiar e na formulação de políticas públicas é ainda escasso, dado que tradicionalmente a masculinidade tem sido menos estudada que a feminilidade. Recentemente essa temática está cobrando espaço no âmbito das ciências sociais, especialmente dentro da perspectiva de gênero. Isso faz com que os encontros do Grupo de Reflexão de Homens do bairro Nova Lima sejam fundamentais para aprofundarmos o conhecimento sobre a resignificação da masculinidade.

Segundo Monick (1993), as imagens por meio das quais a masculinidade é definida tem o “falo” como ponto de referência. Isso significa que o sexo era o primeiro ponto de partida para a diferenciação do homem e da mulher, utilizado por nossa sociedade. Porém estudos sobre a masculinidade têm enfatizado a diversidade de modelos masculinos, constituindo um fator significativo na construção da identidade de um homem, pois utiliza não só o elemento sexual, mas também múltiplas referências construídas no decorrer da vida das pessoas (NOLASCO, 1995; CONNEL, 1995).

Algumas mudanças sociais recentes tais como o ingresso da mulher no mercado de trabalho, as novas tecnologias reprodutivas, a produtividade intelectual feminina, têm causado impacto nas negociações no ambiente familiar. Os homens frente à economia de mercado, sem qualificação, tornam-se vulneráveis, sentindo dificuldades em re-elaborar suas vidas. Este desdobramento exige negociações na relação afetiva de homens e mulheres, pois a realidade polissêmica exige respostas e comportamentos constantes e imediatos.

Para o homem, essas mudanças são muito cruéis, pois os padrões tradicionais definidos pelo modelo patriarcal para o comportamento da masculinidade (ser o provedor, dar estudo para os filhos...), implicam ser aquele que primeiro toma as atitudes e busca oportunidades para aqueles que dele dependem. Entretanto as dificuldades vividas e anunciadas frente ao empobrecimento acabam sendo uma declaração de impotência e fracasso (CONNELL, 1995).

Segundo Bezerra da Silva (2005), o discurso masculino vem se modificando no decorrer de décadas, e constata-se que novos modelos vêm sendo adotados. Entretanto,

renunciar [...] “a uma representação que, ao longo dos anos, tem servido de modelo e referência para os homens construírem seus cotidianos, não representa tarefa fácil” (NOLASCO, 1995, p. 29).

“O que é ser homem?” Muitos ressaltam as seguintes características: autoridade, a honestidade, o cumprimento de deveres. Essas características mostram o masculino que cumpre o que tradicionalmente é seu papel. O resultado é uma tensão entre ser macho e ser masculino capaz de manter uma insegurança constante nos homens, e de impulsionar tanto a autodesvalorização como reações violentas contra outra/os (GIFFIN apud BEZERRA DA SILVA, 2005, p. 45) e até contra si mesmos.

Como afirma Bourdieu (1998), o tão falado privilégio masculino não deixa de ser uma cilada, visto que, para a manutenção desse *status quo* de macho dominador, o homem se vê obrigado a confirmar socialmente a sua virilidade a todo o momento. Justamente nesse processo, é que esses atributos acabam se confundindo, pela necessidade de recorrência ao uso da força para que seus propósitos sejam garantidos, ainda que em detrimento de outros sentimentos mais elevados, que sua condição de macho não lhe permite expressar, quiçá cultivar.

Bourdieu (1998) nos alertou que a condição de dominação masculina é uma grande cilada. Essa condição de que o homem não pode chorar, pois tem que ser forte, tem levado à ambivalência, isto é, revela um apelo, um pedido de auxílio, a necessidade de ser cuidado, que sua força é limitada. Entretanto assumir a condição da fragilidade é como se dissesse: eu não sou mais homem, eu não quero viver mais, eu quero mudar, vindo à tona seus conflitos de identidade, pois já percebe que o contexto social exige um novo modo de ser e viver no mundo.

O contexto social vai produzindo seus efeitos e, assim, os homens vão encontrando formas de conviver com as realidades. Os conceitos de masculinidade vêm continuamente assumindo outros formatos, o que provoca a indagação sobre a condição de ser pai, sobre o exercício de sua sexualidade, mas a questão do trabalho continua sendo a questão central na vida do homem.

No conjunto das histórias, as distinções entre estilos de masculinidades são mais elaboradas que entre as feminilidades. Nos relatos, antigos e recentes, o denominador comum no qual se assentam às considerações

sobre as diversas maneiras de ser homem é o trabalho (PISCITELLI, 2004, p. 193).

As identidades masculinas, na medida em que se constituem frente ao contexto social, ganham novas significações. Entretanto ainda prevalecem os padrões ligados à homofobia, isto é, o medo excessivo a pessoas do mesmo sexo. Esse fato torna-se responsável por muitos processos discriminatórios e violentos, e contribui para dificultar o cuidado consigo mesmo, pois muitos homens ainda acreditam que determinados tipos de exames destroem sua masculinidade.

Como consequência, muitos homens se recusam a fazer o exame de próstata por influência de estereótipo homofóbico. E este, por sua vez, produz comportamentos caracterizados pela violência, competitividade abusiva, e uma tendência à manutenção da opressão feminina, que se faz presente em nossa sociedade. Por outro lado, a realidade cultural mais diversa se estrutura, e um cenário onde se vê a gradação de masculinidades está surgindo. Isso significa que outros modelos de masculinidades estão em evidência.. Podemos perceber na mídia a exposição de homens mais afetivos, vaidosos, preocupados com saúde. No entanto é necessário mais estudo e pesquisa nesse sentido para compreendermos essa nova realidade (CONNEL, 1995; BEZERRA DA SILVA, 2005).

Os autores começam a sinalizar que a realidade vivida por homens e mulheres evidencia as questões acerca das desigualdades de gênero. De fato, as insatisfações são tanto de mulheres quanto de homens, e isso apenas reforça que o papel de dominador atribuído aos homens deixa de ser um privilégio e começa a ser colocado “sob-rasura”. Re-significar passa a ser a alternativa encontrada para que a relação de gênero seja mais dialogal.

Por outro lado, existe a constatação de que essas transformações estão condicionadas à questão da relação, uma vez que envolve o posicionamento das mulheres. Estas podem, ou não, aceitar as inovações propostas dentro das relações cotidianas. Isso porque é no cotidiano dessas relações que os atributos de gênero são reproduzidos e transformados.

[...] Contudo, as mudanças no comportamento de gênero masculino são de caráter ainda relativamente tímido e incipiente e, aparentemente, circunscritas a uma pequena parcela de homens pertencentes à classe



média e, portanto, munidos de um nível de instrução diferenciado [...] (BEZERRA DA SILVA, 2005, p. 49).

Apesar da afirmação de Bezerra da Silva (2005), como apontaremos no capítulo III, para o grupo entrevistado por nós, um grupo de baixa renda, esses questionamentos também estão presentes. Percebemos, em suas falas, que eles não se sentem confortáveis com a situação vivida. O estereótipo do “machão” recebe algumas “rasuras”, e assim a re-significação encontra um ambiente favorável. Diante disso, parece importante ressaltar a necessidade de se pensar metodologias e técnicas para se trabalhar a questão da alteridade<sup>8</sup>, “a reflexão crítica dos atributos de gênero e, com isso, favorecer a construção da diferença” (SAFFIOTI, 2004, p. 37).

Os homens moradores do Bairro Nova Lima, em particular os participantes dos grupos socioeducativos, começam a perceber que também podem falar sobre si e que, na medida em que são ouvidos, descobrem a possibilidade de se permitir escutar o outro e de identificar-se na fala do outro. Num processo de construção coletiva do conhecimento sobre a realidade comum, podem chegar a descobrir, juntos, que também são responsáveis pela qualidade de vida pessoal e coletiva. Não uma responsabilidade individualizada, mas uma responsabilidade coletiva (NOLASCO, 1995; CONNELL, 1995).

### **1.5 A re-significação da masculinidade**

Existe uma permanente tentativa de fixação, mas a identidade sempre é subvertida. A estratégia utilizada na fixação da identidade muda de acordo com a identidade que está em jogo (Na identidade sexual é comum recorrer à biologia enquanto na identidade nacional é mais comum recorrer a “cultura comum” ou a “língua comum”). Entretanto é preciso lembrar sempre que o apelo à natureza ou à biologia está profundamente atravessado pela cultura. Isso implica que as interpretações sobre uma natureza e sobre a biologia “muda” transformam-se, e, por mais que se tente fixar a identidade, todo o ambiente conspira para a não-fixação.

---

<sup>8</sup> Alteridade- “A condição daquilo que é diferente de mim; a condição de ser o outro” (SILVA, 2000, p. 16).

Nesse sentido, não existem identidades “originais”, puras. Todas são o resultado de encontros, muitas vezes forçados e com uma forte dose de persuasão, dominação, imposição. O resultado de tudo isso é que toda a identidade é ambígua, indefinida e “artificialmente” fixada (HALL, 2006).

Diante dessas referências, percebemos que a re-significação aqui pensada nos serve de apoio para as mudanças constantes, isto é, estar sempre ‘sob rasura’ se desfazendo e refazendo, anunciando o surgimento de um homem e de uma mulher com deslocamentos que nos últimos tempos se efetuem nas relações sociais. Se, por um lado, as mulheres começam adquirir e implantar garantias no contexto social, por outro, também começam a demarcar na sociedade, marcas simbólicas, que, de uma forma e de outra, começam a ganhar textura, para diferenciar um grupo do outro. Sabemos que

[...] é visível que a sociedade se feminiza cada vez mais, de outro não há garantias de que os homens mudarão no sentido de se tornarem mais sensíveis, muito embora seja notória a diferença entre homens nascidos antes do feminismo e depois do feminismo. Aqui também os efeitos do movimento feminista devem ser notados. A invenção da masculinidade tornou-se um tema cada vez mais presente nas pesquisas acadêmicas ou nas revistas comerciais, para não dizer nas próprias práticas sociais e individuais, revelando o desconforto dos mais jovens com as definições de virilidade construída com base na figura do guerreiro ou na de Tarzan [...] (RAGO, 2004, p. 41).

A re-significação representa o sentido de mudanças em curso, a partir da caracterização da masculinidade como construtor histórico-cultural, em negociação permanente que tem por cenário o cotidiano, a escola, o bairro, sua família, espaços de fronteira nos quais novos repertórios de comportamento e hábitos são construídos.

De fato, o advento da inserção da mulher no mercado de trabalho aparece como um dos focos da desestabilização dos homens frente a sua identidade, visto que o encontro com o diferente- ‘mulher’, agora com um repertório polissêmico, fez com que as questões até então submetidas pelo contexto de dependência fossem subvertidas. Se a princípio, a reação foi de estranhamento, ou encarada como uma situação que tem pedido novas atitudes, o discurso masculino vem se modificando no decorrer das décadas. Os homens, algumas vezes explicitam essas mudanças, mas na sua maioria com muito receio, devido às construções históricas e culturais que o circulam na nova realidade que vivem,

procuram compreender as razões que os fizeram adotar um padrão de comportamento a que obedecem cegamente. Como consequência, os homens reproduzem valores de um modelo social que tutela e controla seus desejos. Tal controle é mantido pela simplificação a que fica remetida a subjetividade, bem como por meio de uma possível compreensão biológica de sua existência. Assim, os homens tornam-se crédulos de que sua força física, definida pela massa muscular, os manteria eternamente senhores do mundo. Os homens interessados em repensar sua forma de adesão à vida começam a avaliar o ‘preço’ para manter esta senhorilidade, e se vale à pena sustentá-la (NOLASCO, 1995, p. 18).

O “novo” homem vem buscando tentativas de re-significação do lugar do homem “antigo”, ou seja, um indivíduo que se comportava dentro dos padrões esperados para um macho tradicional. Olha para si mesmo e se sente incomodado. Os elementos como a força, a coragem, a disposição física, valores fundamentais nos tempos antigos como na sociedade grega, romana e em muitas outras épocas estão anêmicos e são repensados.

A ideia do guerreiro corajoso que estava acima do tempo, a do homem que suportava todo e qualquer tipo de dor, representada nas frases ditas ao ingressar no serviço militar, como: “O soldado não sente fome, não sente frio”, “Esta instrução não é para ‘mariquinhas’” têm sido questionadas.

Ser guerreiro e ter um quadro repleto de medalhas e conquistas, tido como sinal de poder, provoca novas discussões trazidas pelos novos tempos do feminismo e de modernidade tardia<sup>9</sup>. As fronteiras sinalizam novas formas de heroísmos e exigem outros elementos para serem conquistados, já não podem ser visto com a exatidão de outrora:

Assim, a identidade é realmente algo formado, ao longo do tempo, através de processos inconscientes, e não algo inato, existente na consciência no momento do nascimento. Existe sempre algo “imaginário” ou fantasiado sobre a sua unidade. Ela permanece sempre incompleta, está sempre em “processo”, sempre “sendo formada”. As partes “femininas” do eu masculino, por exemplo, que são negadas, permanecem com ele e encontram expressão inconsciente em muitas formas não reconhecidas, na vida adulta (HALL, 2006, p. 38).

---

<sup>9</sup> Modernidade tardia trata-se de termo utilizado por Stuart Hall que representa movimento e várias transformações sociais e culturais, e isto provocou a crise dos valores trazidos do período conhecido como modernidade. Muitos elementos determinaram esta caracterização entre elas destaca-se o cruzamento de fronteiras, a ideia de provisoriade, etc.

Os guerreiros começam a colocar sob-rasura suas conquistas realizadas apenas pela força, e começam a compreender sentimentos mais afetivos e a adotar atitudes mais dialogais, que até então eram características atribuídas ao feminino.

As batalhas ganham novos territórios até então ignorados. O submetimento do inimigo agora é seu próprio submetimento. Diminui-se assim a distância entre os homens e as mulheres. A ideia de poder demarcada por quantidade, de força e destruição visual torna-se mais complexa a tal ponto de enunciar outros intercâmbios.

Bhabha (2005) ilustra, de maneira sábia, essa dimensão, pois “o feminismo especifica a natureza patriarcal, baseada na divisão dos gêneros, da sociedade civil e perturba a simetria entre público e privado, que agora obscurecida ou estranhamente duplicada pela diferença de gênero” (BHABHA, 2005, p. 31).

Ocorre de forma perturbadora essa relação, ainda mais quando é anunciada uma “nova mulher” que busca o sucesso na vida profissional, e “sabe o que quer”, aproximando-se do que era esperado desse “macho”. O que se entende por “ser homem” ou “ser mulher” envolve situações mais complexas, proporcionando dissenso e ansiedades.

## **CAPITULO 2**

### **EDUCAÇÃO E RELAÇÕES DE GÊNERO**

#### **2.1 Educação: espaços para além da escola**

Onde ocorre o processo educacional? A produção de saber é privilégio apenas do espaço escolar? Que saberes estão em jogo na relação família, comunidade e escola? O que chamo de educação nesta pesquisa é todo o conhecimento produzido por um grupo ou sociedade, onde constroem produção de saberes.

Essas questões permeiam profundamente as relações de gênero, pois, quando o sujeito adentra no espaço escolar, são ensinados códigos, signos e classificações, que até então eram realizados informalmente, pois, no espaço comunitário e familiar, o conhecimento era ensinado e apreendido pela convivência.

No espaço escolar, o sujeito será localizado em grupo, em uma sala que propicia a internalização de múltiplos mecanismos de ordenamento. Tanto no contexto familiar quanto no escolar, percebe-se a diferença dos meninos e das meninas. Os meninos são caracterizados como brincalhões, rudes, desconcentrados e impetuosos, e as meninas como frágeis, delicadas e afetivas. Assim os meninos precisam de mais autoridade, e as meninas de outros elementos. Essas características acabam demarcando o espaço escolar, reforçando a desigualdade entre o masculino e o feminino.

Observamos que as atitudes realizadas na escola e na sala de aula seguem um determinado currículo, e este tem implicações na formação da subjetividade e identidade dos sujeitos. Os currículos são seletivos. Há escolha de determinados conhecimentos e

saberes em detrimento de outros, considerados menos importantes, principalmente em uma sociedade em que sempre se justificou a referência patriarcal, essencialista e classificatória.

A escola delimita espaços. Servindo-se de símbolos e códigos, ela afirma o que cada um pode (ou não pode) fazer, separa e institui. Informa o “lugar” dos pequenos e dos grandes, dos meninos e das meninas. Através de seus quadros, crucifixos, santas ou esculturas, aponta aqueles/as que deverão ser modelos e permite, também, que os sujeitos se reconheçam (ou não) nesses modelos (LOURO, 2004, p. 58).

Levando em conta a história da educação, percebemos que esta não foi construída somente sobre a base de classe, mas também sobre a dinâmica de gênero e raça. Os currículos enfatizam conhecimentos abstratos, negligenciando as condições históricas, culturais e de gênero.

Portanto, a escola, a família e a comunidade vivem na ambivalência, em que a negação dos saberes elaborados na histórica e na cultura e a necessidade do encontro de saberes, que provocam atravessamentos em todos os ambientes, proporcionam conflitos e re-significações das relações de gênero. Assim a contribuição para educação se dá no encontro de homens e mulheres nos inúmeros espaços, na escola, na família, no bairro.

[...] educar pessoas não é, portanto, uma simples técnica, amparada por dados científicos, bem ‘amarrada e arrumadinha’ em atraente e colorido manual. Educar homens e mulheres, para uma sociedade democrática e igualitária, requer reflexão coletiva, dinâmica e permanente [...] (AUAD, 2006, p. 16).

Portanto, segundo Auad (2006), educar exige um exercício, uma reflexão e uma crítica constante, pois homens e mulheres são sujeitos transbordantes, isto é, necessitam de uma compreensão dinâmica que seja capaz de dialogar e associar novos valores. E para que isso ocorra, o comprometimento precisa ser mútuo remetendo mulher e homem a assumir esse desafio.

Nesse sentido, as práticas escolares, os saberes produzidos na família, no bairro, no longo caminho já realizado e no que está por vir, vão tecendo e produzindo efeitos que não há como ignorar, pois as diferenças e os encontros das fronteiras saltam aos olhos, e isto, requer atenção por parte dos educadores.

A escola, segundo Louro (2004), tem, em seus inúmeros ambientes, um referencial histórico bem tecido, que nos deixa a herança de separar, classificar organizar e distinguir um fator preponderante de outros. Assim, na produção do saber, alguns conhecimentos são vistos como mais ou menos importantes. Essa classificação também se fez e se faz nas relações de gênero, marcando a hierarquização.

No contexto familiar, a localização e a classificação também ocorrem, entretanto, como este processo é realizado desde o nascimento e de forma afetiva, os membros não o percebem como algo construído, mas como uma ordem natural, esquecendo as relações de poder que as produziram.

O contexto escolar, um espaço altamente fronteiroço, pois se refere a um ambiente de encontro de muitas famílias, colocadas a conviver, a percepção e os conflitos saltam aos olhos. Observa-se que o mecanismo classificatório não permanece apenas na produção abstrata e intelectual, acompanha o sujeito nos mais diversos locais em que vive e reflete em sua construção corpórea. Percebemos o modelo escolar ocidental de classificação ter instituído esse mecanismo em todos os espaços que poderia alcançar, estabelecendo o que pode e o que não pode, informando os lugares e os espaços de convivência e os lugares proibidos, negando e descartando o que poderia ser diferente do modelo instituído.

Dessa forma, os espaços de conhecimento na família, na comunidade e na escola formalizam e determinam regras que são absorvidas pelo corpo. Podemos dizer que essas regras orientam de tal maneira o que aprendemos que os ensinamentos trazidos delimitam o tempo para realizar determinadas coisas e num espaço adequado. E isso faz a qualificação e o julgamento da pessoa. Normalmente o indivíduo para ser considerado um “bom” filho, “bom” cidadão e um “bom” educando, um “bom” homem acaba por assimilar e desenvolver atitudes conforme as normas preestabelecidas. E por muito tempo

[...] regras diziam da apresentação do corpo, do vestir, do andar, do olhar, dos gestos, das refeições e do portar-se à mesa, dos encontros de como se dirigir aos mais velhos, do dormir e do jogo. Essas regras eram provenientes da cultura oral e foram transformadas em livro escolar, uma compilação de regras e comportamentos [...] (NOBREGA, 2005, p. 601).

Nesse caso, Nóbrega (2005) ilustra que até como se portar à mesa era referência para qualificar as pessoas. Assim se atribuía ao indivíduo o título de “educado”

ou “mal educado”. Percebemos que esse modelo foi utilizado nas escolas tradicionais do século XVIII nos grandes centros europeus, e também no Brasil, no início do século XIX.

Ressaltamos que, desde a pré-história, diversos grupos e comunidades construíram modelos e modos de lidar com a noção de tempo e espaço, alguns mecanismos que pudessem dar ao membro do grupo referências para ser considerado pessoa de prestígio e educada. Esse modelo criado pelo grupo proporcionou a distinção de quem pode ou não realizar determinadas atividades, isto é, a sensação do permitido e do proibido.

[...] as diferentes comunidades (e no interior dela, os diferentes grupos sociais) construíram modos também diversos de conceber e lidar com o tempo e espaço: valorizavam de diferentes formas o tempo do trabalho e o tempo do ócio, o espaço da casa e o espaço da rua delimitaram os lugares permitidos e os proibidos e determinavam os sujeitos que podiam, ou não transitar por eles [...] (LOURO, 2004, p. 59).

Percebemos que educar e apreender se faz a todo instante na vida da pessoa. A instituição familiar repassa as regras que serão colocadas em confronto, na medida em que começa a localizar a diferença. As referências trazidas do contexto comunitário e familiar adquirem tamanha força na vida dos membros, que não se pode transitar sem entrar em comparação com os mais diversos grupos, escolar ou comunitário.

Isso nos faz vislumbrar que a família “é um espaço cercado nos campos de batalha abertos pelo sexo e pelo poder, delimitando a livre competição através das fronteiras entre os membros e não membros; substituindo o comércio livre e combate perpétuo por direitos e obrigações” (THERBORN, 2006, p. 11). É neste espaço de confronto que os membros familiares operam suas ideias e constroem suas referências educacionais, sendo que

a partir daí, umas relações mais ou menos explícitas com aquilo que chamamos de educação; poderíamos, então, escrever sobre a hospitalidade e a hostilidade da escola, acerca do outro como diferente, mas não como diferença, pensar o monolinguismo (do outro) e a construção das alteridades escolares, discutir o Mesmo e o Outro da educação, relacionar a questão da tradução e as comunidades imaginadas [...] (SKLIAR, 2005, p. 10).



Isso significa que a produção dos saberes é resultante de um processo significativo (na escola, família e comunidade) e ambivalente. É um encontro pulsante entre as diversas alteridades. As traduções, ora na escola, ora na família, estão intimamente conectadas para além da escola. Isso quer dizer que as práticas educativas devem vincular saberes que levem as pessoas para conhecimentos que transformam os espaços nos quais estão inseridos, o que implica a reformulação do processo escolar.

Ao olhar para nossa escola, tendo como referência as relações de gênero, vamos observando e refletindo o processo como nosso corpo foi educado, como, no ambiente escolar, meninos e meninas vão se constituindo no que chamamos de homem e de mulher.

Louro (2001) leva-nos a refletir que, em nosso corpo, ficam marcadas as diversas interações e encontros que enfrentamos e convivemos no ambiente escolar, no contexto familiar e comunitário. O debate apoiado no movimento feminista a partir dos anos sessenta do século XX, como já destacamos, ficou mais acalorado, provocando um processo profundo e transformador, passando a intervir em setores que consideravam a sexualidade e o corpo como imutáveis e trans-históricos.

Refletindo sobre a educação, percebemos que os ensinamentos de períodos anteriores que servem de parâmetro para o exercício do saber, podem ser modificados. Por exemplo, observamos isso entre a Idade Média e o período renascentista, em que fizeram uma tentativa de unificar a metafísica e a filosofia da natureza, tendo os ensinamentos clássicos.

De modo geral, pode-se dizer que o século XV configurou um pensamento sobre o homem, e no século XVI esse humanismo foi ampliado com um pensamento sobre a natureza. Portanto, entre a Idade Média e o Renascimento não há nem ruptura, nem continuidade, mas diversidade de interesses e de proposições, sobretudo uma diferença de nível histórico-crítica do conhecimento que os humanistas tiveram com relação às tradições latina e grega (NOBREGA, 2005, p. 600).

Nessa percepção, o corpo assimila e adere referências aprendidas e interpretadas nos diversos movimentos da construção do saber. No Iluminismo, a educação assumiu um papel idealizador e racional deixando as paixões e os desejos relacionados ao corpo para outros setores.

Esse ideário será reforçado com a compreensão cartesiana das regras necessárias para chegar ao conhecimento verdadeiro. Aponto a dúvida metódica cartesiana e a interrogação que ela contém sobre a evidência da nossa existência na condição de seres corpóreos como um marco no desejo de conhecer e dominar os processos corporais (NOBREGA, 2005, p. 603).

Essas referências normativas passaram a propor para o conteúdo escolar, ações reguladoras, depreciando os ensinamentos informais. Segue uma educação rigorosa, formando e classificando os sujeitos segundo sua raça, etnia, classe e gênero. Aprender a classificar, a localizar pessoas, não é uma atividade somente escolar, também nos ambientes comunitários, na família, essa atitude torna-se tão presente quanto na escola. Neste espaço normalmente são apontados aqueles que serão modelos, permitindo que os sujeitos se reconheçam (ou não) elaborando exemplos a serem seguidos.

Na escola, a discussão sobre as relações de gênero parece não ser considerada como elemento fundamental do saber, pois, ao adentrar-se no espaço escolar, a criança e o indivíduo são determinados para um espaço e uma localização, com um recorte de gênero.

Mas a escola não é uma mera “reprodutora”, sem conflitos e problemas, de uma determinada visão do que seja tradicionalmente masculino e feminino. Alunas e alunos não são vítimas passivas. Elas e eles resistem, contestam e podem apropriar-se diferentemente do corpo de conhecimentos com os quais entram em contato na escola, formal e informalmente.

[...] quero dizer que, por um lado, essas relações, são bem ‘antigas’ e parecem que sempre estiveram aí. Ou melhor, de diferentes maneiras, essas relações de poder entre o masculino e o feminino sempre estiveram em toda parte! Por outro lado, também estou afirmando que as desigualdades não são inatas e imutáveis. Uma vez construídas, elas podem ser transformadas [...] (AUAD, 2006, p. 20).

Sendo assim, a escola não está distante do contexto social, nem tampouco nela estão encerradas definitivamente as representações. A escola, como todo ambiente de saber, é um espaço representativo que reflete a realidade dos sujeitos participantes, que no encontro destas realidades se traduzem e no caminhar histórico vão se “fraseando”<sup>10</sup>.

---

<sup>10</sup> Manoel de Barros (2006, p. 13).

## 2.2 Ambivalência e atravessamento - experiências vividas

Lembro-me quando minha esposa estava grávida do primeiro filho, e fomos entusiasmados para a ultrassonografia. A minha expectativa era de que fosse menina, e entusiasmado perguntei ao médico se era menina, e, com um sorriso, ele respondeu: “Só se for depois dos quinze, porque, pelo que vejo, este é macho”. Percebo que apenas aspectos biológicos foram considerados. O pensar, o agir, o falar de uma determinada maneira que pudesse localizar este novo ser no mundo masculino nem sequer foram tocados.

O fato de ter o genital que representa o sexo masculino parece ser suficiente para caracterizar como masculino. Isso significa que todos os outros aspectos, como educação, postura de andar, de amar e modo de relacionar-se socialmente, não influenciariam nossa vida, ou ainda não determinariam nossa condição sexual. Como se as condições biológicas fossem uma referência histórica. É como se utilizássemos um modelo que determinasse o que é ser homem.

Portanto, se a pessoa for rude, sem afetividade, machão, é classificada como homem. E com qualquer atitude que demonstre características diferentes das características anteriores, o indivíduo corre o risco de não ser considerado homem. Diante do exposto, vale ressaltar que este biologismo determinante não leva em consideração os aspectos culturais, históricos e as condições sociais, isto é, essas dimensões não são consideradas interferentes na constituição identitária da pessoa. A proposição do médico, que revelou de forma espontânea sem analisar as consequências, reflete o que ocorre no senso-comum: a determinação do biologismo como algo verdadeiro e certo.

Quando olhamos na construção das referências de gênero, percebemos cada vez mais a congruência de identidades híbridas, em que a referência relacional é importante para constituirmos o que somos.

Olhar o outro, as pessoas, como homem ou não, nos parece simples, quando o modelo biológico do masculino e do feminino é utilizado, pois é a partir da definição celular que se faz a demarcação da diferença. Da mesma forma, quando se tem uma visão essencialista do sujeito, como se tendo determinados elementos que constituem o que seria um homem ou uma mulher. Quando temos este olhar, deixamos de considerar as várias formas de constituir as masculinidades ou feminilidades, deixamos nos levar por apenas

dois modelos sexuais que determinam os sujeitos. Quaisquer atitudes que destoem das referências fixas trazidas pelo biologismo e pelo essencialismo passam a ser considerados os “outros”.

Entretanto, quando consideramos que a identidade é construída historicamente, pela ambivalência da cultura, há contradições ao dizer onde estamos e quem somos. É este sentimento múltiplo que proporciona aos envolvidos a transgressão de não aceitar as condições determinadas pelo entorno. Diante disso, produzem alianças, articulações que fazem emergir práticas emancipatórias. Olhar os sujeitos a partir da construção cultural, considerando os atravessamentos e as ambivalências é

[...] compreendemos os sujeitos, como tendo identidades plurais, múltiplas; identidades que se transformam, que não são fixas ou permanentes, que podem, até mesmo, ser contraditórias. Assim, o sentido de pertencimento a diferentes grupos - étnicos, sexuais, de classe, de gênero, etc. - constitui o sujeito e pode levá-lo a se perceber como se fosse empurrado em diferentes direções. [...] (LOURO, 2004, p. 24).

Considerando que a identidade de gênero, segundo Louro (2004), é múltipla e carregada de construções, torna-se ilusório pensar que a identidade sexual poderia ser definida apenas pela referência biológica. Ao afirmarmos que o pertencimento está para além do desempenho de papéis, significa que nossas atitudes estão atravessadas por todos os elementos vividos historicamente.

Quando tentamos definir o que seria masculino e feminino, utilizando referenciais pré-estabelecidos, encontramos-nos frente a duas posições: a tradicional e a cultural com atravessamentos ambivalentes. A primeira, conhecida como tradicional, generaliza um único posicionamento de masculino e feminino. E a segunda, afastada da linguagem polarizada, universal/particular, centro/periferia, abandona os lugares fixos, formando entre-lugares. Esta nova forma de olhar transpõe as fronteiras, vistas como constituídas na negociação. Sendo assim, todos têm a possibilidade de transformar e transgredir o constituído.

O princípio de que a essência do feminino e do masculino é biologicamente determinada explica todos os comportamentos humanos em termos de hereditariedade genética, tem como consequência a manutenção da dominação da mulher pelo homem como efeito natural.

Rago (2004) observa que a mulher do século XXI, já vive mudanças, no âmbito social e no cultural. Isso nos leva a refletir que as ideias construídas ao longo da história estão profundamente articuladas ao contexto histórico, mas podem ser resignificadas:

Ser mulher, até aproximadamente o final dos anos 1960, significava identificar-se com a maternidade e a esfera privada do lar, sonhar com um “bom partido” para um casamento indissolúvel e aperfeiçoar-se nas atividades leves e delicadas, que exigissem pouco esforço mental. Do outro lado, situavam-se as que podiam circular livremente por ruas, praças e bares, pagando, contudo, o alto preço da condenação moral, da perseguição policial e de outras formas de violência física [...] (RAGO, 2004, p. 31).

A autora demonstra que a mulher, de uma forma geral seguia um padrão único, homogêneo. A citação não só revela a condição da mulher neste período, mas também o posicionamento do masculino, pois seguia uma formulação binária. Se a mulher tinha habilidades maternas, dedicava-se a atividades leves, era carinhosa e estava sempre à espera de seu marido. O homem que quisesse ser “homem”, deveria negar toda e qualquer atitude, sentimento ou aparência com o sexo oposto. Nesse exercício dicotômico de sexualidade, qualquer comportamento diferente desses dois mundos era considerado como aberração.

Embora as mudanças culturais sejam muito difíceis e custosas, percebemos que mudanças vêm aflorando. Por mais que os elementos unificadores da sociedade moderna e do estado nacional dessem a impressão de que eram uma verdade inquestionável, as mulheres desconstruíram na prática as relações machistas.

Hall (2006) lembra que a diferença específica de um grupo ou comunidade não pode ser afirmada de forma absoluta, sem considerar o outro, ou as outras realidades. A identidade é constituída em relação e na relação.

[...] identidade de cada conceito é constituído(a) em relação a todos os demais conceitos do sistema em cujos termos ele significa. Uma identidade cultural particular não pode ser definida apenas por uma presença positiva e conteúdo. Todos os termos da identidade dependem do estabelecimento de limites - definindo o que são em relação ao que não são [...] (HALL, 2006, p. 81).

Falar, como se faz frequentemente no dia-a-dia, quando as “características femininas”, como a graça, o cuidado, a meiguice, e as “características masculinas”, são a coragem, a força, a virilidade, é ater-se a definições limitadas a um sistema binário que se repete indefinidamente, remetendo para uma relação firmada no desempenho do papel de cada sexo. Isso significaria que a desigualdade entre os sexos tenderia a ser considerada como um aspecto definitivo sem perspectiva de mudança.

À medida que percebemos que esta ideia tradicional foi construída, podemos perceber que ela pode sofrer transformações. Pode sofrer interferências ambivalentes e desconstruir o masculino e o feminino como algo imóvel e definitivo. Isso significa perceber que a sexualidade pode ser construída, e as práticas vividas podem ser diferentes.

### **2.3 O desafio da masculinidade**

Segundo Nolasco (1995), o homem tende a ser definido pelo antagonismo dos aspectos tradicionais ou na confirmação destes. Para nós homens, a revolução masculina ainda é uma utopia, pois podemos dizer que os homens enfrentam três grandes desafios: a centralidade da homogeneidade sexual, o descentramento cultural e o estereótipo do machão. Todos esses elementos estão atravessados pelo processo de identificação e pela linguagem.

Os homens, ao exercerem sua masculinidade, eram considerados como o centro, o modelo. E, a partir desse conceito, tudo fluía. Ao se deslocar dos papéis tradicionais que cumpria, o homem ganha uma identidade itinerante, repleta de transformações.

Segundo Bauman (2004), estamos vivendo numa modernidade líquida. Os projetos sempre bem definidos, com início meio e fim, da sociedade moderna já não respondem aos anseios e às questões das pessoas que convivem em sociedade. Estamos perante um mundo onde tudo é ilusório, onde a angústia, a dor e a insegurança são permanentes. Os homens inseridos nesse contexto tentam aplicar as respostas aprendidas e percebem a precariedade destas aos novos tempos.

A identidade fruto do sujeito iluminista, baseada na concepção de que a pessoa humana, o indivíduo está centrado, unificado, dotado de capacidade de razão e que ele nascia e permaneceria até o fim de sua existência com a mesma identidade, está em crise.

Há algum tempo, pesquisadores, acompanhando as discussões e observando o comportamento masculino, principalmente a partir do movimento feminista, produziram críticas aos valores calcados na homogeneização. Os valores calcados na virilidade foram profundamente questionados. Vejamos:

Durante os últimos sete anos, venho pesquisando e acompanhando as discussões que estão surgindo sobre o comportamento dos homens. Por meio de uma literatura pouco sistematizada, os homens estão sendo criticados pela adesão a valores calcados em virilidades, posses, poder e negadas diferenças individuais (NOLASCO, 1995, p. 24).

A relação de gênero tem proporcionado muitos debates. Podemos observar isso nos últimos anos, com a busca para entender as relações e tentando romper com a visão machista, tanto nas práticas do cotidiano familiar, como nas teorias nas universidades. Principalmente, no mundo atual marcado por relações fluidas, onde as identidades e as conexões pessoais têm que ser negociadas e trabalhadas, e onde nós continuamente temos que fazer escolhas sobre quem somos como vamos nos apresentar e com quem queremos nos associar.

### **CAPITULO 3**

## **A RE-SIGNIFICAÇÃO DA MASCULINIDADE EM CONTEXTOS DE VULNERABILIDADE SOCIAL E OS DESAFIOS PARA A EDUCAÇÃO**

Compreender a relação de gênero, em particular a masculinidade, não é um caminho fácil, principalmente nas manifestações do contexto de vulnerabilidade social. As interações entre família, mesmo que sejam sutis ou quase imperceptíveis, têm de ser realizadas através de negociação. Sendo assim, no grupo escolar, na família e na comunidade, ocorrem encontros e desencontros que acabam por anunciar que homens, mulheres, crianças buscam caminhos para o questionamento de suas realidades.

Nas entrevistas realizadas, nas polifonias, isto é, nos vários discursos que revelam e refletem a realidade do bairro Nova Lima, pude perceber que os homens têm suas vidas articuladas ao contexto cultural e que este fator contribui na busca de novos significados para suas masculinidades, tornando-se características no modo de cuidar dos filhos e de se relacionar com sua mulher. Nesse contexto, têm de ser diferentes, pois os conflitos vividos celebram o nascimento de novas atitudes. Diante dessa realidade, outros valores permeiam a realidade masculina, proporcionando a percepção de que os medos são importantes e começam a ser re-significados.

O trabalho doméstico ganha outros aspectos com a dedicação do tempo, a divisão de tarefas começa fazer parte de sua rotina, facilitando o surgimento de assuntos sobre sabores, cores, sentimentos que até então eram distantes e impensáveis. Assim, as



ações e reações sobre o aspecto da violência começam exigir de ambos os sexos outro dinamismo, proporcionando esperanças de uma relação dialogal e mais complexa.

Portanto, compreender essa nova realidade não significa uma construção contínua, em que os sujeitos envolvidos seguirão um determinado ritmo e que, em conseqüência, proporcionará uma interação na relação de gênero. Pensar na relação de gênero exige um exercício de descontinuidade, como Larrosa (2001) exemplifica, ao retratar a transmissão de saberes, pois, segundo ele, temos que levar em conta não só a relação “*dialógica*”, mas a “*diabólica*”. Assim ele nos diz:

[...] gostaria de dizer que é que oscilei durante muito tempo entre ‘*dialógica* da transmissão’ e ‘*diabólica* da transmissão’. A palavra *diabólica* me agradava, em primeiro lugar, porque podia sugerir uma ideia não angelical da transmissão educativa. E me agradava também porque se o *simbólico* tem a ver com a união, com a sutura, com a totalidade, com a reconciliação, com a correspondência, o ‘*diabólico*’ tem a ver mais com a separação, com a fissura, com a fratura, com a ruptura. [...] lugar da pluralidade e da descontinuidade, entendida diabolicamente (LARROSA, 2001, p. 281).

Isso significa que devemos considerar a re-significação da masculinidade como algo contínuo e também como algo latente e pulsante que irá perturbar a ordem. Essa re-significação deve ser considerada como algo que está ocorrendo e também ainda por vir. Diante disso, a relação de gênero, por mais que ocorram as transformações que possam estimular o encontro dialogal, estará envolvida em muitas dimensões, e os conflitos continuarão existindo. Podemos dizer que a relação *diabólica*, com a qual exercitamos nossos encontros com o diferente, sempre é latente, assim não pode ser prevista, mas simboliza uma novidade que rompe com a ideia da fixidez. É um encontro sempre hifenizado. Foi com essa compreensão que fui ao encontro dos nossos sujeitos da pesquisa.

### 3.1 O caminho metodológico

O caminho em busca do conhecimento é árduo, principalmente quando se pretende realizar caminhos e métodos científicos. Para possibilitar avanço, a ciência desenvolveu métodos prometendo respostas claras e precisas. No entanto observamos que estamos em constantes mudanças, e a ciência também sofreu influências do contexto

cultural. Diante disso, devemos aprender a inventar soluções novas abrindo portas até então fechadas e descobrir novas trilhas.

Sabe-se que o ser humano, ao longo dos séculos, vem fazendo grandes descobertas, invenções, cura de doenças e que, no decorrer desses longos anos, houve muitos conflitos, guerras, vidas foram perdidas e massacradas, em nome de “verdades”, ideologias de grupos que se diziam pensadores, idealizadores de grandes ideias. Os que sobreviveram convivem com suas mutilações, fantasmas, dores, aprenderam a conviver com elas, mudaram hábitos, o modo de pensar, uma simples tarefa, querendo ou não tiveram de transformar, traduzir, re-significar seu jeito de ser.

Em muitos momentos da história, observamos que as imposições aconteciam pela força física ou não. E sob o comando do homem “forte”, “corajoso”, “inabalável”, os objetivos eram cumpridos. Os deveres eram atribuídos e incorporados pelos homens e isso acabou se tornando refrão da caracterização masculina. Então, para ser um homem de prestígio, reconhecido e respeitado, o homem deveria ser provedor do sustento da família e protetor da ordem e da moral. E dele dependia o sucesso ou o fracasso dos membros de sua família. O homem era aquele que carregava consigo o legado cultural. Essa condição ainda reflete em nossos dias:

ARES<sup>11</sup> - Porque, hoje cuidar de uma casa, sustentar um lar a responsabilidade é do homem, e ele tem que assumir né.

M: E como o homem se sentia diante da impossibilidade de dar conta da responsabilidade?

ARES - Olha... (pensando, passando a mão na cabeça). Hoje o homem se sente desprestigiado pela classe política, que não vê, não dá estrutura para a população de montar um negócio. E assim desanima.

M: O que acontece que eles desanimam?

ARES - Não consegue comer, ajudar a família, fica humilhado e perde o sentido de viver.

A realidade social exige muitas atitudes do homem que foi constituído culturalmente. Diante da realidade, ele se sente incapaz e faz apelos por mudanças. Mencionar que está “desprestigiado” é o reconhecimento que o tempo de privilégios de reconhecimento passou. A realidade vivida é mais dura, e seu ganho já não responde aos

---

<sup>11</sup> Ares é o nome fictício de um dos sujeitos entrevistados, como explicitaremos em seguida.

anseios de sua família. O contexto no qual está inserido o incomoda e ele revela o ‘des’ ‘prestígio’, isto é, o não mais prestígio do homem que era em outrora, de poder econômico, de manutenção da casa. Ares fica confuso e busca culpar alguém por não ter os mesmos poderes que tinha antes. Ele sabe das consequências se não lutar pelo sustento da casa, mas quando se referiu à classe política, ele relata não dar uma atenção especial, isto é, não auxilia, não fornece ajuda para a situação em que se encontra. Ares percebe ser um homem comum, porém agora sem condições econômicas.

E diante de situações como essa, muitos homens estão re-significando sua realidade, pois o ambiente em que vivem os interpela, e eles sentem a necessidade de compreender as novas realidades sobre si mesmos, pois as linguagens e as respostas apreendidas não dão conta das indagações que surgem. Nesse sentido

[...] Procuram compreender as razões que os fizeram adotar um padrão de comportamento a que obedeceram cegamente. Como consequência, os homens reproduzem os valores de um modelo social que os tutela e controla desejos. Tal controle é mantido pela simplificação a que fica remetida a subjetividade, bem como por meio de uma possível compreensão biológica de uma existência. Assim, os homens tornam-se crédulos de que sua força física, definida pela massa muscular, os manteria eternamente senhores do mundo. Os interessados em repensar sua forma de adesão à vida começam a avaliar o “preço que pagam” para manter a senhorilidade, e se perguntam se vale a pena sustentá-la (NOLASCO, 1995, p. 18, grifo nosso).

Nolasco (1995) revela que o desejo pela mudança coloca em crise elementos que até então o sustentavam como ‘senhor do mundo’. Os elementos que até então o sustentavam como ‘senhor do mundo’ não mais o satisfazem e geram desconfiança. Essa desconfiança faz nosso entrevistado refletir, e isso tem repercussão na organização familiar, no cuidado com os filhos, na relação com o trabalho e na vida social como um todo. Dessa forma, vivenciam a crise de sua identidade e procuram re-significar todos estes elementos que garantiam a sua masculinidade, tais como:

- a) A paternidade e o cuidado;
- b) O trabalho;
- c) O medo;
- d) A violência;
- e) A esperança.

Essas categorias foram construídas a partir das leituras confirmadas nas entrevistas individuais e da técnica de grupo focal com o grupo de homens. Existem muitos aspectos a serem observados e analisados que podem favorecer um estudo ainda mais profundo. Entretanto os dados coletados possuem muitos aspectos que não se esgotam nesta dissertação. Temos de observar que o trabalho de campo “refere-se ao estar dentro do mundo do sujeito” (BOGDAN, 1994, p. 113), pois compreendê-los como sujeitos é entender que os homens subvertem sua própria realidade, destituindo a identidade fixa em prol de novos significados, muitas vezes na procura de serem respeitados ou serem reconhecidos como homens.

Diante dessa realidade, busquei fazer um caminho metodológico que proporcionasse obter os dados de forma mais fiel possível. Como já havia uma proximidade da realidade local, como agente de acompanhamento às famílias naquela região, os contatos preliminares foram feitos com muita facilidade. Assumir a identidade de pesquisador exigiu uma atitude de estranhamento, um distanciamento, necessário para que ocorressem as entrevistas, sem deixar vir à tona a posição que ocupara anteriormente. Para isso tive de controlar a expectativa de fazer interferências e exercitar muito o silêncio e a atitude de escuta.

A pesquisa se realizou no Bairro Nova Lima, localizado na região norte de Campo Grande/MS, com homens participantes de programas sociais - Bolsa Escola e Segurança Alimentar<sup>12</sup>. Para essa realidade, optei por uma pesquisa qualitativa, que pode ser caracterizada como a tentativa de uma compreensão detalhada dos significados e características simbólicas situacionais apresentadas pelos entrevistados, em lugar da produção de medidas quantitativas de características ou comportamentos (MINAYO, 1993). Ou ainda, segundo Franco (1988, p. 78):

Isso porque a teoria não surge a partir da observação neutra e da qualificação rigorosa de fatos isolados. Ao contrário, a construção de uma teoria está intimamente vinculada à prática social de seu produtor, isto é, não pode ser concebida como algo desvinculado da forma como os homens se relacionam entre si e com a natureza para a produção e reprodução de suas condições de subsistência. A produção de ideias, de representações, da consciência está diretamente entrelaçada com atividade prática dos homens.

---

<sup>12</sup> Programas de Inclusão Social (PIS), criado em 1999 para as famílias de baixa renda.

Os homens desta pesquisa caracterizam-se por uma subjetividade e um simbolismo particular. Percebendo que a realidade está envolvida numa série de significados, compreendemos que os homens do bairro Nova Lima refletem além de sua realidade também o seu entorno. Isso significa que devemos entendê-los dentro de um campo de representações que implica “um campo estruturado de significações, saberes e informações” (ARRUDA, 2002, p. 140). Sendo assim, anunciam a partir de sua realidade local demandas que auxiliam outros grupos, outras realidades e outras porções territoriais.

Nessa perspectiva, o desenvolvimento da pesquisa qualitativa é mais que uma mera descrição do comportamento humano. É uma busca do aprofundamento da compreensão do significado da ação humana em sua singularidade (MINAYO, 1993). Por isso, nesta pesquisa, estamos interessados especificamente na análise como se dão as re-significações dos homens entrevistados ou participantes do grupo focal, no qual o tema era trazido e todos falavam o que pensavam e sentiam sobre o assunto:

Na pesquisa qualitativa, todos os fenômenos são igualmente importantes e preciosos: a constância de manifestações e sua ociosidade, a frequência e a interrupção, a fala e o silêncio. É necessário encontrar o significado manifesto e o que permaneceu oculto. Todos os sujeitos são iguais, mas permanecem únicos, e todos os seus pontos de vista são relevantes (CHIZZOTTI, 2005, p. 85).

Uma pesquisa de campo parece indicar que o mundo social é carregado de significações, e que, portanto, são passíveis de serem investigadas, e tanto o investigador como os investigados são agentes ativos (MINAYO, 1993). Vale ressaltar a complexidade implícita na compreensão do ser humano. E, em se tratando de homens empobrecidos, os fatores de observação ganharam aspectos ainda mais significativos, principalmente porque os homens trazem em sua construção histórica a ideia da força, da independência. E a situação em que muitos se encontravam naquele instante, indicava a dependência de um programa, de suas esposas e de uma realidade que questionava suas condições de “macho” a todo o instante.

Como já conhecia a maioria dos homens que iria entrevistar, o clima era favorável, e as pessoas demonstravam confiança. O interesse inicial deu-se pela curiosidade e pela sensação de importância que davam ao processo - o ser entrevistado. Fizemos o contato inicial, depois visitas nas casas e, por último, o encontro do grupo focal.

Nas visitas domiciliares, pude perceber a importância dada ao processo. E foi tamanha, que diziam que não eram capazes de contribuir, diziam que eram incapazes, não sabiam responder, foram tantas justificativas que tive de interferir.

Argumentei que as experiências de vida deles só eles sabiam e elas poderiam colaborar para outras pessoas. E também dizia: “É justamente por todas estas coisas que viveram e vivem; pelo local em que moram, todas as coisas se tornam especial” e complementava “só aqui se encontram as informações capazes de proporcionar um olhar diferente para a realidade dos homens, pois, em meio às dificuldades, encontram forças para sonhar com uma vida diferente”. As motivações soaram de maneira satisfatória, e todos participaram com muito afinco, exceto quando seus trabalhos, seus “bicos”-trabalhos, atividades informais realizados esporadicamente - o impediam.

Na coleta de dados, os silêncios foram recorrentes, e isso me fez refletir os motivos que os levavam a falar pouco, talvez porque nós, homens, consideramos esse assunto como algo muito distante da nossa realidade, isto é, falar de suas histórias, de suas realidades, era uma característica privilegiadamente feminina, pois até então ninguém tinha ido até suas casas para lhe fazer perguntas, cujas respostas seriam usadas numa pesquisa de mestrado. Pode ser que a linguagem usada, buscando tratar termos como: homossexualidade, esposa, filhos, cuidado com a família tenham sugerido “erudição”, isto é, uma cultura “superior”, ou ainda pode ser que discutir tal assunto tenha proporcionado receio, medo de comprometer sua masculinidade.

Alguns homens chegaram a dizer: - “porque nos pergunta coisas tão “difícil”? Aqui nós não sabemos de nada. Você tem que perguntar lá no centro, onde tem pessoa mais estudada”. Tais palavras levaram-me a refletir que, por mais que tenhamos proximidade com o campo de pesquisa, é necessário reconsiderar constantemente as questões, pois, como nos coloca Saraiva (2005), fazendo uma discussão sobre o outro, isto é, o diferente:

Devo faltar ao Outro como parte, como comunhão, mas não devo faltar ao compromisso com o Outro. O Outro, completamente Outro, se manifesta como uma certa ausência. É impossível conhecer o Outro e só pela tentativa já o torno Outro. Minha relação com o Outro deve-se pautar numa ética de acolhida, de escuta à questão do Outro[...]. O encontro com o Outro é ‘a única saída, a única aventura fora de si, rumo ao imprevisivelmente - Outro. Sem esperança de retorno’ (SARAIVA, 2005, p. 51).

As indagações realizadas me fizeram perceber que adentrar no campo é muito mais que simplesmente colher os dados de pesquisa. É a tentativa de entender que a masculinidade ali inserida tem dimensões multifacetadas e linguagens múltiplas que não serão esgotadas nesta dissertação.

Lembro do primeiro dia de trabalho de campo, quando entrei na casa dos homens, depois de longa conversa perguntei: Como tinham se sentido ao responder a todas as questões, se elas tinham ajudado a refletir alguma coisa sobre a vida deles. Com muito entusiasmo, um respondeu que só aceitou responder por ter uma proximidade comigo. Isso me levou a refletir sobre o comprometimento e a responsabilidade à medida que vamos construindo o nosso saber.

Mesmo tendo uma empatia, muitos homens acabavam por ignorar as questões, muitas vezes o silêncio imperava, algumas vezes pequenos sorrisos quando o assunto era algo que eles acreditavam não saber falar. Percebi isso nas entrevistas, nas respostas curtas, algumas vezes intimidados pelo gravador, e outras, por falta de cuidado meus, por pensar que a proximidade era o suficiente para que o diálogo se desenvolvesse. Com Silveira (1996), lembramos:

Se recuperarmos nossas visões mais tradicionais de entrevistas como instrumento de pesquisa, lembramo-nos de quando abundavam as recomendações metodológicas que oscilavam entre a preocupação com um clima propício à “abertura da alma” do entrevistado e a preocupação com a obtenção de dados relevantes, confiáveis, ricos para a pesquisa e o entrevistador [...]. Exorcizando tais fantasmas - e tendo nos recolhido, enfim a nossa condição de sujeitos culturalmente constituídos, circunstancialmente situados, quer como entrevistadores quer como entrevistados podemos refletir sobre outras questões que não a fidedignidade (SILVEIRA, 1996, p. 125, grifo nosso).

Buscando ir mais a fundo, realizamos o grupo focal, visto que, no trabalho individual e com o gravador, não conseguimos recolher dados suficientes para alcançar os objetivos. Com um grupo reduzido (seis homens), os que se revelavam mais falantes nas entrevistas individuais, percebi mais segurança e menos receio de falar de sua realidade na conversa em grupo, pois “várias pessoas juntas são encorajadas a falarem sobre um tema de interesse [...] e geralmente revela-se uma boa forma de obter novas ideias” (BOGDAN, 1994, p. 138).

No grupo os assuntos eram abordados por categorias e não mais por perguntas diretas. Após a apresentação inicial, logo iniciava uma categoria problematizando, contextualizando sobre suas vidas, para que me relatassem como viam e percebiam tal situação.

Os sujeitos da pesquisa, em um grupo reduzido e só de homens, se sentiram encorajados a falar, mas determinados assuntos tornavam-se um obstáculo a romper.

### 3.1.1 Caracterizando os sujeitos da pesquisa e sua realidade

O grupo de homens paulatinamente ia se soltando falando de si, de suas dificuldades. Eles se transformavam e transformavam seu contexto que refletia no comportamento individual. Não apenas eles, mas todos os envolvidos sentiam, pois todas as mudanças de comportamento são tão mais efetivas quanto apoiadas ou compartilhadas pelo grupo social próximo ou de referência (VILLELA, 2001).

As diversas pessoas envolvidas nesta realidade são homens e mulheres que, segundo os critérios do programa<sup>13</sup>, encontram-se na linha do empobrecimento econômico e/ou na miséria. São sujeitos afetados pela cultura, pelo modelo econômico, pelas características sociais e referenciais éticos, e encontram-se fincados num espaço de fronteira, pois sonham com uma vida tranquila, provendo seu próprio sustento, sem depender de auxílio financeiro governamental e perseguem tal sonho. Porém a participação no programa é uma assinatura, uma auto-declaração de necessitado que leva a exclamar: “Se Deus ajudar, logo eu largo o benefício”.

A situação vivida por essas pessoas revela as mudanças vividas pela sociedade em todos os setores, como de gênero, de cultura, de classe, etc. Diante disso, percebo que o conceito de pobreza, nestes últimos anos, tem avançado, nos levando a observar que pobreza pode ser vista como a privação de capacidades básicas para a busca de satisfação de necessidades, não apenas como um baixo nível de renda (SEM, 1999). Essas reflexões

---

<sup>13</sup> Programa de Inclusão Social (PIS) desenvolvido pela Secretaria de Assistência Social do Estado de Mato Grosso do Sul, em convênio com a Secretaria de Estado de Educação (SED) de 1998 a 2006. O Programa de Inclusão Social (PIS) atendia pessoas em situação de empobrecimento a partir de critérios próprios. Entretanto, a partir de 2007, estas atividades mudam de nomenclatura pelo governador eleito, passando a ser conhecido como vale renda.



proporcionam um olhar sobre aspectos mais amplos, que envolvem a relação familiar: de pais, filhos, homens, mulheres e crianças.

O Programa de Inclusão Social (PIS) atendia, no período entre 2005 a 2006, em Mato Grosso do sul, cerca de 70.000 famílias, e no bairro Nova Lima era um quantitativo de 241 famílias em convênio com a Secretaria de Estado de Educação e a Secretaria de Assistência Social e Economia Solidária (SETTAS). Muitos grupos foram criados, com a média de 25 participantes cada um, e ficaram conhecidos por Grupos de Reuniões Socioeducativas<sup>14</sup>.

As reuniões ocorriam uma vez por mês, com o objetivo de desenvolver palestras e atividades que visavam à emancipação daqueles que recebiam o benefício, os temas eram escolhidos a partir de Relatórios e análise de desempenho qualitativo.

Um dos critérios do programa para o recebimento do benefício era a participação nos Grupos de Reuniões Socioeducativas, a prestação de contas - demonstração de gastos com alimentos e bens para a família e a matrícula e manutenção dos filhos na escola pública.

A cada seis meses, buscava-se avaliar a preservação da saúde da família - através de exames de rotina tanto do homem como da mulher e ainda, a busca de mecanismos de superação da vulnerabilidade social participando de atividades comunitárias, cooperativas, cursos e grupos de geração de renda.

Segundo informações de coordenadores do Programa de Inclusão Social (PIS), as atividades desenvolvidas tinham um caráter provisório, sendo assim a superação das necessidades eram urgentes, tanto por parte dos beneficiários, quanto pelos responsáveis pelo Programa.

Os encontros mensais aprofundavam temas específicos visando promover o empoderamento do grupo e as trocas de experiências entre participantes das reuniões mensais das diversas realidades locais, inclusive na realidade do Bairro Nova Lima. Esses

---

<sup>14</sup>Reuniões mensais que possuíam o caráter de debater e buscar caminhos para superar a situação vivida. Os temas eram variados, tratava desde a violência contra a mulher, educação dos filhos, mercado de trabalho e uso dos recursos recebidos. As reuniões baseavam-se no referencial de educação popular, cuja metodologia se desenvolve em princípios não formais que contribua na participação coletiva. O termo Educação Popular foi cunhado por Paulo Freire, é uma educação comprometida e participativa orientada pela perspectiva de realização de todos os direitos do povo. Não é uma educação fria e imposta, pois baseia-se no saber da comunidade e incentiva o diálogo.

momentos de debate permitiam construir atitudes específicas frente à realidade. Foi em uma dessas reuniões que ocorreu a ideia, entre os Agentes de Acompanhamento à Família da Região, de formar grupos de reflexão. O objetivo era buscar parcerias, trocar ideias e estudar a realidade em que seus beneficiários viviam. Assim, dividiram os encontros mensais, que antes eram feitos de acordo com as datas estipuladas pelo Programa de Inclusão Social (PIS). A partir dessas parcerias entre os agentes, os grupos de formação se subdividiram da seguinte forma:

- a) Grupos de empregadas domésticas e diaristas;
- b) Grupos de artesãs;
- c) Grupos de donas de casas - mulheres que trabalhavam exclusivamente em casa;
- d) Grupos de homens titulares.

Este último é foco principal desta pesquisa, pois era um grupo constituído por dezessete<sup>15</sup> membros do sexo masculino, e eram assim caracterizados:

- a) Faixa etária: todos os homens tinham entre 30 a 60 anos. Sendo:
  - 30 a 40 anos, o número era de três (3) homens;
  - 40 a 50 anos, o número era de cinco (5) homens;
  - 50 a 60 anos, o número era de quatro (4) homens.

A idade desses homens corresponde ao período que mais produzem, isto é, em que são considerados economicamente ativos. Esses dados indicam que o estar fora do mercado é um incômodo ainda maior para sua masculinidade, pois as pressões tornam-se mais contundentes.

- b) Profissão: As profissões variavam. Todos diziam ter duas ou três profissões, e sabiam fazer de tudo, mas indagados sobre qual mais realizavam e com qual se identificavam, algumas tiveram um destaque maior. Entre elas temos:
  - Pedreiro/ Carpinteiro: quatro (4) homens;
  - Mecânico: um (1) homem;

---

<sup>15</sup> O grupo original constituía dezessete homens, no entanto devido aos imprevistos como: horário de trabalho, saúde e tempo, apenas doze deste total participaram e contribuíram com suas experiências ativamente.

- Trabalhador rural: três (3) homens;
- Catador de papelão: dois (2) homens;
- Tapeceiro: um (1) homem;
- Vigia: um (1) homem.

Os homens envolvidos nesses trabalhos são moradores do Bairro Nova Lima. As características do grupo foram marcadas pela perseverança, pelo entusiasmo e por muito desejo de reconstruir suas vidas através da volta ao mercado de trabalho formal, pois para eles isso tornava-se uma questão de honra, pois o trabalho para um homem funciona como uma das principais referências da construção masculina, este lhe serve de modelo de comportamento, e desde cedo, os meninos crescem assimilando a ideia de que pelo trabalho serão reconhecidos como homens (NOLASCO, 1995).

Para esses homens, a urgência de ter um rendimento os fez abandonar os estudos muito cedo. Percebemos isso porque a maioria não concluiu o ensino fundamental. E hoje, esses homens comentam que, devido à falta de estudo, têm dificuldade de se colocar no mercado de trabalho e também de fazer qualificação, pois seu conhecimento se baseia na prática, aprendida pela vida ou com seus pais. A escolarização dos entrevistados destaca que os homens desde cedo são destinados ao mundo do trabalho, vejamos:

- c) Nível escolar: Para facilitar a compreensão do nível escolar, optei por demonstrar a frequência, sem enumerar a conclusão, pois muitos dizem ter entrado em determinado grau de estudo e depois ter abandonado no meio do ano, dificultando a localização exata.
- 1ª a 4ª séries do ensino fundamental: oito (8) homens;
  - 5ª a 8ª séries do ensino fundamental: três (3) homens;
  - 1ª a 3ª séries do ensino médio: um (1) homem.

Ao serem questionados sobre o retorno aos estudos, usaram como justificativas: O retorno à escola exigiria sair de casa e com isso mais gastos ou ter que deixar de ir à igreja. Outros disseram que não tinham mais idade para isso. Alguns falavam que a saúde não era boa, etc.

Todos demonstravam um receio e não viam no retorno à sala de aula uma solução para suas vidas. Queriam respostas rápidas em tempo e ganho certo. Entretanto, para frequentar atividades religiosas, demonstraram-se abertos. Tanto que dois se diziam católicos praticantes, isto é, de assumir uma pastoral na comunidade como dirigentes. Outros quatro eram evangélicos e frequentavam o culto, três vezes por semana. O restante do grupo era católico, mas fazia um bom tempo que não iam à igreja. Essa disposição para participação religiosa refletia na resolução dos conflitos. E isso era tão forte que um dele disse: “[...] aqui não há homem separando de mulher e nem mulher separando de homem”.

Eram homens casados, apenas dois viviam sozinhos, pois tinham se separado da família. A média de filhos por casal era em torno de três crianças. As crianças, em sua maioria, estavam em idade escolar. Esses homens demonstravam muita preocupação com as crianças, pois encontrar-se na situação de empobrecimento, estar participando de um programa que reconhece a condição de necessitado, reconhecer-se desempregado, isto é, sem trabalho, estar na informalidade e, muitas vezes, fazer bico, e seu ganho não ser fixo, torna problemático o sustento dos filhos. Eles homens têm vivido situações que os levam a repensar seus vínculos familiares, sua condição de ser masculino, e a questionar as construções históricas que fizeram a seu respeito.

Esses grupos de homens, sujeitos desta pesquisa, atualmente não realizam mais as reuniões mensais. Segundo a superintendência do Programa de Inclusão Social, ligada à Secretaria de Assistência Social e divulgada em imprensa local, as atividades encontram-se interrompidas para recadastramento e reavaliação de todos os participantes, com o objetivo de construir um novo modo de atender os beneficiados. Entretanto, na época em que ocorreu a divisão dos grupos de reuniões, articulou-se um grupo formado especificamente por homens titulares e representantes de suas esposas, a partir da experiência de que, nos encontros anteriores, a realidade vivida pelos homens e, também por parte de algumas mulheres, era de fuga, timidez, silenciamento e constrangimento, principalmente quando determinados assuntos eram abordados, como:

- a) saúde da mulher e do homem;
- b) violência de gênero;
- c) realidade familiar e emancipação;
- d) educação dos filhos;
- e) trabalho, sustento da família.

Tendo estas referências em mãos, os responsáveis pelas reuniões mensais - agentes de acompanhamento às famílias - compreendendo e buscando o consenso, elaboraram um momento de encontro em que só os homens participavam e assim propiciaram inúmeras discussões, que contribuíram para perceber as crises e a fragilidade masculina.

Outro aspecto, que foi determinante para a formulação de grupos de reuniões mensais específicos, era a provisoriedade do programa. Sendo assim, os agentes de acompanhamento às famílias sentiram a necessidade de encontrar caminhos que possibilitassem respostas mais específicas e eficazes, levando em conta os anseios da localidade e dos grupos. Diante disso, surgiram inúmeras ações, como a divisão de grupos, citada anteriormente, como também a organização do Conselho com pessoas dos diversos grupos dos bairros (Anache, Colúmbia e Nova Lima), todos participantes desse programa.

À medida que a realidade foi sendo discutida, surgiram comissões de luta pela moradia, campanhas de compra no bairro, organização de grupos de produção, inúmeros outros desdobramentos que, na minha participação como agente de acompanhamento das famílias, ia percebendo. Porém, referente à masculinidade frente à realidade do empobrecimento, sentia-se a necessidade de buscar a compreensão de elementos que pudessem estar na base de fenômenos sociais, culturais e de gênero, pois esses homens traziam muitas informações sobre a violência doméstica, sobre a constituição do “machão”.

A pesquisa com grupo de homens usuários de programas sociais na formulação de referências educacionais que levem em conta as questões de gênero se faz tão pertinente e altamente decisiva para a educação, pois alunos e alunas, ao se constituírem estudantes, trazem em suas mochilas, em seus olhares, em seu corpo, em suas ideias, esta complexidade. E esses estudantes, em particular os meninos, veem em seu pai a referência masculina a ser seguida, mesmo com constantes mudanças vividas no processo histórico; os alunos demonstram os efeitos das relações familiares na escola, como também carregam as marcas de gênero que a escola propicia para sua família. Assim vemos que essa troca de experiências ocorre em todo ambiente frequentado, fazendo parte da política da identidade (HALL, 2006).

O bairro Nova Lima nos ofereceu uma realidade altamente complexa e forneceu referências de critérios para atitudes de movimentação social:

- a) Índice de violência mais elevado da capital, segundo os próprios moradores.
- b) Alto índice de pobreza, segundo a coordenação dos programas sociais, isso foi o fator determinante para escolha desta região a ser implantado o programa bolsa escola.
- c) O quantitativo habitacional em torno de 5.000 famílias, chamando a atenção para um grupo cada vez maior de homens em busca de trabalhos informais para o sustento de suas famílias.

A população sempre atuante, transmitia uma organização e um pioneirismo nas ações comunitárias, que a fizeram ser, para muitos, ponto de referência e exemplo a seguir por outros bairros da região. Diante dessa realidade, qualquer que fosse a atuação como agente de acompanhamento às famílias - função a qual exercia quando trabalhava na região nesse período - teria de ser algo que viesse a contribuir na motivação e no desenvolvimento local. E agora, como pesquisador, procuro compreender as relações de gênero nesse contexto, mais especificamente a re-significação da masculinidade dos entrevistados, sem a pretensão de responder a todas as questões, pois a vida pulsa com tamanha força que não se esgota numa pesquisa.

Analisar a realidade sob o viés das relações de gênero priorizando a masculinidade é um grande desafio, pois os padrões tradicionais definidos pelo modelo patriarcal para o comportamento dos homens (ser o provedor, dar estudo para os filhos, e outros) não leva em consideração a construção da identidade, apenas reafirma ideias unívocas. Porém, ao dizer quem somos, também estamos nos instituindo como identidades, e este processo de dizer-se é indeterminado, incerto, vacilante, instável implica continuidade e mudanças conforme o tempo histórico, condições sociais, econômicas e culturais (HALL, 2006).

As dificuldades anunciadas frente ao empobrecimento dos homens, no contexto no qual estão inseridos, caracterizam uma declaração de impotência e fracasso (CONNELL, 1995). Porém serve como ponto de partida para compreender como uma realidade precária, constituída de muitas ambivalências, produz um modo específico de masculinidade que procura mudanças.

As atitudes de mudanças refletidas no discurso dos homens vêm se modificando no decorrer das décadas. Percebemos a necessidade de políticas específicas,

uma educação ainda mais próxima dessa realidade, as quais levem em conta essas transformações sociais em todos os ambientes de encontro e, em particular, no ambiente escolar.

Optei por representar os entrevistados com nomes da mitologia grega, pois o universo masculino tem muita semelhança com o mundo dos deuses gregos, apresentam muitos mistérios, conflitos. Os deuses gregos criavam uma imaginação popular cheia de indagações que, no decorrer do tempo, tornou-se complexa a ponto de explicar e esconder muitos comportamentos. Observei, no meu trabalho de campo, que o mundo masculino também guarda segredos, fascínio e tragédias a serem descobertas.

E, portanto, a caracterização dos entrevistados ocorreu de forma aleatória por acreditar que todos têm a mesma importância frente aos dados obtidos. Não classifiquei os entrevistados por ter alguma referência ao poder e à posição dos diversos deuses gregos, pois os vejo como heróis. Haja vista que a vulnerabilidade social os coloca em risco a todo instante, provocando conflitos com sua esposa, filhos e com a realidade social. Creio que somente pessoas com sabedoria e com muita capacidade de sonhar, conseguem ver o contexto em que vivem e ainda encontrar motivos para olhar o mundo com outros olhos.

Entretanto surgiu a preocupação de que esta classificação se torne uma supervalorização masculina, que não é o que essa dissertação pretende. Compreendo que para poderem existir os diálogos entre homens e mulheres é necessário que haja na mesma proporção deusas que tenham as mesmas representações e o mesmo poder. Como é caso de seus pares: mulher, filhas (os) e amigas (os). Isso significa que a re-significação dessa realidade só ocorrerá compartilhando seus desafios e soluções.

Os nomes dos deuses e seres mitológicos seguem a seguinte ordem:

- POSEIDON - senhor dos mares, dos maremotos;
- CRONOS - senhor do tempo, controla o dia e noite;
- ZEUS - deus e senhor de todos os deuses, e administrados do monte Olimpo;
- DIONISIO - deus da vinha, divindade que protegia o vinho e as festas;
- APOLO - deus do sol, da luz, adivinhador e protetor das artes;
- ARES - deus da guerra;

- PROMETEU - criador dos homens e para ajudá-lo roubou o fogo para dar aos homens;
- TESEU - herói grego semelhante ao deus que matou o Minotauro - monstro que habitava o labirinto de Cnossos;
- HERCULES - filho (bastardo) de Zeus. O mais famoso herói, pois realizou 12 trabalhos para escapar da fúria de Hera- Esposa de Zeus;
- HADES - senhor dos infernos responsável pelas profundezas subterrâneas
- HERMES - deus da comunicação.

Como todos esses deuses, os homens têm suas múltiplas faces, ora com sentimentos e ações divinas, ora com sentimentos e ações desprezíveis. Compreendê-los significa entender a relação com suas deusas, entender a relação de gênero que pede e exige, cada vez mais, de nós atitudes frente à violência doméstica, frente às relações de poder construídas historicamente.

Como os deuses nem sempre revelam seus mistérios nos primeiros diálogos, fiz entrevistas coletivas envolvendo, no primeiro momento, quatro pessoas e no segundo momento, apenas duas, isto porque nas datas marcadas alguns estavam trabalhando. O fato de ser um pequeno grupo favoreceu a gravação e os estimulou para que pudessem falar com mais desenvoltura. Algumas vezes, um completava o outro, favorecendo o aprofundamento dos temas. As idas e vindas do bairro propiciavam muita reflexão do meu próprio mundo masculino - marcado pela vida de seminário, pai de dois meninos, professor de escola pública. Hoje me vejo como pai de duas crianças, o qual necessita exercer o cuidado, isto é, preciso demonstrar minha afetividade, passar ideias de respeito e dar exemplo de ternura e carinho.

Portanto, a identidade masculina circula em torno de muitas emoções. Para descobri-la, é necessário investigar uma gama de categorias, porém nos dedicamos algumas como: paternidade e cuidado; o trabalho; o medo, a violência e a esperança. Isso significa: a tematização sempre é relativa, mas nos permite avistar referências para entender que o homem está se modificando sempre.



### 3.2 A paternidade e o cuidado

Nesta categoria, vou analisar a relação paternidade e cuidado. Chamamos de paternidade a representação masculina de assumir uma criança como filho ou filha. E esta condição é muito importante na vida de um homem, o que se torna um elemento muito significativo na constituição da identidade masculina. E, quando o exercício da paternidade está mergulhado na dimensão do cuidado, que significa zelo, dedicação, ocupação, a vida do homem torna-se mais intensa e se re-significa.

Dessa forma, pude perceber nas falas dos entrevistados que a atitude masculina frente à paternidade tem indicado uma tendência para o cuidado. Os homens nesta condição histórico-cultural têm deixado a atribuição do pai apenas “provedor” para assumir a condição de pai “afetivo”. E esta mudança auxilia para compreendermos a re-significação identitária masculina.

Os homens têm vivido suas re-significações justamente nestes tempos contemporâneos, quando a rapidez e a falta de tempo se tornam elementos para a sobrevivência, e os ‘sólidos’ perdem espaços para os ‘líquidos’ (BAUMAN, 2004). Para compreendermos melhor, podemos dizer que, nesse período de “liquidez”, as pessoas não têm tempo a perder com o cuidado, com o zelo, que necessita de conquista e dedicação.

Trata-se este de um período em que os valores divulgados na Idade Moderna entram em decadência, e o destacamos como período de crise de regras e respeito, período de confusão das referências trazidas do século passado; período de confronto de e de pouca disponibilidade para dedicar-se ao outro. Por isso o cuidado, a dedicação e o zelo tornam-se fragmentados e voláteis.

Nesse tempo de liquidez, as coisas práticas são mais valorizadas do que as coisas feitas paulatinamente. Isto implica dizer que perder tempo com o cuidado é ir contra a nova ordem. Ter filhos e ser um pai zeloso é estar desatualizado. A nova tendência é “antes e acima de tudo, eliminar as obrigações ‘irrelevantes’ que impedem a via do cálculo racional dos efeitos; como dizia Max Weber, libertar a empresa de negócios dos grilhões dos deveres para com a família e o lar e da densa trama das obrigações éticas” (BAUMAN, 2004, p. 10).

Isso significa estar mais livre, ter menos obstáculo para estar à disposição do mercado. Então o homem que estiver livre respondendo ao interesse do mercado tem mais facilidade de sucesso. Entretanto aquele que tiver mais restrições, mais elementos que impeçam uma dedicação ao mercado econômico está fadado a ser excluído. Sendo assim, percebemos que a mulher e o homem têm de ter a capacidade de adaptar-se ao mercado, ao contexto, ao movimento diário, ao individualismo, pois qualquer elemento que prenda torna-se um empecilho e deve ser amputado. Um bom exemplo é o número de filhos, de casamentos, etc.

Essa realidade proporciona uma sensação de ser inteiro e ainda inacabado, o que significa estarmos num processo de incertezas muito intenso. Essas incertezas atravessam o sentido de ser homem e mulher, que assim buscam referências para se sentirem mais humanos. Talvez isso possa ser um dos motivos da valorização da paternidade masculina entre nossos homens entrevistados.

E estes homens vêm fazendo a experiência de um outro tipo de paternidade. Uma paternidade que necessita de responsabilidade, de rotina, da presença e da participação na vida dos filhos, para exercer o cuidado com o filho que necessita de dedicação, paciência, tempo, e esses pais acabam se prendendo neste desafio que é cuidar de um outro ser, que é filho.

Isso lhes proporciona determinadas crises, pois agora a presença na vida familiar exige uma participação efetiva, na medida em que sua que companheira adentra no mercado de trabalho. A realidade social pede novas divisões no seio da família, proporcionando ao homem determinadas atitudes que até então eram vividas muito mais pela mulher.

Percebo que esse momento favorece ao homem e à mulher rever a relação de gênero construída ao longo dos inúmeros processos vividos. E isso significa encontrar novos caminhos. Podemos dizer que não é simplesmente adotar o novo e renunciar ao que se considera antiquado, mas adentrar no processo de re-significação, isto é aferir sentido, ponderando o que lhe parece bom, buscando justificativas para a manutenção de determinadas atitudes e sistemas. Como vemos, desde os mais variados encontros das civilizações antigas, as mudanças não são automáticas, mas negociadas:

[...] Parece que alguns contatos tiveram de fato poucos resultados: as partes envolvidas em ambos os lados, ou porque se sentiam suficientemente confiantes de seus próprios valores, ou absolutamente convictos de que as alternativas eram estranhas e bizarras demais, acabaram deixando virtualmente intocadas leis e imagens. Outros contatos influenciaram padrões em certa medida, em particular nos séculos III e IV aec [...] (STEARNS, 2007, p. 58).

O zelo, o cuidado, são também aprendidos e fazem parte da construção cultural de cada ser. Essa dimensão perpassa todo o instante da vida dos homens e marca o contexto em que vivem. Os pais trocando experiências aprendem sempre.

Nos tempos atuais, a solidez perde sentido e assim temos a necessidade de nos transformarmos sempre. A antiga família, sólida, rígida da qual muitas vezes queríamos escapar, dava segurança. Ela se transformou em uma série de possibilidades fluidas, isto é, existem famílias só com mães, só com pais, famílias com dois pais, com duas mães, irmãos com mais de uma casa, biológicos e adotivos. Nessa perspectiva, observamos que o exercício da paternidade permanece no entre-lugares, pois convive com as novas tendências e deseja a segurança e a re-significação da prática afetiva.

É nesse sentido que Bezeira da Silva (2005) chama a atenção para o fato de que a masculinidade se constrói não só em relação ao feminino, mas também em relação ao próprio grupo de pares e a diferentes modelos masculinos, como a homossexualidade. E isso implica uma abordagem centrada no caráter relacional e, portanto, são também as condições adversas que exigem e imprimem a re-significação da paternidade. Então, para ampliar e modificar as características da paternidade, não basta incluir os homens em cursos, mas é necessário rever a própria forma de tratar as mulheres, analisar a prática da virilidade, a influência do mercado econômico na convivência familiar, isto é, um conjunto de elementos de convívio social deve ser repensado.

Nesse eixo de reflexões, as intervenções deixam de ser apenas no indivíduo (homem ou mulher) e passam a ser nas relações e nas representações sociais acionadas num conjunto de contextos (família, escola, bairro, Estado, etc.). E para isso a concepção tradicional não contempla as novas possibilidades de pensar o cuidado e a paternidade, pois considerava o pai como “provedor-protetor ou o líder instrumental da família, enquanto a mãe era quem cuidava efetivamente dos filhos, assumindo o papel de líder expressivo-afetivo.” (MEDRADO, 2001, p. 154). Nesse debate, no qual as mulheres são fortemente

identificadas com o cuidado maternal, e os homens, com força e proteção, temos de pensar e buscar novas referências para o cuidado e as relações de gênero que, entre outras coisas, questione a dominação masculina.

Os estudos sobre os homens e suas masculinidades têm trazido contribuições importantes ao problematizar aspectos cruciais para a reflexão sobre a dominação masculina e as relações de gênero. A partir do questionamento da noção de masculinidade hegemônica, a produção teórica tem permitido o reconhecimento de masculinidades múltiplas e contribuído para pensar o gênero como categoria que atravessa o tecido social e se articula à classe, raça/etnia e geração, subvertendo formas de subordinação e opressão.

Um dos elementos que caracteriza a re-significação da masculinidade é o exercício da paternidade, pois esta categoria reflete as inúmeras tentativas dos homens no ato de educar. Nesse tema, refletem-se as fronteiras simbólicas dualistas do período moderno como: força/cuidado, autoridade/autoritarismo, protetor/provedor, e na pós-modernidade refletem as marcas e as fraturas constituídas ao longo da história o que vem resultando em condições híbridas vividas por esses homens.

Diante desse contexto, a paternidade tem experienciado: a denúncia dos maus tratos, da violência sexual, da pensão alimentícia e o anúncio do respeito à diferença, estabelecida pelo cuidado incondicional dos pais. A presença cada vez maior na vida dos filhos tem proporcionado ambivalências na vida dos homens, que invadem e exigem outras formas de ver, olhar, agir e estar no mundo.

M: qual é a alegria de ser pai?

TESEU: é muita, muita que nem se fala.

M: existe diferença entre a educação que você recebeu e de como educa seus filhos hoje?

TESEU: muita. É muito grande.

M: quais?

TESEU: Antigamente podia bater, hoje não pode mais, não pode fazer nada. Eu fui educado de baixo de relho. Era uma época dura, era muito rígido. Agora, hoje não pode fazer nada disso. A gurizada está tudo mais esperta.

Isso coincide com os ‘medos líquidos’<sup>16</sup>. Na reconstrução de novos espaços e outras perspectivas de direitos, o homem agora procura conviver e exercer sua paternidade buscando outras alternativas, pois já reconhece, em seus filhos, uma determinada *esperteza*. Isso significa que a autoridade deve ser alcançada de outra forma.

A paternidade, segundo Nolasco (1995), proporciona a discussão pulsante sobre a construção dos corpos e, sobretudo nas relações intrafamiliares:

Portanto, matem a discussão sobre o *novo homem* a partir de reflexões feitas sobre o *novo pai*. Este último, por sua vez, está sendo construído sobre a ausência e o silêncio deixados por uma geração de homens que, superficialmente, são identificados como pessoas que não se interessam em, afetivamente, estarem ligados a seus filhos. Para esta “linhagem” de pais a estrutura de vida está centrada fora das fronteiras e das demandas familiares (NOLASCO, 1995, p. 149).

A paternidade vivida até antes do pós-colonialismo<sup>17</sup> tinha como referência uma geração de homens marcados pela ausência afetiva e pelos silenciamentos<sup>18</sup>. Eram descritos como pessoas que detinham a autoridade máxima. O século XX teve uma intensa produção de novos conceitos e adjetivos na sociedade, na família, na mulher, no homem, como também na paternidade. Pesquisas produzidas revelavam que, antes desse período, o homem era investido de uma autoridade, que se apoiava na imagem de uma paternidade rígida, pais e filhos tinham uma relação distante:

[...] procuram apontar o modelo tradicional que se apoia em imagens rígidas, distantes e comprometidas mais com a disciplina, a norma e a punição do que com respostas às demandas apresentadas a partir da relação pai-filho [...] os descaminhos e carências vividos por uma legião

<sup>16</sup> Sentimentos e reações, que mobilizam a pensar, agir de maneira ponderada. Podemos dizer que este sentimento nos gera uma sensação de impotência, pois atinge uma grande parte do grupo. A característica do medo líquido é que suas soluções são vistas como sendo individuais e solitárias (BAUMAN, 2008, p. 20).

<sup>17</sup> “movimento teórico que tem como objetivo analisar o complexo das relações de poder entre as diferentes nações que compõem a herança econômica, política e cultural da conquista colonial europeia. A análise pós-colonialista concentra-se, particularmente, na literatura metropolitana, para examinar as relações de poderes envolvidas no processo de construção da alteridade dos diferentes povos colonizados” (SILVA, 2000, p. 92). Este movimento ganhou proporções amplas que motivou a transformação de muitos aspectos nos países colonizados.

<sup>18</sup> “O silenciamento é um ato de restrição imposto por uma gama variada de silenciadores e de dispositivo institucionais, e como tal, pertence à esfera da relação de poder” (SILVA NETO, 2007, p. 8). Os homens revelam seus silenciamentos e seus silêncios. Os seus silêncios tratam de fenômenos indizíveis, isto é, sentimentos e atitudes não comunicadas por não conseguir traduzir. Os silenciamentos são as imposições truculentas dominadoras, autoritárias que impedem as falas por estarem marcadas pelas determinações culturais, econômica e social.

de filhos podem ser pensadas como expressão em que o pai é alguém omissivo e distante afetivamente (NOLASCO, 1995, p. 150).

O exercício da paternidade era vinculado principalmente à capacidade de prover a família e seus filhos. Ser pai era um atestado de que era “homem macho” de que sua preferência sexual era o sexo oposto. Por isso, o nascimento do filho era uma festa tamanha e esta aumentava quando se sabia que o filho era do sexo masculino, sendo assim a educação era muito mais comprometida com a disciplina, com o controle, com a ordem, e para obter esta ordem, a doutrinação e a punição era uma característica frequente e inquestionável.

Essas características de ser pai determinam um padrão a ser seguido que, ao mesmo tempo, torna-se um estímulo para colocá-la sob rasura, pois o filho, a esposa sentem as exigências desta relação, e também o homem percebe as contradições e ambiguidades vividas, sendo assim procuram burlar os modos de convivência, isto é, encontrar caminhos de encontro para por trégua aos conflitos tão evidentes que incomodam a todos.

Os homens descrevem com alegria que ser pai é importante. É um momento que impõe mudanças. Descrito nas falas dos entrevistados:

M: é importante ser pai?

HARES: Com certeza, é muito importante ser pai, a gente sendo pai, a responsabilidade chega mais cedo e também evita muita coisa...

TESEU: É bom, ora ... É bom, a gente acaricia, a gente tem carinho!

POSEIDON: É muito importante. A dificuldade é quando pede uma bicicleta, um vídeo game, uma coisa cara, isso é difícil. A pessoa fica preocupada, mas a alegria é grande. É muita... (pensando). É muita, nem se fala.

Assumir responsabilidades, receber carinho, acariciar demanda proximidade, quebrar distanciamentos, colocar em risco aquele modelo do pai doutrinador que sempre determinou a masculinidade. Essa nova forma de viver o cuidado com os filhos revela a contradição de viver os prazeres da ternura, da afeição e da responsabilidade do sustento, da manutenção que marca sua construção cultural:

M: Para ser considerado um bom pai, o senhor precisa...

HERCULES: ser rígido, porque senão não tem jeito, tem que ser rígido. Maneirar a mão, senão a molecada toma conta.

M: E de quem é a responsabilidade de educar os filhos em sua casa?

HERCULES: dos dois, de pai e mãe.

O entrevistado revela que “deve ser rígido” para educar os filhos. Entretanto, logo depois, na mesma intensidade, afirma que “deve manejar a mão”. Ele compreende que simplesmente a rigidez já não dá conta nesse novo processo educacional.

[...] Hoje, para um homem, é tenra a discussão da paternidade; ela gera sentimentos de estranheza e mal-estar, na medida em que o faz contactar suas próprias experiências passadas. Avaliar a paternidade é até certo ponto reviver situações em que se experimentaram emoções primitivas de abandono e de temor de aniquilamento (NOLASCO, 1995, p. 157).

O homem diante do exercício da paternidade resgata sentimentos, que estão sendo questionados. Então, a partir do ritmo lento, procura viver novos saberes que não lhe propõem respostas definitivas.

M: Como você educa um filho para ser homem?

PROMETEU: normal. Se um filho vira homossexual, ou a mulher vira lésbica ou prostituta, ou o que seja, estou preparado pra vida. É isso aí..

M: pra não acontecer o que você faz?

PROMETEU: Acho que o próprio mundo, já dá lição. E ele mesmo já vê no mundo. Ele assiste nos anúncios, pela televisão... Ele mesmo já sabe. O próprio mundo dá aula neles. E a gente explica para eles que é assim... assim... assim. E aí, vai deles. E o sentimento das pessoas como que a gente (nós), como vamos interferir? Não vemos a mente da pessoa. E aí, não tem nem como.

“O mundo educa para ser homem”. Prometeu revela que não estão sozinhos na educação dos filhos. Ele percebe a influência do contexto social na vida de cada pessoa, destacando aqui a vida dos filhos. Prometeu ainda diz que interfere na educação dos filhos quando necessário, porém observa que existem realidades que ele mesmo não consegue adentrar. Sendo assim, podemos dizer que ele percebe a sociedade repassar valores, perspectivas que tornam impossível o isolamento. Prometeu quando diz que explica, porém que depende dos próprios filhos fazer a opção sexual, entende que a sexualidade não está

determinada. Ele está colocando em questão o modelo de masculinidade que traz construído historicamente.

A paternidade é um papel que aproxima homens, mulheres, jovens e crianças. Sem essa prática, como ser mais afetivo, carinhoso com nossos amigos, vizinhos, com nossa sociedade? Só podemos doar o que temos, aquilo que aprendemos, principalmente o afeto.

### **3.3 O trabalho**

Trabalhar, ter uma atividade que possa sustentar a família e a si mesmo, tanto para homens e mulheres, sempre foi um aspecto que mexe com a vida das pessoas. O trabalho está ligado à possibilidade de fazer conquistas. O trabalho na relação de gênero norteia a relação de poder e por isso torna-se um elemento fundamental na humanidade.

Por conseguinte, o trabalho e a família continuam sendo os eixos organizadores da vida de homens e mulheres de todas as idades, raças e nacionalidades. O mito de que o trabalho e a família eram dois mundos separados acabou, e o reconhecimento da importância das relações entre estes passou a guiar não só as discussões acadêmicas, como também as políticas sociais. Com a crescente participação das mulheres no mercado de trabalho, o questionamento dos papéis e responsabilidades de homens e mulheres no interior das famílias tornou-se ainda mais evidente. As trajetórias de vida adulta, tanto para homens como para mulheres, passaram, cada vez mais, a significar ser companheiros, pais e trabalhadores economicamente ativos.

Entretanto, a relação de gênero se modifica em ritmo diferenciado. E isso fez com que as mulheres tivessem uma condição de cidadania ainda mais fragilizada, pois a participação da mulher no mercado remunerado não significou a consolidação da melhoria econômica feminina, nem de sua família, mas sim o aparecimento da dupla jornada de trabalho e também uma remuneração inferior à do homem e a competição injusta que refletia nos lares. Esta competição, em nossa sociedade, pode ganhar outros sentidos quando a contingência fala mais alto. Percebemos, com as experiências de nossos



entrevistados, que o trabalho é um dos mecanismos encontrados pela família para sua subsistência e para a produção de sonhos:

M: quais eram os sonhos e as pretensões quando você era mais jovem?

APOLO: estudar.

M: e hoje quais são?

APOLO: trabalhar

M: quais as maiores dificuldades que um homem encontra pra sobreviver?

APOLO: Arrumar um serviço, (fixo) porque está difícil.

O trabalho é motivo de esperança, pois pode proporcionar transformações. Ao responder dessa forma, talvez não compreendamos a dimensão e a sensação de não ter trabalho; mas não ter trabalho é como se não tivesse significado de existir, isto é, sem possibilidade de ser reconhecido. Ao responder que seu primeiro sonho era ‘estudar’, percebemos a importância que o homem atribui ao fato de ter uma vida melhor. A falta de trabalho dificulta sua vida e afeta sua masculinidade, pois foi construída a partir do mito do macho provedor. Baseados em Bauman (2004), podemos dizer que a ausência de trabalho produz um ‘efeito imprevisto’<sup>19</sup>.

Estar trabalhando, ou não, proporciona efeitos em toda a família. Entretanto, ao atingir a figura masculina, os abalos e as reações ganham dimensão ainda maior, visto que:

Os homens, contudo, são mais afetados, na medida em que sempre lhes coube prover as necessidades materiais da família. E este papel de provedor constitui o elemento de maior peso na definição da virilidade. Homens que experimentam o desemprego por muito tempo são tomados por um profundo sentimento de impotência, pois não há o que eles possam fazer. Além de o sentimento de impotência ser gerador de violência, pode resultar também em impotência sexual. Há homens que verbalizam preferir morrer a ficar sexualmente impotente (SAFFIOTTI, 2004, p. 35).

De modo semelhante a Saffiotti (2004), percebemos que Nolasco (1995) também afirma que o trabalho e o desempenho sexual funcionam como as principais referências para a construção do modelo de comportamento masculino. São referências que

---

<sup>19</sup> Efeito imprevisto gera a desintegração com dimensões inestimáveis, gerando muitos conflitos sociais com múltiplas dimensões. Os efeitos imprevistos referem-se a algo que não se tem controle. É possibilidade inevitável, mas não calculável (BAUMAN, 2008).

se destacam na construção identitária. E desde cedo, as crianças crescem assimilando a ideia de que, com o trabalho, serão reconhecidos como homens.

CRONOS: um é quando você levanta de manhã, conversa com eles, antes de ir para o trabalho, quando chega à tarde, torna a conversar de novo, convida para sair ou até [...] mesmo ir na igreja, mostrar um caminho.

O exemplo de ir ao trabalho, acariciar o filho ao sair e também em seu retorno permite demonstrar aos filhos e à família que se é um homem honrado, ocupado, responsável, cheio de valores. Isso dá aos homens *status* de poder, dando significado para si mesmo. Dá maior sensação de independência e, desde cedo, o indivíduo liga o trabalho com a consolidação da masculinidade.

Ao passo que, na ausência deste, inicia-se um profundo sentimento de mal estar, desorientação e fracasso. Na relação de gênero, percebemos que este sentimento tem permeado não só os homens. As mulheres, ao exercerem o trabalho remunerado, entram na perspectiva de autonomia, independência. Entretanto, por estarem historicamente amputadas pelo machismo, seus ganhos visam ao coletivo sem uma consolidação de um poder autoritário.

À medida que este trabalho para o homem se torna mais complexo, difícil, escasso, os homens vão se sentindo como “pessoas rejeitadas<sup>20</sup>”, inicia-se um processo de depreciação de si mesmo, nascimento da crise.

M: Como um homem se sente sem rendimento?

HERCULES: Os homens de hoje em dia sente preocupado, se sente coagido porque não tem como sobreviver, tratar da família. Pois muitas vezes a família fica doente. Ele não tem de onde tirar um centavo para resolver a situação. Isto só dá preocupação. Isto é agitação na vida da pessoa.

Hércules nos esclarece que, sem o trabalho, sem rendimentos que possam sustentar sua família, se sente como um *animal coagido*. Isso significa que, ao estar nessa situação, o homem entra em conflito consigo mesmo, como ele mesmo diz: “Entra em agitação”, isto é, fica fragilizado podendo cometer qualquer loucura para resolver tal situação.

---

<sup>20</sup> Pessoas rejeitadas significam lixo humano, pessoas que não são mais necessárias para o perfeito funcionamento do ciclo econômico (BAUMAN, 2004).

Percebemos que tal situação tem proporcionado ações violentas no contexto familiar, pois a imagem construída de ser o provedor e a expectativa da família trazida ao longo da história frente ao homem fazem com que ele perca o significado de sua existência.

Hércules revela essa sensação, pois sabe que um homem sem condições de tratar de uma família nunca terá uma família, pois seus pares não suportarão um homem que não coloca comida na mesa. O homem entra em conflito e cria um círculo de exigência caindo num processo sem fim.

POSEIDON: O meu sonho é criar todo mundo (ver os filhos grandes), ter uma casa boa para mora, comprar um carro que não tenho ainda. A moto, eu já consegui, agora só falta um carro, graças a Deus.

M: Quais as maiores dificuldades que um homem como o senhor encontra pra sobreviver?

POSEIDON: É salário muito pouco, muito baixo. O salário é muito baixo não dá pra nada.

M: Por quê?

POSEIDON: Por que vem se defazando, defazando cada vez mais. Tudo está ficando cada vez mais apertado. Água, luz, tudo mais caro. Tudo está subindo além do limite. O gás nem se fala, e assim aí vai apertando.

Nolasco (1995) ressalta que, ao ingressar no mundo do trabalho, o homem incorpora para si as pré-condições para o sucesso. Cada vez mais busca uma identidade que favoreça o seu reconhecimento, pois está marcado historicamente pela condição patriarcal, de se mostrar forte, poderoso e capaz. Ao responder que pretendia comprar um carro, casa, pois já comprou a moto, revela a condição de estar com seu suor no rosto, trabalhando, mostrando o sucesso econômico. Poseidon reclama do salário muito baixo, comenta o que já conseguiu e o que pretende conseguir. Para ele a condição econômica se torna marcante na masculinidade, que influencia no que qualifica de “homem”.

Hoje a autonomia econômica não é privilégio masculino, entretanto os homens ainda procuram demonstrar pela posse de bens, o poder econômico. Essa impossibilidade de demonstração de bens coloca em crise todos os seus elementos historicamente construídos. A necessidade os tem levado a perceberem que sozinhos não dão conta da manutenção deste *status*, pois:

O que está acontecendo com os homens e o que está acontecendo com as mulheres são aspectos de um processo de transformação mais amplo, iniciado nos séculos XVII e XVIII, na Europa, e tem relação com necessidade de mudança dos valores dominantes, referentes às desordens ideológicas, econômicas e sociais pelas quais passaram estes séculos. Estas crises, que exprimem a necessidade de mudar os valores que definiam o mundo do trabalho e o da família, seriam aprofundadas no final do século XIX, desembocando na sistematização do feminismo e, hoje, nas exigências de reformulação do comportamento dos homens (NOLASCO, 1995, p. 55).

Encontrar uma alternativa para a situação está sendo uma atitude muito estranha e difícil para os homens, pois precisam admitir que estão necessitando de auxílio e que suas decisões precisam ser conversadas. Para muitos, principalmente do grupo social masculino, por uma forte influência patriarcal, isso coloca em dúvida sua masculinidade. E mais ainda quando o mundo do trabalho tem possibilitado novos arranjos na família. Os homens agora já não são donos do sustento da família. E ainda percebem que o tão “maravilhoso” trabalho não é só um privilégio seu. Isso leva à busca de alternativas, ou a novas relações entre homem e mulher:

ARES: É difícil! É puxando um pouquinho de um lado, um pouquinho do outro. Paga água. Paga luz, aí na compra do mês fica apertado.

M: E as decisões como são tomadas?

ARES: entre eu e a mulher.

M: E as dificuldades, como são resolvidas as dificuldades passadas pela família?

ARES: Vai... devagarzinho... vai dando um jeito. Puxa de um lado do outro, vai indo até que dá certo.

M: e quem toma as decisões? Toma a atitude?

ARES: Aqui sempre, eu e a mulher. Assim paga a conta, vamos deixar essa. Pagar essa, não comprar outra coisa, é assim que nós tocamos.

Ares tem resolvido suas dificuldades com a falta de rendimento, conversando, priorizando as contas, e procura esquecer momentaneamente o que está passando. Ele diz que: “vai indo” significando que o importante é viver, pois a provisoriamente faz parte de seu contexto.

Bauman (2005) ilustra que, nesse processo de constante mudança, sair definitivamente de cena é declarar seu desaparecimento, pois vivemos num processo de “liquefação” das estruturas e instituições sociais. Estamos vivendo um ambiente fluido,

onde não dá para saber o que nos espera. Temos que estar preparados para a mais incomum das realidades. Parece-me que é isso que está ocorrendo, segundo a fala do entrevistado. O entrevistado entende, sente a necessidade. Sabe que o trabalho não é suficiente para manter a família e as condições sonhadas. Entretanto, como ele mesmo diz: “vai... devagarzinho vai dando um jeito. Puxa de um lado do outro, vai indo até que dá certo”.

Isso significa que os homens estão se re-significando dentro das propostas oferecidas. Eles são afetados pelas dificuldades do mundo do trabalho, e pelo contexto social, e precisam dar conta dessa nova realidade:

Seu poder não se baseia mais na coerção direta: a sociedade não dá mais ordens sobre como se viver - e, mesmo que desse, não lhe importaria muito que elas fossem obedecidas ou não. A “sociedade” deseja apenas que você continue no jogo e tenha fichas suficientes para permanecer jogando. A força da sociedade e o seu poder sobre os indivíduos agora se baseiam no fato de ela ser ‘não-localizável’ (BAUMAN, 2004, p. 58).

Diante dessa nova ordem, as decisões dentro da casa começam a tomar outras formas, muitas vezes não pretendidas; mas, como estratégia de sobrevivência, atuam dessa forma e encontram mecanismos para manter as poucas referências da masculinidade herdadas no decorrer de longos anos. Vemos que isto tem proporcionado a estes homens novas atitudes e novas relações:

M: Como são tomadas as decisões?

TESEU: Têm algumas que sou só eu. Têm algumas que a gente tem que tomar só a gente. Algumas decisões, duas mentes não batem, não dá certo. Mas têm algumas que a gente tem que pedir a opinião da mulher também, senão a gente se lasca (decisão da mulher).

Quando o entrevistado diz que, “tem que pedir a opinião da mulher”, demonstra rever um dos pontos fundamentais da convivência, proporcionando a construção da identidade masculina. Isso significa que o ‘diálogo’, o ‘trabalho’, que implica ir além dos ganhos econômicos, constitui elementos para a identidade masculina. E isso possibilita a convivência prazerosa com suas parceiras.

Os homens, ao revelarem e refletirem sobre seus medos, segundo Saffioti (2004) ressalta, deixam o patriarcado dominador e conseguem conviver com a divisão de poder e assim o homem deixa de ser o único a sustentar a família. E como consequência, os homens poderão ouvir das mulheres que:

[...] poderão contar aos homens que a revelação de suas fraquezas os tornará mais fortes, mais sensíveis, mais amorosos. Desta forma, eles poderão perder o medo, fator que concorre para a transformação da agressividade, uma força propulsora muito positiva, em agressão, ato tão destrutivo - e autodestrutivo - devastador (SAFFIOTI, 2004, p. 34).

Percebemos que homens e mulheres desejam mudanças no mundo do trabalho e desejam conviver. A tomada de decisões, algumas vezes em conjunto com a esposa, outras vezes sozinha, e ainda outras vezes é a esposa quem toma a palavra final, demonstra que encontraram uma demarcação de decisões que normalmente era motivo de conflitos. Porém deixam transparecer que devem ser dialogadas, na perspectivas de respeito mútuo.

### **3.4 O medo**

“Homens amedrontados”! Falando assim, parece que não se refere aos homens conhecidos em nossa realidade, ou nossos pais, ou os ídolos que temos. As imagens que temos dos homens que admiramos são de pessoas fortes, ousadas que não cometeram erros e lutaram com tamanha dedicação que seus nomes estão guardados na galeria de heróis, são os protetores a quem recorremos nos momentos de dificuldade.

Quando olhamos para fotos enfeitando as paredes - posso dizer isso, pois observei nas casas visitadas e por onde circulei para realizar as entrevistas - , estas são geralmente masculinas. Com o desenvolvimento desta pesquisa, comecei a prestar mais atenção nas escolas, hospitais onde há figuras. As imagens expostas são predominantemente masculinas. Dificilmente encontramos mulheres e, se há, vem acompanhada de seus esposos ou representam uma homenagem exclusiva.

As imagens masculinas referidas nas fotos, pinturas e desenhos demonstram força, seriedade, olhar decisivo e conquistador, longe dos percalços, dos receios, das indecisões, impotências e medos. Observando essas imagens, comecei a perguntar o porquê dos homens serem mostrados como um conquistador? E para isso todos os seus receios, indecisões, recuos e medos foram esquecidos ou nunca existiram.

Nas longas conversas com os heróis e deuses de minha pesquisa, comecei a perceber que quase não comentam sobre suas fraquezas ou sobre os mecanismos que lhes

faziam vir à tona os medos. Assim, comecei um autoquestionamento. O que faz o homem ter medo de ter medo? Por que suas fragilidades incomodam tanto? Quais as consequências da impossibilidade e da impotência na vida de cada uma dessas pessoas envolvidas na pesquisa? Estas foram as perguntas que passaram por minha cabeça durante as entrevistas com os homens participantes desta pesquisa.

As respostas não possibilitam esgotar o assunto tão amplo e complexo, porém fomentam a iniciativa de compreender um dos muitos arranjos da masculinidade, e assim possibilitar a discussão das relações de gênero.

Nesse sentido, as práticas sociais de gênero que produzem o poder do homem sobre a mulher assim como o poder de alguns homens sobre outros homens (por exemplo, a dominância da masculinidade branca heterossexual, urbana, sobre outras masculinidades distintas), que estão desta forma reforçando a construção social do gênero baseada na hierarquia de poder. Assim, falar de transformação da masculinidade é ao mesmo tempo falar sobre o modo como os homens são sexuais em nossa cultura e sobre as tensões envolvidas no processo de reconfiguração das masculinidades (GARCIA, 2001, p. 41).

Investigar as marcas tão fortes, construídas historicamente, não é um processo fácil. Compreender seus medos, as tensões, as dificuldades de demonstração de sentimentos, as conquistas, significa mergulhar na construção da masculinidade e entender as relações de poder envolvidas na produção de suas sensações.

Garcia (2001) ressalta que as tramas culturais proporcionam às pessoas a busca de alternativas ou simplesmente reafirmam o que está consolidado em suas vidas tradicionais. Foi o que observei em muitos momentos das minhas entrevistas, principalmente quando se relacionava o medo à impotência.

M: Em sua história teve algum acontecimento marcante, que o fez se sentir incapaz, impotente?

DIONÍSIO: (pausa), choro de criança ao fundo. Agora você me apertou!

M: Você tem idade, tem bastante experiência na sua vida, teve alguma coisa na sua história que marcou você. Que você se viu incapaz de resolver, impotente?

DIONÍSIO: não, não... Até hoje acho que não. Graças a Deus! Eu sempre consegui resolver minhas coisas. Nunca tive fraqueza... (e se tivesse). Ninguém pode resolver por nós... não é mesmo?

Dionísio afirma que ele mesmo nunca se sentiu incapaz, fragilizado e mesmo que alguma possibilidade existisse, ele mesmo exclama: “Ninguém pode resolver por nós”, isto é, ninguém irá resolver por ele, caso ele decida expor seus problemas. E ainda ressalta que não tem com quem contar, reproduzindo a concepção de que os homens são fortes, guerreiros. E ele não vê na mulher a provedora, pois é ele que tem de transmitir este sentimento para a família:

A visão de mundo que os homens vão construindo se inicia com a crença em sua superioridade como gênero, gerada por meio da observação da dinâmica familiar entre seus pais e do tipo de relação que estabelecem entre si. Dos valores que vão sendo agregados à “visão de mundo” estão a disciplina, o endosso à autoridade e a moral familiar, a “ideia de morrer para fugir à vergonha da derrota ou do fracasso”, a valentia, a coragem e a identificação com a hierarquia (NOLASCO, 1995, p. 74).

Reconhecer que tem problemas e reconhecer que não consegue resolvê-los é uma dificuldade para o ser masculino e de uma extensão incalculável. Nolasco (1995) nos leva a entender que Dionísio absorve todos os poderes e, se for necessário, irá às causas. Isso significa que a frustração chega a tal ponto que gera uma sensação de morte, pois os homens são estimulados a sempre conquistar. Podemos dizer que esse fato proporciona reflexo em todo o ambiente em que ele convive. Essa sensação mal resolvida pode gerar violência, conflitos.

O homem foi criado para ajudar, estar disponível a todo o instante e só depois ser ajudado. Talvez, se a relação fosse mais equilibrada com a sua esposa, isso possibilitaria uma divisão de papéis demonstrando a necessidade da re-significação. Entretanto a construção marcante da masculinidade tradicional se mostra tão pujante dificultando que sua masculinidade seja colocada sob-rasura. Isso favorece a reprodução da masculinidade tradicional, ainda que seja possível a construção de outros modelos:

Para tornar-se homem ou mulher é preciso submeter-se a um processo de socialização de gênero, baseado nas expectativas que a cultura tem em relação a cada sexo. É a família, como principal agência socializadora, quem tem as suas funções concentradas na formação das personalidades. Nesse espaço social, no confronto de gerações, os modelos sexuais são definidos pelas relações de poder seja no social, material ou emocional (MUSZKAT, 2001, p. 226).



Muszkat (2001) ressalta que a principal agência socializadora é a família. Entretanto esse papel não cabe apenas à família, temos a escola, grupos de trabalho, amigos de convivência, vizinhos, a mídia, o poder público e etc. Todos proporcionam e funcionam como agentes socializadores e agem constituindo modos e maneiras de agir e de pensar. Dessa forma, podemos refletir que essa mesma agência socializadora, ao mesmo tempo em que confere ao homem as características do “macho”, posições de poder, leva os homens a desenvolver comportamentos que os afasta de qualquer semelhança feminina. Então o homem precisa

[...] estar preparado para um nível de desempenho que afaste qualquer semelhança com o modo feminino de ser, de tal forma que sentir-se fraco, ser traído pela mulher, ficar doente, perder emprego, não conseguir gerar filhos, não são apenas experiências desagradáveis no repertório da masculinidade, mas sinais que podem promover ameaça subjetiva de perda do referencial da virilidade (MUSZKAT, 2001, p. 228).

Portanto, com relação a isso, os homens desenvolvem dois processos simultâneos. O primeiro é a busca de um lugar para ancorar sua masculinidade, isto é, um ponto de referência que historicamente vem sendo definido pelo “forte”, “corajoso”, provedor. E o segundo processo é a negação de qualquer sensação e atitude que lembre a feminilidade. Segundo Muszkat (2001), essas ações e reações masculinas acontecem simultaneamente e são geradoras de tensões e angústias nos homens.

M: você conhece alguém que é homossexual?

POSEIDON: (pausa) Conheço um punhado (risos) um punhado! Hoje em dia está cheio disso.

M: já conversou ou conviveu com algum deles?

POSEIDON: Eu não, não... A gente tem amizade com um cara lá na gleba, mas ele é meio parente da minha mulher. Meio parente, não, é cunhado da tia dela. Não conheço bem, quase eu não falo com ele não (risos) Mas é gente... Assim meio diferente.

Poseidon ao se referir ao homossexual imagina que ele não é homem. Trata-o como uma pessoa que é diferente, pois as características físicas, emocionais vividas não se referem àquelas que ele aprendeu como sendo de um homem. Percebemos que Poseidon procura distância, possui tratamento receoso, um medo. Pois ele não vê características no homossexual que possam ancorar sua identidade masculina. Poseidon evidencia muito mais

atitudes femininas que masculinas no homossexual, observadas nas atitudes comportamentais e sexuais. Portanto, ele procura exercitar a negação.

[...] podemos pensar que o embaraço criado pelos homens em torno da homossexualidade pode ser decorrente do fato de o modelo convencional adotado para socializar um menino derivar-se de uma base andrógina estimulada socialmente na apologia do “super-homem”, e ambigualmente controlada por um discurso moral contra a homossexualidade. É importante observar que a questão da androginia está presente tanto para os homens que se definem como homossexuais, quanto para aqueles que se definem como heterossexuais (NOLASCO, 1995, p. 120).

Isso significa que um dos grandes medos do homem é não ser homem. Qualquer atitude que venha colocar em risco sua masculinidade gera um processo de angústia e medo. Bauman (2008) nos leva a refletir que na atualidade se ampliam as possibilidades de sentirmos medo, pois se encontra em todos os lugares, em lugares impensáveis significando que a ambiguidade e a confusão dificultam a localização do medo. Em períodos anteriores, com a identificação facilitada se podia distanciar, isolar, destituir, destruir o medo. Agora com o desenraizamento, a sociedade muda a ordem, proporcionando a reflexão de que:

O medo é mais assustador quando difuso, disperso, indistinto, desvinculado, desancorado, flutuante sem endereço nem motivos claros; quando assombra sem que haja uma explicação visível, quando ameaça que devemos temer pode ser vislumbrada em toda parte, mas em lugar algum se pode vê-la. “Medo” é o nome que damos a nossa incerteza: nossa ignorância da ameaça e do que deve ser feito - do que pode e do que não pode - para fazê-la parar ou enfrentá-la, se cessá-la estiver além do nosso alcance (BAUMAN, 2008, p. 8).

O medo para os homens geralmente é um sentimento muito ruim, que normalmente é visto como negação da masculinidade construída, pois em sua vida o homem sempre aprendeu que deve ser forte, alguém sem medo.

Os homens, diante do contexto em que vivem, percebem que as dificuldades e os elementos que provocam medo, encontram-se espalhados por todos os lugares e espaços. “O medo de sentir medo” é uma tentativa de ignorar as forças que o questionam, reforçando elementos como a coragem, a força, o “machão”.

M: Em sua história teve alguma situação de medo, impotência?

HERMES: Acho que não. Não me lembro de nenhuma não (pensando). Que eu me lembre, não.

M: Atualmente quando ocorre uma situação assim como você resolve?

HERMES: É fácil. É só não esquentar muito, não esquentar, se você for esquentar você fica doido. Então toca o barco.

Hermes responde que nunca teve uma situação que lhe causou medo ou mesmo impotência. Ele busca negar qualquer possibilidade do medo. Ele reafirma “que me lembre não, pois homem não pode sentir medo”. Ter medo é reconhecer que teve um sentimento de fraqueza. Esse isolamento da emoção é necessário para reafirmar a masculinidade que a sociedade cobra. Hermes nos faz lembrar aquelas histórias vividas nos tempos escolares, nas quais se repetia que sentir medo é “coisa de menina”.

Lembrando do meu tempo escolar, quando as meninas iam ao banheiro, os meninos (nós) diziam: cuidado, lá tem uma mulher de branco. As meninas ficavam com medo, gritavam, corriam. E logo nós corríamos até lá, também com medo, mas estufando o peito procuravam negar o sentimento, pois, por sermos “homens”, não podíamos ter medo. Hoje percebo, com este relato, como estão conectados o contexto social, a vida na família e a vivência na realidade escolar. As representações nos diversos espaços são vividas tão intensamente que a reprodução se manifesta quase que automaticamente.

Agora neste período em que estamos vivendo, o futuro é nebuloso. Na economia, na sociedade, em todos os lugares e ambientes, o medo aparece, pois não mais temos o controle dos medos como parecia na sociedade iluminista. O medo tem se tornado ferramenta para vender produtos. Bauman (2008) ressalta que o medo criou um mercado altamente lucrativo, pois sem o medo não se compra segurança, não se mantêm soldados, armas, empresas:

Em vista da rápida globalização e dos mercados crescentemente extraordinário -, é obrigado a mudar a ênfase da “proteção contra o medo” dos perigos à segurança social para os perigos à segurança pessoal. O estado então “rebaixa” a luta contra os medos para domínio da “política de vida”, dirigida e administrada individualmente, ao mesmo tempo em que adquire o suprimento de armas de combate no mercado de consumo (BAUMAN, 2008, p. 10).

Hermes, este Deus grego cheio de sabedoria, encontra uma alternativa para viver sua masculinidade e não admite possuir medo. E relata que, para essa nova realidade, é “fácil: é só não esquentar muito, não esquentar, se você for esquentar, você fica doido”

Isso significa que os homens entrevistados desenvolvem processos de re-significação de suas identidades, pois simplesmente negar o medo é uma forma, é um mecanismo encontrado para enfrentar o medo, porém isso tem gerado angústia e sofrimento:

Esta nova vida tem se mostrado diferente do tipo de vida que os sábios do iluminismo e seus herdeiros e discípulos avistaram e procuraram planejar. Na nova vida que eles vislumbraram e resolveram criar, esperava-se que a proeza de domar os medos e refrear as ameaças que estes causavam fosse um assunto a ser decidido de uma vez por todas. No ambiente líquido moderno, contudo, a luta contra os medos se tornou tarefa para a vida inteira, enquanto os perigos que os deflagram - ainda que nenhum deles seja percebido como inadministrável - passaram a ser consideradas companhias permanentes e indissociáveis da vida humana (BAUMAN, 2008, p. 15).

Os contextos nessa nova ordem têm criado nos homens do bairro Nova Lima pensamentos contra o medo. É o que percebemos na fala de Hércules quando sente que sua realidade lhe questiona, pois isso vem colocando à prova a sua masculinidade. Ele poderia desistir ou ainda se deixar abater pelas condições adversas; de busca força e procura superar os obstáculos. Vejamos:

HÉRCULES - Então hoje o dinheiro não dá mais... pois eu tenho de pagar a luz. Eu tenho que comer. Eu tenho que comprar alguma roupa, porque eu já não tenho mais. Eu tenho comprar remédio, porque... você pode ver. Que eu tomo um monte de remédio. O remédio que eu tenho em casa, eu tenho que comprar tudo. É remédio caro. Então eu estou vivendo, como uma pessoa... Eu estou vivendo bem... Eu não digo que estou vivendo mal. Eu estou vivendo bem, mas um bem assim... (mostrando que está de cama). Mas eu não vou me entregar, mesmo.

A persistência, apesar dos obstáculos, revela seu receio de não conseguir dar conta do sustento próprio, da família e dos filhos. Pude compreender que, na medida em que o processo social começa a colocar em dúvida sua masculinidade, os homens conectam tais riscos a todas as outras ações que constroem como referência de masculinidade.

Sendo assim, a impossibilidade de sustentar-se proporciona medo, pois coloca em dúvida a sua capacidade de ser homem, construída ao longo da história como detentor do poder.

[...] a chamada cultura patriarcal - presente na subjetividade contemporânea - define os homens como detentores de prestígio e poder, atribuindo às mulheres - estimuladas a atuar nas brechas deste poder através do jogo da sedução - a fraqueza e inferioridade (MUSZKAT, 2001, p. 227).

Baseados em Butler (2001), podemos afirmar que esses contextos de instabilidade são possibilidades de mudanças, de reorganização, pois todo o processo de dúvida e de amedrontamento pode iniciar um processo de rearticulação das forças, colocando em questão as forças reguladoras, hegemônicas, os discursos consagrados:

Na verdade, são as instabilidades, as possibilidades de rematerialização, abertas por esse processo, que marcam um domínio no qual a força da lei regulatória pode se voltar contra ela mesma para gerar articulações que colocam em questão a força hegemônica daquela mesma lei regulatória (BUTLER, 2001, p. 155).

A realidade estimula novas formas das construções sexuais, tanto de homens, quanto de mulheres. As dificuldades vividas fazem com que os homens iniciem um processo de desarticulação das dúvidas levantadas, e seus medos passam a ser re-significados. É o que percebemos na fala de Apolo:

M - Como o senhor se sente tendo que dividir as despesas com sua esposa?

APOLO - Não... eu me sinto bem..claro que..nós dividimos as despesas. É claro que a gente se sente satisfeito, porque o nosso dever é eu ajudar a ela e ela me ajudar. Não é mesmo? As dificuldades já são grandes, se a gente não se juntar, aí fica muito mais difícil...

Assumir que tem de ajudar a ela na casa dividindo não só as despesas de sua casa, mas também seus medos, o está deixando satisfeito. Apolo está enfrentando todo o processo que trazia dúvida sobre a sua masculinidade. Apolo com a atitude de ajudar e de se deixar ser ajudado está desarticulando as forças reguladoras que determinavam e exigiam dele a provisão social e sexual. Apolo aposta e começa a viver outros processos que lhe custam uma enorme re-significação de sua masculinidade.

Percebemos nesses deuses e heróis gregos que existem muitos mistérios e possibilidades. Desarticular forças que, ao longo da história, foram construídas não é tarefa fácil nem se deve realizar com atitudes isoladas, mas buscando elementos que fortaleçam as relações de gênero, numa perspectiva não sexista.

### 3.5 A violência

A violência é um dos assuntos mais repletos de tabus. É um fenômeno social, segundo Saffioti (2004), relativamente oculto, mas que interessa à vítima e ao agressor:

Também interessa à vítima e agressores, já que podem, certamente, identificar, em sua relação violenta, algumas de suas raízes, encorajando-se a buscar ajuda. Os que ignoram o fenômeno, por terem tido a sorte de nem sequer haver presenciado as modalidades de violência [...] podem desejar ampliar sua cultura (SAFFIOTI, 2004, p. 9).

A partir da Revolução Francesa, “a violência deveria ser monopólio exclusivo do estado em nome da justiça”(MACHADO, 2004, p. 35). Mas a violência continua sendo exercida em diferentes relações sociais, incluindo as relações de gênero. Na atualidade tem-se investigado e analisado muito esse tema. Por isso já se observam na sociedade leis de proteção à vítima de violência, delegacias especializadas de violência contra a mulher, políticas públicas que levam em conta a transversalidade de gênero, visando à diminuição da violência.

Trata-se de um tema complexo, e ainda nos faltam conhecimentos para compreendê-la. Percebe-se que a violência de gênero não é uma exclusividade das periferias. Ela atinge a todos. Analisá-la exige que se faça um profundo mergulho na dimensão do grupo social, levando em consideração suas especificidades.

Saffioti (2004) observa que a violência possui várias dimensões e atinge a integridade dos sujeitos:

Trata-se da violência como ruptura de qualquer forma de integridade da vítima: integridade física, integridade psíquica, integridade sexual, integridade moral. Observa-se que apenas a psíquica e moral situam-se fora do palpável. Ainda assim, caso a violência psíquica enlouqueça a vítima, como pode ocorrer - e ocorre com certa frequência, como é o

resultado da prática da tortura por razões de ordem política ou de cárcere privado, isolando a vítima de qualquer comunicação via rádio ou televisão e de qualquer contato humano - ela se torna palpável (SAFFIOTI, 2004, p. 17).

Diante dessa definição, percebemos o tamanho do desafio, pois homens e mulheres, a todo o instante, sofrem violência em nossa sociedade. Diante da construção histórica em que o patriarcado foi sempre uma ação dominadora, observa-se que a violência contra mulheres e crianças sempre foi mais intensa. Da mesma forma, averiguamos que a figura do agressor, na maioria das vezes, é masculina. Percebemos nas entrevistas que estar dentro do processo de violência sendo vítima e agressor é um assunto que incomoda e pede que reflitamos com mais afinco.

Segundo Saffioti (2004) alguns estudiosos da violência de gênero, violência doméstica e intrafamiliar apontam que um dos fatores associados à prática da violência é a falta de trabalho, o desemprego. Entretanto observamos que este não é o único elemento, exigindo uma dedicação ainda maior na busca de suas causas. As reflexões envolvidas nesse debate nos estimulam a perceber que a cultura que produziu a masculinidade é uma das causas da violência se:

Tomando o que as narrativas revelam sobre o masculino, articulá-las com as formas de definição do masculino do pensamento psicanalítico laciano. Proponho-me pensar que os meandros sociais, simbólicos e subjetivos que articulam, por um lado, a posição privilegiada atribuída ao masculino por nossa cultura (mas não só por ela) como depositário da lei simbólica, tal com especialmente bem elaborada pela psicanálise laciana e, por outro, a posição significativa mente ocupada pelo masculino com agente do poder da violência (MACHADO, 2004, p. 36).

Compreender o que é a violência de gênero, suas possíveis causas e propor ações para o enfrentamento são pontos que exigem olhares sensíveis, prudentes e amplos, pois se trata de um assunto tão complexo que os sujeitos entrevistados parecem não querer falar sobre ele:

M: E quando acontece assim uma briga, uma violência e aí como que vocês reagem?

Pausa (SILÊNCIO.....).

M: Muda? Mudou? Por que quando tem muitas dificuldades pode acontecer?

CRONOS: É pode, mas graças a Deus, não. Não tenho o que reclamar.

ZEUS: no meu caso, não sei. Não posso falar nada.

Falar sobre violência, principalmente quando se está na posição de ser o agressor é, como vimos neste diálogo, muito difícil: a garganta começa secar, os olhares se cruzam e o silêncio, quase que automático, começa a fazer parte do ambiente. Cronos e Zeus admitem que a violência muda o ambiente familiar, porém afirmam que com eles nunca ocorreu, e também nunca a praticaram. Estar na condição de agressor ou até mesmo de vítima torna-se um diálogo difícil, pois é lembrar de fatos repulsivos, necessita de muito cuidado. E mesmo que acontecesse algo semelhante, encarar tal situação é como se destruísse um mundo que escolheu para viver.

Geralmente, no início da relação afetiva, em que se estão construindo laços, quando se tem a satisfação e a felicidade, a violência não é cogitada, nem percebida. Mas Saffioti (2004) nos lembra que toda e qualquer ruptura que coloca em dúvida a integridade da pessoa, marca o início dos primeiros atos de violência. Quando um homem e uma mulher se apaixonam, se encontram e fazem juras de amor, tiram suas fotos, celebram a união, choram, distribuem abraços e querem que este momento fique marcado como sinal de seu amor, de casal perfeito, isso significa que se respeitam, dialogam, enfrentam conflitos conjuntamente e, ainda, que não há espaço para qualquer tipo de violência.

Porém, quando ocorrem imprevistos que mudam a rotina da família, no dizer de Saffioti (2004) um processo de desfiliação, a violência pode fazer parte das relações.

Grosso modo e ligeiramente, a desfiliação consiste numa série de fatos sucessivos: desemprego, impossibilidade de pagar o aluguel, perda da moradia e, portanto, do endereço, perda dos colegas e dos amigos, esfacelamento da família, cortes crescentes dos laços sociais, corte estes responsáveis pelo isolamento do cidadão. Enfim, de perda em perda, o desfiliado encontra-se no não-lugar, talvez no vazio mais doloroso para um ser humano (SAFFIOTI, 2004,p. 13).

No processo de violência vivido pela família, todos perdem: a mulher muitas vezes com sua vida, e o homem, com a falta de significado para existir, encaminhando-se para a morte.



Diante disso, precisamos entender que é necessário rever a culpabilização, nossas construções culturais e todos os elementos que nos marcam como sujeitos.

Nossos “deuses” vivem essa situação, mas não sabem como as forças se juntam e vão empurrando para os conflitos, mas sentem paulatinamente as dores de não conseguirem superar a realidade:

M: Então se a gente fosse imaginar qual seria o motivo que ocorrem as violências na família?

ZEUS: Eu acredito que é financeiro. A maioria das discussões é financeira, acho que noventa e nove por cento. Alguns casos não, é outro tipo de casos que acontece, mas é tudo financeiro. Outros por bebidas, vícios, drogas, mas a maioria é financeiro mesmo, pelo lado financeiro que acontece briga, mas tem muitos casos também gerados por causa de vícios; drogas pode gerar violência na família. Entre pais e filhos é muito difícil, porque cada caso é um caso. Se um pai é viciado numa droga vai gerar muitas confusões, entendeu? Se o pai é alcoólatra, vai gerar muitas confusões, porque vai passar a não trabalhar. Aí já vai ser... além de alcoólatra, vai ser... depende de outras pessoas, porque não vai ter condições financeiras pra tratar dos filhos. Educação ele não vai poder dar, porque o exemplo que ele está dando não é bom. Ele não vai poder dar uma educação para o filho, o filho não vai respeitar ele, então cada caso é um caso. Violência existe e está existindo muito, mas eu acredito, vai de um conselho meu: é pela dificuldade muito grande.

Zeus acredita que um conselho pode evitar as ações agressivas, para isso é necessária a mudança em todo modo de olhar e compreender o ambiente comunitário e familiar. Zeus talvez nos queira dizer que a escola, o posto de saúde e a igreja fazem parte do elo. Isso significa que, tendo uma rede de apoios, pode rever o processo de desfiliação.

E, quando se está na escola, há uma transferência da realidade vivida no contexto familiar, no ambiente escolar, pois representam e exercitam na escola a construção de como a masculinidade é exercida na sua família.

Toda essa transferência da realidade vivida no ambiente escolar talvez sinalize um pedido de ajuda:

M: E quem mais pratica a violência normalmente dentro de uma família? É o homem ou é a mulher?

CRONOS: É mais os homens.

M: Por que será que são os homens?

ZEUS: Olha, na minha opinião, ele é o mais agressivo, o homem é mais agressivo. É por isso que eu disse que cada caso é um caso, depende muito do convívio familiar e da situação que estão vivendo. Para gerar uma violência, tem muitos tipos de caso que pode gerar uma violência... às vezes, um stress muito alto gera violência, é situações às vezes é... que está desempregado pode gerar uma violência, é... outra, a esposa, às vezes, exige muito da pessoa e não tem condições, então cada caso é um caso.

Cronos declara que os homens são mais agressivos sem mesmo pestanejar. Mas Zeus reflete e nos leva pensar que ninguém, nem mesmo o homem, ou a mulher, estão livres da prática da violência. E ainda, é nos pequenos indícios de desentendimento que pode estar a causa das ações agressivas, isto é, os desencontros, a falta de diálogo, as marcas patriarcais trazidas em nossa história podem desembocar em violência.

Pesquisando sobre a violência doméstica, Machado (2004) nos chama atenção para um caminho cruel que acontece em nossa realidade, pois com a violência se desarticula a vida especificamente da família, vejamos:

Não são poucos os conflitos domésticos e amorosos em que as agressões verbais são recíproca e igualmente fortes e graves entre homens e mulheres. Mas o exercício da violência física, quer seja entendida como disciplinar ou como demonstração de poder (evocador ou não de legitimidade compartilhada), parece ser atributo preferencialmente masculino, no qual os homicídios seriam o ponto final de escala da violência (MACHADO, 2004, p. 50).

Percebemos que o caminho da prática da violência é longo e, se não houver interferências no decorrer desse processo, fatalmente se chegará ao ato final. Entretanto, isso se torna mais provável, quando o ambiente social reforça uma identidade masculina marcada pelas questões tradicionais que circulam na nossa cultura patriarcal. Como nos diz Silva (2000), as identidades são fabricadas por meio da marcação da diferença, por meio de processos classificatórios: “de acordo com os sistemas classificatórios que o significado é produzido. Os sistemas de classificação dão ordem à vida social, sendo reafirmados nas falas e rituais” (SILVA, 2000, p. 40). Portanto a masculinidade continua se refazendo na relação estabelecida com a diferença, isto é, com o mundo feminino.

As construções culturais e sociais nas quais estão inseridas a masculinidade, como o trabalho, a comunidade e o lar, também têm de mudar. Até as pessoas mais

próximas de nossa vida acabam por endossar, segundo Machado (2004), atitudes dominadoras do homem. Em alguns relacionamentos, quando há ciúme exagerado, muitos e até mesmo o casal compreende que aquilo é sinal de amor, de proteção, de cuidado. Eles veem no ciúme a referência do bem querer e fonte de um grande amor. Em outros, é a convivência que vai amadurecendo a relação:

PROMETEU: Come o que tem, se tem, tem. Come, se não tem ficamos alegres do mesmo jeito, não tem discussão de marido, e marido querendo separar da mulher. E mulher querendo separar do marido, por causa de dinheiro, comida, esses negócios, ai. Então eu já resolvi, são dezesseis anos juntos, eu já me acostumei, nesse jeito aí, que é pra não ter problema.

Prometeu resolve juntamente com sua deusa lutar para que seu amor seja eterno e encontra mecanismos de viver para não praticar a violência. Prometeu nos diz que não há nenhum impedimento para que convivam e partilham do mesmo teto e tenham filhos.

As crises que o casal (Prometeu e esposa) enfrenta e os conflitos do dia-a-dia não são causa de discussão. Segundo ele, tudo é resolvido com muita alegria, como a partilha dos alimentos, isto é, come o que tiver, sem exigências. A culpabilização não faz parte desta realidade, muito menos nos casais apaixonados.

A violência, ou seja, toda e qualquer ação que venha por em risco a integridade de homens e mulheres, isto é, colocar em ameaça a cosmologia humana que garante o equilíbrio existencial, segundo ele não ocorre, nem mesmo na falta de recursos. O entrevistado agora nos auxilia com sua sabedoria, redescobrimo outro modo de viver a instabilidade social sem a prática da violência física.

A violência de gênero, no sentido mais amplo, abrange as vítimas como mulheres, crianças e adolescentes de ambos os sexos (SAFFIOTI, 2004). Mesmo aquela perpetrada ou tolerada pelo Estado, por seus agentes, onde quer que ocorra, é uma ação altamente destruidora e necessita ser repensada articuladamente por toda a sociedade, ou seja, pela vítima, pelo agressor, poder público, por especialistas, homens e mulheres, pois o enfrentamento à violência não pode ser pensado com dualidade: num polo os ‘bons’ e, em outro, os ‘ruins’, ou simplesmente, agressores e agredidos.

Geralmente a consequência desse modo de pensar são aplicações normativas de um terceiro (poder público), que sempre demanda ações homogêneas e monoculturais, sem perpassar os processos constitutivos da violência. Essa problemática é complexa e causa inúmeros efeitos e envolve diferentes e significativos aspectos, não é recente, é uma questão milenar que causa muitos questionamentos e precisa ser debatida para que possa ser diminuída.

E o impacto na vida das pessoas é tão terrível que hoje se buscam alternativas para conviver com as dificuldades. Zeus e Cronos num diálogo ressaltam isso, pois sabem que a falta de serviço, a impossibilidade de sustentar sua família, é uma das causas dos conflitos familiares:

M: Vocês também quando ficaram desempregados, já tiveram ou houve uma discussão de dividir despesa em casa, a esposa trabalha para estar ajudando?

CRONOS: No meu caso, discussão, não... Não briga, mas conversa, houve um diálogo pra encontrar uma solução, pois ela trabalhando facilitava mais pra mim.

M: E qual foi a sensação de ver a esposa sair pra trabalhar, porque estava em situação... Não estava bem.

ZEUS: De dificuldade?

M: É...

ZEUS: Muito ruim.

M: Por quê?

CRONOS: Porque, às vezes, você quer que ela fique mais cuidando da casa ali, mas como a necessidade hoje se impõe, às vezes, nessa situação, então fazer o que, tem que acatar.

ZEUS: para o homem é uma coisa ruim, porque ele é que tem que ser o esteio da casa, o alicerce, assim que eu fui ensinado pelos meus pais. Você tem que ser o esteio da sua casa, não que você tem que prender sua esposa que ela não possa trabalhar, jamais. Se ela tem a facilidade, uma profissão que possa te ajudar, é muito importante que ela faça isso, mas não que você fica dependente dela, você é o cabeça da sua casa, dos seus filhos, você que tem que dar o sustento pra sua família. Essa experiência, você se sente mal; como homem se sente mal porque você é o alicerce da sua casa.

Zeus foi criado com princípios para ser alicerce. Perceber que não tem a possibilidade de colocar o que comer em sua casa gera uma cobrança muito grande. Ele se culpa, torna-se uma vítima. Ao não colocar o que comer em casa, está contrariando os preceitos do “macho”. Porém Cronos complementa fazendo a todos refletir: “no meu caso

discussão, não [...] não briga, mas conversa [...] houve um diálogo pra encontrar uma solução, pois ela trabalhando facilitava mais pra mim”.

Sabemos que todas as pessoas que sofrem as marcas da violência, têm em seu corpo não só as cicatrizes, mas suas almas ficam crivadas desse fato que se reflete em seus sentimentos, em suas falas, em seus sonhos e seus destinos. Isso marcará, com tamanha força, a existência da vítima que não há como negá-la. Da mesma forma, o praticante da agressão, embora diferencialmente, também fica marcado pelo resto de sua vida.

As ideias expostas por Bourdieu (1995) sobre a dominação masculina contribuem para entender a violência:

A dominação masculina está suficientemente assegurada para precisar de justificação: ela pode se contentar em ser e em se dizer nas práticas dos discursos que enunciam o ser como se fosse uma evidência concorrente. Assim fazê-lo ser de acordo com dizer. A visão dominante da divisão sexual exprime-se nos discursos tais como os ditados, provérbios, os enigmas, os cantos, os poemas ou nas representações gráficas (BOURDIEU, 1995, p. 137).

Nesse sentido, a própria dominação constitui, por si só, uma violência e está muito bem calcada em nossa sociedade pelo *habitus*<sup>21</sup>.

Todo o poder comporta uma dimensão simbólica: ele deve obter dos dominados uma forma de adesão que não repousa sobre a decisão deliberada de uma consciência esclarecida, mas sobre a submissão imediata e pré-reflexiva de corpos socializados. Os dominados aplicam a todas coisas do mundo e, em particular, às relações de poder nas quais elas estão enredadas, as pessoas através das quais estas relações se realizam, portanto também a si mesmos esquemas de pensamentos impensados [...] o efeito da dominação simbólica não se exerce na lógica pura da consciência cognoscentes, mas na obscuridade dos esquemas práticos do *habitus* (BOURDIEU, 1995, p. 142).

As ações desenvolvidas pelos entrevistados se dão a partir da convivência de sua realidade. Eles procuram ser mais comunicativos, encontrando condições para sair do ciclo de violência. Nesse processo, há perspectivas de re-significações:

---

<sup>21</sup> O conceito de *habitus* pode ser entendido como referências, ideias constituídas e “matriz de percepção” que regula as ações do sujeito no espaço social. Isso significa que os elementos se constituem ao longo se história. O *habitus* se constitui a partir da interação entre agente social e sociedade resultado do intenso processo de convivência (BOURDIEU, 1995).

M: E agora que jeito deveria ser o homem hoje, então?

CRONOS: Hoje o homem tem que ser mais comunicativo e mais educado ainda nessa parte. (em relação às mulheres).

ZEUS: Não acho assim...

CRONOS: E... Também ele tem que fazer mais, ele tem que observar mais em termos da mulher, pois os homens não observam em termos da mulher, isso ele não consegue.

ZEUS: Eu acho assim...

CRONOS: E mostrar para os filhos também que na geração dele pra frente vai mudar ainda mais, para que ele também consiga perceber isso aí, perceber porque na geração deles ainda vai mudar mais.

ZEUS: Eu acho que... A gente tem que fazer para adquirir alguma experiência na sua vida de ser homem, o homem, tanto a filha como o filho, você tem que ser sincero, trabalhador, comunicativo com o filho. Mas principalmente tem que ver em você sua sinceridade, seu caráter como homem, que você é um trabalhador, para ele se sentir... Passar para ele essa segurança, para ele passar para o filho dele na geração futura. Porque se você passa uma experiência mal para o seu filho, ele vai ser um mau filho, um mau pai adiante também, porque o mundo nos ensina nada de bom, se você não passar isso para ele, ele vai adquirir, só vai adquirir lá fora. A gente já sabe que a educação antes era uma, hoje é outra. Você tem que adaptar, se você não passar essa segurança para o seu filho.

Zeus e Cronos revelam atitudes e exemplos que são fundamentais pra construir um outro modo de ser homem e mulher. Cronos ressalta a ideia de que o homem tem de ser comunicativo, observador. Cronos nos revela que o homem não observa o mundo feminino. E ainda admite que, por mais que se esforce, não conseguirá compreender a realidade feminina.

Observo que existe uma especificidade na relação de gênero, difícil de ser refletida e compreendida, mas que pode ser dialogada, talvez por isso ele acredite que o homem tem que ser mais comunicativo e observador. Esses entrevistados nos chamam a atenção, pois compreendem que o mundo está mudando, e as futuras gerações vão sofrer mais alterações e também serão re-significadas.

Essas mudanças estão marcadas pela sua família, isto é, a sinceridade, o diálogo, elementos que favorecem a construção de uma realidade menos hierárquica, em que os filhos possam se espelhar. Porém eles admitem que não estão sozinhos nessa tarefa. A interferência da sociedade é, muitas vezes, mais poderosa e se sobrepõe aos valores

ensinados e nos costumes vividos em família. Entretanto, esses homens acreditam que o futuro será melhor através de suas experiências transmitidas aos filhos.

Percebo que a relação de gênero, principalmente na discussão da violência em que as mulheres são as maiores vítimas, tem de estar conectada ao mundo dialogal, da observação e do exemplo. Vejo que os conselhos de Cronos, somados ao exemplo que declara Zeus, podem abrir caminho para a superação da violência, não totalmente, mas quem sabe, um caminho a ser trilhado. Isso nos permite esperança, possibilidade. Um caminho ainda por fazer.

### **3.6 A esperança**

O que é esperança? Esta questão nos leva a questionar as nossas esperanças. Leva-nos a refletir. Abre um mundo de possibilidades. A esperança motiva-nos, faz-nos insistir, acreditar e com isso continuar. A esperança, muitas vezes, aparece como desejo a ser alcançado. Quando falamos em esperança, parece algo que está chegando; mas cada vez que se aproxima, vemos que ainda nos falta caminhar mais, e que o caminho fica mais difícil, porque já encontramos inúmeras respostas, já temos tantas tecnologias, tantos saberes acadêmicos produzidos, que a realidade parece escapar por entre os dedos. Essa sensação nos questiona, é como se estivéssemos “batendo em ferro frio”, isto é, parece que estamos forçando algo que não vai dar em nada.

Outras vezes, quando falamos em esperança, parece um sonho, algo bem distante que só pode ser vivido nas gerações futuras, pois não veremos a concretização do desejo que nos faz sermos tão ousados, perturbadores, tão eloquentes, insistentes. Quando falamos de esperança, parece que somos românticos sonhadores, pois vivemos na contramão da realidade econômica, que nos explora, da realidade social, que nos individualiza, da realidade cultural, que marca e nos empurra para determinadas sensações, da realidade política, que nos desgasta. Enfim, numa redoma onde o existe um mundo construído sob a perfeição, onde tudo acontece. Bauman (2004) nos leva a refletir que este sentimento de esperança que se aproxima do romantismo nasceu pela busca da segurança, do sonho de ver o mundo livre da desordem:

Europa central de fala alemã dividida em incontáveis e, em sua maioria, minúsculas unidades políticas, ao passo que a noção republicana - iluminista foi concebida num “estado sem nação”, um território sob administração dinástica cada vez mais centralizada que lutava para introduzir certo grau de coesão num conglomerado de etnias, dialetos e “culturas locais” - costumes, crenças, práticas regulares, mitologias, calendários (BAUMAN, 2004, p. 68).

Esse sentimento romântico não levou em consideração as diferenças existentes, observando apenas a possibilidade do engajamento. O fenômeno surgido dessa tentativa marcada de sonho romântico fez com que as pessoas tivessem “uma visão do paraíso: de tranquilidade, segurança física e paz espiritual” (BAUMAN, 2004, p. 68).

Esta ideia em cima da perfeição foi construída na modernidade a partir do século XVIII, quando as contradições eram encaradas como empecilho para a construção de uma modernidade única, e as diferenças deveriam ser superadas. Adentrar para o mundo industrializado significaria o importante passo na construção de uma sociedade mais justa, fraterna e igualitária. Não importava se para isso tivesse que provocar conflitos e perdas. Muitos confrontos travados significaram o aniquilamento de nações inteiras em razão de ideias únicas e homogeneizadoras. Isso significou um aumento ainda maior de uma esperança que pudesse revelar outras realidades que se fizesse presente. Entretanto Hall (2006) nos lembra que:

Ainda era possível, no século XVIII, imaginar os grandes processos da vida moderna como estando centrado no indivíduo “sujeito-da-razão”. Mas, na medida em que as sociedades modernas se tornavam mais complexas, elas adquiriam uma forma mais coletiva e social. As teorias clássicas liberais de governo, baseadas nos direitos e consentimento individuais, foram obrigadas a dar conta das estruturas do estado-nação e das grandes massas que fazem uma democracia moderna (HALL, 2006, p. 29).

As exigências do período proporcionaram perceber que, na medida em que a sociedade se tornava mais complexa, outras questões surgiam. A ideia de esperança estava pautada na possibilidade da superação da miséria.

Um bom exemplo de esperança na busca de superação da miséria ocorreu num momento de partilha, quando os homens revelavam suas dificuldades e seus receios e nossos participantes da dissertação falavam de suas realidades e buscavam mecanismos para superar a situação de empobrecimento. As revelações e as condições de vida nos faziam refletir. E



no mesmo período de nossas entrevistas, surgiu no bairro Nova Lima a possibilidade de cursos como de assentador de piso, pedreiro, mecânica etc.

A maioria dos homens entrevistados começou a falar sobre isso; alguns por terem mais dificuldade devido à saúde, outros por terem mais habilidade na vida do campo, e outros tinham uma enorme dificuldade de fazer a mudanças de profissão. Então conversamos sobre quem iria fazer o curso e sobre as dificuldades que encontravam. As respostas foram surpreendentes e nos fizeram pensar nas políticas públicas, no mercado de trabalho em todas as situações, pois a situação de sofrimento vivida ultrapassava dimensões que precisam ser repensadas na relação de gênero:

M: Vocês já pensaram em fazer um curso? Houve alguma dificuldade?

HADES - já coloquei na minha cabeça que tinha de fazer um curso. Pelo menos daqui para frente pensei no violão. Eu pensei... mas, não tem jeito de fazer o curso, pois eu não saio à noite, nem de dia. Eu fico o dia todinho em casa, porque eu não tenho condições de andar. Neste momento, eu já estou que não aguento mais... é minha perna. Eu não tenho condições mesmo de andar. Eu tenho que viver assim de favor. No momento, eu nem tenho condições...para falar a verdade... Eu estou... Desistindo de tudo.(silêncio)

TESEU - Eu não, as maiores dificuldade? Vou dar uma pensada (um tempo pensando coçando a cabeça) a maior dificuldade que acho hoje é a pessoa ter capacidade de lutar para possuir... comprar aquilo que é de interesse e não poder. Porque hoje em dia as coisas estão muito difíceis, não está tendo rendimento, não está tendo jeito da pessoa trabalhar. Hoje em dia o povo não quer dar mais emprego para ninguém. Hoje em dia o povo não dá mais interesse. Hoje não tem um interesse de dar um pedaço de terra para pessoa trabalhar, tocar uma rocinha, fazer um plantio de arroz. Porque eu gosto muito de plantar. Quero com meu trabalho, com meu esforço.., mas que hoje em dia...não consigo mais porque na fazenda não dá mais, não consigo morar porque ninguém dá mais jeito. Hoje em dia, o patrão não dá interesse para ninguém, só pensa no interesse dele e mexe no que é dele... Hoje em dia, ganhar e viver do salário não dá não; não tem rendimento.

Hades não viu em si mesmo a capacidade de fazer esses cursos, pois tinha uma saúde debilitada. Ele se sentia incapacitado por depender de sua filha para sobreviver. Estava envergonhado, passava o dia em casa e via no curso, algo que não poderia auxiliá-lo na superação de suas dificuldades. Seu pedido de ajuda foi tão espontâneo e forte que até hoje ecoa em meus ouvidos “eu estou desistindo de tudo”. A relação de gênero precisa ser

repensada para dar oportunidade a esses homens de expor seus problemas com mais facilidade para seus pares e seus grupos. Percebemos que a idade também exerce nesses homens outras dificuldades, principalmente quanto à capacidade de se sentirem produtivos.

Hades vê a possibilidade passando diante de seus olhos. E isso o incomoda, e sabe que não pode desistir. Ele chama atenção para a sua realidade e quer sair da situação em que se encontra. Podemos dizer que, ao incomodar-se, abre-se a possibilidade de transformação.

O outro entrevistado - Teseu - revela que quer trabalhar no campo, pois sempre viveu dessa maneira, tirando seu sustento de suas plantações. Agora, fazer um outro curso que não reflete suas características é um desafio muito grande. Podemos pensar que o mercado de trabalho exige readaptação e que, nos dias de hoje, se a pessoa não for capaz de mudar de profissão, fatalmente estará fora, excluída. Temos de pensar que a construção desse modelo de sociedade foi criada pelas mãos humanas e por elas podem sofrer alterações.

A imagem constituída a partir da busca da superação das desigualdades econômicas e sociais fez com o 'ser igual', ou parecido, se tornasse fundamental para a conquista colonial é também vantajoso, segundo a ótica do colonizador, para o próprio colonizado.

O terreno fértil favoreceu o projeto imperialista que se espalhou pelo mundo afora. A esperança, nesse momento, era ter encontrado uma fórmula que pudesse superar as diferenças sociais, econômicas e culturais. Pensava-se que com isso a falta de comida seria superada.

Viver tão próximo ou intensamente as realidades ambivalentes parece proporcionar um sentimento de esperança maior que os conflitos vividos. Pude perceber que, nas casas onde entrei, nas conversas que realizei, a esperança não é romântica, nem distante. A esperança é concreta, ela é o dia-a-dia, observa-se no comprar alimentos, no pagar a energia, na educação dos filhos, no auxílio mútuo. É o que vemos nas falas dos entrevistados quando se fala de projeção para um futuro:

M: Como você se imagina daqui a dez anos?

TESEU: Dez anos? Com certeza vou estar forte e saudável. A mesma disposição de hoje, eu quero estar daqui a dez, vinte, trinta anos, eu quero estar na mesma disposição, alegre, brincando.

M: E você... Como vai estar daqui a dez anos?

HADES: Olha, para mim, aí é uma pergunta é... bem difícil. Como eu estarei eu não sei... Só Deus mesmo. A gente não tem como... A gente não tem como falar como vai estar. Agora eu quero estar com saúde daqui a dez anos, eu quero mais... Aí depende de Deus, porque a gente... Hoje eu estou conversando com você, amanhã a gente pode estar doente... ou morto, sabe lá o quê. A vida é... um processo lento na nossa vida.

Teseu revela que sua esperança é ter a mesma disposição, continuar forte e saudável, continuar alegre e brincando. Percebi que essa perspectiva é viver uma realidade já vivida, sua esperança não é um sonho. A esperança no futuro é exercitada agora, viver como já se vive nos permite pensar uma acomodação, ou mesmo querer fazer a manutenção da realidade, pois já se sente satisfeito.

Entretanto, nossa percepção se desfaz, pois, como nos diz Hades: “a gente não tem como saber como vai estar. Agora eu quero estar com saúde [...] eu quero mais... aí depende de Deus”. Ao dizer isso, ele demonstra que está vivendo o melhor possível, o hoje, e o agora.

Todavia, Hades revela que pretende sempre mais. Ele mesmo confessa que não depende só dele. Ele compreende que existe um conjunto de forças, que pode determinar sua vida, porém deixa transparecer que esse processo é lento e precisa ser vivido sem desespero, ou fazendo como o poeta nos fala “deixa a vida me levar, vida leva eu, pois não mais me desespero...”. Esse tipo de esperança pode ter sido construído por sentir e viver em uma sociedade ambivalente, onde todos os instantes têm de se re-significar, como nos diz Bauman (2004) na questão do amor, pois nesta sociedade cheia de incertezas:

Acabamos com um paradoxo. Começamos guiados pela por uma esperança de solução - apenas para encontramos novos problemas. Buscamos o amor para encontramos auxílio, confiança segurança, mas os labores do amor, infinitamente longos, talvez intermináveis, geram seus próprios confrontos, as suas próprias incertas e inseguranças. No amor não há ajustes imediatos, soluções eternas, garantia de satisfação vitalícia, ou de devolução de dinheiro no caso de a plena satisfação não ser instantânea e genuína (BAUMAN, 2004, p. 70).

Os homens que vivem na periferia, como é o caso desses entrevistados, vivem essa contradição numa intensidade ainda maior, pois buscam a segurança, mas a realidade tem provocado a convivência com acontecimentos que rompem com essa segurança. E isso que encontraram mecanismos para conviver com a provisoriedade, pois a marca que esta deixa em sua vida os faz refletir sobre as relações de gênero, na busca pelo trabalho, no sustentar a família que coloca em questão a masculinidade, que antes era definida como provedora.

M: O que levou vocês a perceber, a fazer esta mudança? Em que momento vocês perceberam assim: olha não devo educar dessa forma, devo educar diferente. O que levou vocês a perceberem isto?  
 CRONOS: Devido à globalização.

ZEUS: Porque as escolas, hoje ensinam de uma maneira diferente, de educação, entendeu? Até as escolas, hoje, mudou o sistema de educação (incompreensível) então se você não se adaptar a algumas maneiras, não todas, mas algumas, você vai ser um péssimo pai, porque ou você vai ter que adaptar na lei que está aí ou vai ter penalidades por isso.

CRONOS: Se você quer fazer algo pelo seu filho, tem que pensar diferente...e também...a sociedade cobra da gente e da família e se você não se adapta na convivência com a esposa, com os filhos...só acontece confusão e você fica por fora do mundo, então você fica preso...

ZEUS: Um bom pai não é aquele que espanca. Se fosse assim, a cadeia... todo mundo sairia de lá santinho. A cadeia só anda cheia de gente e ninguém sai de lá excelente cidadão, se você fizer isto com o seu filho você vai ser preso, então um bom pai é aquele que fala, que conversa...

CRONOS: Que tem um diálogo maior com os filhos...

Neste diálogo percebemos como o contexto social influencia a vida das pessoas, como a escola pode ajudar na construção da masculinidade, numa relação de gênero mais dialogal. Quando Cronos declara que a globalização tem sido uma referência para novas atitudes, isto não significa que absorve todas as informações sem nenhum filtro, ele seleciona os elementos que proporcionam viver a sua realidade. Como eles mesmos afirmam “se não adapta [...] acontece confusão, fica fora do mundo...”. Isso significa que devemos fazer mudanças na realidade local vinculada ao mundo exterior e também “se você não adapta na convivência”. Pude compreender que as pessoas têm de conversar e dialogar sobre todas as notícias, as novidades trazidas pelos meios de comunicação.

Zeus ainda nos aponta que a imposição e a violência não têm efeito sobre a produção de novos saberes e condutas melhores, refletindo que, se assim fosse, as pessoas que estavam presas, cerceadas de sua liberdade, passando as maiores dificuldades, sejam morais, físicas ou sociais, sairiam “santinho”. A sabedoria tratada nesse diálogo nos faz perceber que a esperança, aquela vivida no dia-a-dia, se faz presente quando olhamos para um contexto social, sem promessas, sem sonhos, procurando viver o agora, a condição provisória, um pouco de cada vez, como se a cada dia fosse um outro dia.

Traduzir o que o outro pensa e sente talvez seja o nosso desafio neste momento. Traduzir suas sensações, suas esperanças. Temos de entender o que Ottoni (2005) propõe, pois nos leva a refletir que “a tradução traz em si uma tensão que resiste à fixação em períodos estanques, daí as múltiplas tentativas de formalização teórica e histórica” (OTTONI, 2005, p. 78). Compreendo que essa tentativa de pensar e ver a esperança na realidade local do Bairro Nova Lima ser um esboço da dimensão ali contida, pois sabemos que outros olhos poderão procurar traduzir o intraduzível.

Nesse enorme desafio de compreender o Outro, as suas diferenças e anseios, a esperança talvez seja o que nos ajuda. Uma esperança que nos auxilia a ter coragem de ir, de caminhar em direção ao outro, pois a masculinidade, desde a infância, vem aprendendo a ser viril, forte. Para romper com os *habitus* (caso isso fosse possível) é necessária coragem. Uma coragem de expor os próprios sentimentos, coragem de sair da realidade que, por muito tempo, foi constituída. Nessas entrevistas que realizei, percebi que é possível re-significar a masculinidade, pois re-significar é aproveitar o ocorrido para produzir novas vivências que já não é a mesma. E esta re-significação está acontecendo. Todavia mais pesquisas e estudo tornam-se necessários para que isso possa ser mais evidente. Eis o nosso desafio.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS, SEM FIM. ENFIM, PROVISÓRIAS...**

Acredito que esse processo descrito contribuiu para ver que a construção de gênero não é apenas um desafio da mulher, mas também um exercício da masculinidade, pois homens e mulheres foram marcados pelo processo patriarcal.

Neste sistema construído ao longo de séculos, a mulher foi mais brutalmente destituída de suas condições humanas. Percebemos nesta pesquisa que os conflitos surgidos têm mostrado possibilidades de mudanças. Sabemos que toda mudança leva tempo e nem sempre se concretiza nas proporções imaginadas, ou ainda, pode gerar o oposto das ideias sonhadas e propostas desejadas.

Entrar em contato com as masculinidades vividas no Bairro Nova Lima me fez repensar como estou re-significando minha própria masculinidade, como estou pensando os desafios frente ao feminino, tendo a referência de gênero como dialogal. Olhando a questão historicamente, a partir, principalmente, da década de sessenta do século XX, em especial no Brasil, à medida que as mulheres adentraram ao mercado do trabalho, houve uma série de re-significações nas relações de gênero.

Até então as mulheres viviam no mundo privado, cuidavam dos filhos e das filhas, administravam suas casas e não detinham determinados poderes. O cuidado com os filhos era uma atividade feminina e, nesse sentido, a participação masculina tornava-se restrita. Os valores afetivos eram características femininas, e dificilmente, no contexto familiar, o homem demonstrava afeto para com os filhos.

Agora com o desemprego masculino, com as dificuldades vividas no contexto social podemos perceber que as relações mudaram, como nos declara Muraro (2002) ao ver na mulher e no homem uma nova relação de família que

[...] com a recente ida da mulher para o mercado de trabalho, os homens começam, por sua vez, a entrar no domínio do privado, da casa, principalmente nos países subdesenvolvidos, em alguns setores da classe média moderna. Eles passam, assim, a fazer o trabalho da casa junto com a mulher e a dividir o cuidado das crianças [...] a relação simbólica mãe/filho é dividida. A mãe já não seria a única doadora da vida; a ela se junta o pai. A dependência de meninos e meninas não fica mais a mercê apenas de uma pessoa do sexo feminino, mas também de outra do sexo masculino. Assim, meninos e meninas conseguem desenvolver uma intimidade com pessoas dos dois sexos (MURARO, 2002, p. 246).

Este novo modo de atuar na realidade, devido às modificações trazidas pelas transformações culturais, econômicas e sociais está modificando as relações de gênero. Pude perceber, nas falas dos entrevistados, que os homens têm se tornado mais participantes do mundo privado, e assim senti que os homens ganham um outro modo de encarar suas dificuldades, como em relação à violência, ao medo e à sexualidade. E à medida que ele participa desta realidade, ela se transforma e transforma seu olhar frente à realidade existente.

A relação de gênero ganha com uma nova ordem igualitária, pois a supervalorização do homem, que há tanto tempo foi determinante na cultura patriarcal, que fez os homens absorver a carga econômica e provedora, agora, com o grito feminista, os homens passam a viver mais intensamente experiências afetivas.

Esse processo faz com que as mulheres possam viver o “mundo masculino”, como o homem pode viver o “mundo feminino”, e isso significa que o poderio do homem sempre cultivado no contexto patriarcal, começa a ser desconstruído e, conseqüentemente, re-significado. Com isso os homens poderão assumir seus receios e seus medos. Com essa condição de revelar os medos na relação de gênero, pode-se iniciar a oportunidade da integração entre homens e mulheres, assim a família poderá exercitar no cotidiano, mais exemplos de vida e de partilha.

Talvez assim inauguremos outro modo de olhar o mundo do trabalho, já que a busca do lucro sempre foi o ponto determinante das relações sociais, em que o trabalho seja utilizado como bem de todos. Talvez inauguremos um outro modo de paternidade, no

qual a afetividade e o cuidado possam ser vividos sem tempo determinado e também assim diminuir a violência e aprender a conviver com os medos.

A re-significação da masculinidade está ocorrendo, ou seja, os homens estão mudando. Entretanto, devido ao modelo patriarcal construído ao longo da história e as vantagens que ele representou para os homens, sempre há homens que defendem a sua manutenção. Porém os vários questionamentos frente a este modelo estão fazendo com que os homens percebam que eles são também vítimas, e não estão suportando esse peso. Isso tem provocado atitudes que podem transformar as relações de gênero.

O homem sente a necessidade de passar além das narrativas patriarcais. Ele agora tem procurado focalizar os processos que são traduzidos na articulação com sua esposa, seus filhos com todas as diferenças culturais que possam ajudá-lo a compreender a sua masculinidade.

Lembrando Bhabha (2005), podemos dizer que o local onde se estabelece esta elaboração de estratégia, tanto singular, como coletiva, chama-se de “entre-lugares”, que dão início a novos signos de identidade. É o desejo de reconhecimento, de “outro lugar e de outra coisa”, é o espaço da intervenção que emerge nos intervalos culturais e introduz a invenção criativa dentro da existência.

Os conflitos vividos pelos homens nas relações de gênero têm sido forjados nas fronteiras, desconstruindo o homem provedor, propondo novas relações, re-significações e outras representações.

Entrar em contato com esta realidade social me fez confrontar com as próprias descrições e conceitos de masculinidade, pois constantemente estava falando de um lugar. E isto me fez refletir junto com Hall (2006) que:

[...] Na maior diversidade cultural no âmago da modernidade deve-se ter cuidado para não se reverter simplesmente a novas formas de fechamento étnico. Deve-se ter em mente que a “etnicidade” e sua relação naturaliza com a “comunidade” é outro termo que opera “sob rasura”. Todos nós nos localizamos em vocabulários culturais e sem eles não conseguimos produzir enunciações enquanto sujeitos culturais (HALL, 2006, p. 79).

Diante desse processo, tive que reconhecer minhas limitações e as dos participantes deste trabalho. Estar “sob rasura” significou vários deslocamentos que possibilitaram muitos desencontros. A descoberta proporcionou não um fechamento, mas



uma provisoriedade que pode auxiliar na compreensão da masculinidade. Trabalhar numa área de deslocamento implica reconhecer que o conhecimento nunca é suficiente, mas podemos dizer que a relação dialógica pode transformar a realidade social de homens e mulheres.

Estamos vivendo um porvir, segundo Larrosa (2001), não hifenizado, isto é, contínuo, ligado aos rastros deixados, incontável, incessante. Trata-se de uma produção altamente “bombástica” cujas consequências não têm precedentes. A relação homem e mulher, mesmo não querendo, sempre será envolvida pelo porvir e estará marcada pela descontinuidade, portanto, sem pretensão ao fechamento.

Entendo que as ideias desenvolvidas são de caráter contínuo e em constante construção e trata-se de processo vivido por mim, porém revelam processos que auxiliam na compreensão da masculinidade e também na relação de gênero. Percebemos que as construções de novas identidades são sempre exercitadas, no entanto nem sempre percebidas ou ainda são silenciadas por falta de compreensão. E por isso abandonadas de um dia para o outro. O desafio é revelar as causas e os motivos e respostas frente a realidade. Este caminho é uma marcha constante de muita conquista que todos nós estamos convidados para isso.

## REFERÊNCIAS

- ARRUDA, Ângela. Teorias das representações sociais e teorias de gênero. **Cadernos de Pesquisa**. Rio de Janeiro: UFRJ, n. 117, p. 127-147, novembro, 2002.
- AUAD, Daniela. **Educar meninas e meninos: relações de gênero na escola**. São Paulo: Contexto, 2006.
- BAUMAN, Zygmunt. **Identidade**. Rio de Janeiro: Zahar, 2004.
- \_\_\_\_\_. **O medo líquido**. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.
- BEZERRA DA SILVA, Baldinir. **Homens: razão e sensibilidade - ideologias de gênero e o cuidado com a saúde**. Dissertação de Mestrado. Rio de Janeiro: NESC/UFRJ, 2005.
- BHABHA, Homi K. **O local da cultura**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2005.
- BOGDAN, Robert; BIKLEN, Sari. **Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos**. Porto Alegre: Porto Editora, 1994.
- BOURDIEU, Pierre. A dominação da masculinidade. **Revista Educação e Realidade**, São Paulo: UNICAMP, n. 20, v. 2, p. 133-184, jul./dez., 1995.
- \_\_\_\_\_. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998.
- BUTLER, Judith. Corpos que pensam: sobre discursos do sexo. In. LOURO, Guacira Lopes. **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.
- CHIZZOTTI, Antonio. **Pesquisa em ciências humanas e sociais**. São Paulo: Cortez editora, 2005.
- CONNELL, Robert W. Políticas da masculinidade. **Educação e realidade**, São Paulo, n. 20, v. 2, p. 185-206, 1995.
- FRANCO, Maria Laura P. Barbosa. Porque o conflito entre tendências metodológicas não é falso. **Cadernos de pesquisa**, São Paulo, n. 66, p. 75-80, agosto 1988.
- GARCIA, Sandra Mara. Conhecer os homens a partir do gênero e para além do gênero. In: **Homens e masculinidades: outras palavras**. São Paulo: Editora 34, 2001.
- GONÇALVES, Andréia Lisly. **Historia & gênero**. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.
- HALL, Sturt. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

\_\_\_\_\_. **Da diáspora** - identidades e mediações culturais. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006.

LARROSA, Jorge. Dar a palavra: Notas para uma dialógica da transmissão. In: LARROSA, Jorge; SKLIAR, Carlos. **Habitantes de Babel**. Políticas e poéticas da diferença. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista**: Petrópolis: Vozes, 2004.

\_\_\_\_\_. **O corpo educado: Pedagogias da sexualidade**. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

MACHADO, Lia Zanotta. Masculinidades e violências: Gênero e mal estar na sociedade contemporânea. In: SCHPUN, Mônica Raisa (Org.). **Masculinidade**. São Paulo: Boitempo, 2004.

MARQUES, Heitor Romero et al. **Metodologia da pesquisa e do trabalho científico**. Campo Grande: UCDB, 2006.

MEDRADO, Benedito. Homens na arena do cuidado infantil: imagens veiculadas pela mídia. In: ARILHA, Margareth (Org.). **Homens e Masculinidade**: Outras palavras. São Paulo: Editora 34, 2001.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (Org.). **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. 3.ed. Rio de Janeiro: Hucitec; Abrasco, 1993.

MONICK, Eugene. **Falo: a sagrada imagem do masculino**. São Paulo: Paulinas, 1993.

MURARO, Rose Marie. **Feminino e masculino: uma nova consciência para o encontro da diferença**. Rio de Janeiro: Sextante, 2002.

MUSZKAT, Malvina Ester. Violência de gênero e paternidade. In: ARILHA, Margareth (Org.). **Homens e masculinidades: Outras palavras**. São Paulo: Editora 34, 2001.

NÓBREGA, Terezinha Petrucia da. Qual o lugar do corpo na Educação? Notas sobre conhecimento, progressos cognitivos e currículos. **Educação e Sociedade**, Campinas, v. 26, n. 91, maio/agosto, 2005.

NOLASCO, Socratis. O mito da masculinidade. Rio de Janeiro: Rocco, 1995.

OTTONI, Paulo. **Tradução manifesta: Doublé bind & acontecimentos**. Campinas: UNICAMP, 2005.

PINTO, Celi Regina Jardim. **Uma história do feminismo no Brasil**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2003.

PISCITELLI, Adriana. “Pioneiros”: masculinidades em narrativas sobre fundadores de grupo empresariais brasileiros. In: SCHPUN, Mônica Raisa (Org.). **Masculinidade**. São Paulo: Boitempo, 2004.

RAGO, Margareth. Ser mulher no século XXI ou carta de alforria. In: VENTURINI Gustavo (Org.). **Mulher brasileira nos espaço público e privado**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2004.

- SAFFIOTI, Helieteth I. B. **Gênero, patriarcado, violência**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2004.
- SARAIVA, Karla. **A babel eletrônica** - hospitalidade e tradução no ciberespaço. In: SKLIAR, Carlos. **Derrida & educação**, Belo Horizonte: Autentica, 2005.
- SCOTT, Joan. **Gênero: uma categoria útil de análise histórica**. S.O.S Corpo. Trad. Christiane Rufino e Maria Betânia Ávila, 1989.
- SEM, Amartya. **Desenvolvimento como liberdade**. Trad. Laura Teixeira Motta. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.
- SILVA, Tomas Tadeu da. **Teoria cultural e educação** - um vocabulário crítico. Belo Horizonte: Autentica, 2000.
- SILVA NETO, Norberto Abreu. **As vozes do silenciados: estudos nas fronteiras da antropologia, filosofia e psicologia**. Brasília: Editora Universa, 2007.
- SILVEIRA, Rosa Maria Hessel. A entrevista na pesquisa em educação. In: COSTA, Marisa Vorraber. **Caminhos investigativos II: outros modos de pensar e fazer pesquisa em educação**. Rio de Janeiro: DP&A, 1996.
- SKLIAR, Carlos. **Derrida & educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.
- SORJ, Bila. Percepções sobre esferas separadas de Gênero. In: ARAÚJO, C.; SCALON, C. (Org.). **Gênero, família e trabalho no Brasil**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, v. 1, p. 79-88, 2005.
- STEARNS, Peter N. **História das relações de gênero**. São Paulo: Contexto, 2007.
- THERBORN, Goran. **Sexo e poder: a família no mundo 1900-2000**. São Paulo: Contexto, 2006.
- VILELA, Wilza. O homem que é homem também pega AIDS? In: ARILHA, Margareth (Org.). **Homens e masculinidade: outras palavras**. São Paulo: Editora 34, 2001.
- WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. SILVA, Tomas Tadeu da (Org.). **Identidade e diferença: A perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis: Vozes, 2007.

## **APÊNDICES**

**APÊNDICE A**  
**QUESTÕES PARA ENTREVISTAS INDIVIDUAIS**

1. Data de nascimento.
2. Estado civil.
3. Profissão.
4. Possui filhos?
5. Grau de escolaridade.
6. Quantas pessoas moram junto? Na mesma casa?
7. Quais eram os sonhos, as pretensões quando era mais jovem?
8. E hoje quais são?
9. Quais as maiores dificuldades que um homem encontra?
10. Como a família se organiza perante as responsabilidades da casa?
11. Como são tomadas as decisões?
12. Como são resolvidas as dificuldades passadas pela família? Quem toma a atitude?
13. Existe em sua família alguma divisão de atividades?
14. Em sua história teve algum acontecimento marcante que o fez se sentir incapaz, impotente?
15. Atualmente, quando ocorre uma situação de dificuldade, como isso é resolvido?
16. Existe alguma atitude que no passado foi considerada não adequada e que hoje você acha que é comum?
17. É importante ser pai? Quais as dificuldades e alegrias?
18. Existe diferença entre a educação que você recebeu e de como educa seu filho hoje?
19. Complete a frase: Para ser considerado um bom pai eu preciso...
20. De quem é a responsabilidade de educar os filhos em sua casa?
21. Tem alguma diferença para educar filhos menino ou menina? Por quê?
22. Você conhece alguém que é homossexual?
23. Já conversou ou conviveu com algum deles?

24. Como você vê estas pessoas?
25. Como você cuida da sua saúde?
26. Você já foi ao médico? Qual?
27. Lembra-se da sua última consulta?
28. Quando você era solteiro como se divertia?
29. Teve muitas namoradas?
30. Como você as conquistava?
31. E hoje você ainda se diverte como antigamente?
32. Como você se imagina daqui a dez anos?
33. Relate: qual foi a sensação de responder estas perguntas?
34. Você é feliz?

## APÊNDICE B

### QUESTÕES PARA O GRUPO FOCAL

#### REALIDADE

1. Conte um pouco como veio morar em Campo Grande.
2. Quais as maiores dificuldades que você encontra para sobreviver?
3. Qual maior dificuldade de ser homem hoje?

#### PATERNIDADE

1. Você pode falar a sua experiência de ser pai?
2. De quem é responsabilidade d cuidar dos filhos?
3. Quais os desafios de educar um filho hoje?

#### VIOLÊNCIA

1. Em que tipo de violência você se vê envolvido no dia- a- dia ou em casa ?
2. Quais as causas prováveis da violência ?

#### TRABALHO

1. O que você pretendia e se sonhava quando era mais jovem.
2. Como é ter que dividir as despesas da casa com a esposa.
3. Fale sua experiência sobre ficar desempregado.

#### ESPERANÇA

1. Como será sua vida daqui a dez anos?
2. Qual o seu maior sonho e o que deseja para sua família?
3. Para você o que é felicidade?

#### MEDO

1. Conte algum momento de sua vida em que teve medo, se sentiu incapaz.
2. Quando você se sente inseguro, você pede ajuda para alguém?
3. Por que alguns homens se sentem fracassados, impotentes?